

## **(Re)Utilizar**

O Edifício da Companhia Leiriense de Moagem  
antigo Convento de S. Francisco de Leiria



**DAVIDE ANTÓNIO GAMEIRO DE JESUS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

Orientação: Professor Doutor Rui Pedro Mexia Lobo

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra

Coimbra, Junho de 2012









## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador,

o Professor Doutor Rui Lobo, pela simpatia, disponibilidade, orientação e contributo indispensável para esta dissertação.

Aos meus pais, irmãos e cunhado,

a quem devo o que sou e por todo o apoio ao longo deste percurso.

Aos meus sobrinhos,

não por terem feito algo de especial, mas por serem especiais.

À Marta,

pelo carinho, dedicação, compreensão e apoio em todos os momentos.

Aos meus amigos e colegas,

os que comigo partilharam a experiência académica, e os que sempre me acompanharam e me são indispensáveis.

A todos os que directa ou indirectamente contribuíram para esta dissertação, o meu reconhecimento.



## ÍNDICE

Introdução .....	5
Capítulo I – Convento de S. Francisco de Leiria .....	11
1.1 _ Fundação do Convento .....	11
Enquadramento Histórico .....	11
Edifício Conventual .....	15
Possível Organização do Complexo Conventual .....	21
1.2 _ O Convento na Evolução Urbana de Leiria .....	27
Da Fundação ao Século XIX .....	27
O Lugar .....	37
Capítulo II – Companhia Leiriense de Moagem .....	41
2.1 _ Transição do Convento para Moagem .....	41
2.2 _ Korrodi; Korrodi e o Património .....	45
Breve Biografia .....	45
Korrodi e o Património .....	55
2.3 _ O Projecto de Transformação em Moagem .....	61
Capítulo III – Enquadramento do Projecto .....	69
3.1 _ O Lugar Hoje .....	69
Evolução Urbana de Leiria no Século XX .....	69
Área de Intervenção .....	77
3.2 _ Conceito Base .....	81
Intervenção no Património Industrial .....	81
Central Eléctrica do Freixo .....	87
<i>Matadero</i> de Madrid .....	89
LX Factory .....	93
Capítulo IV – Estudo Prévio – Proposta de Reutilização.....	101
4.1 _ Programa .....	103
4.2 _ Proposta .....	107
Preexistências .....	107
Implantação .....	109
Distribuição do Programa .....	111
Desenhos .....	121
Bibliografia .....	141
Anexos .....	153



## INTRODUÇÃO

Na procura de um tema e objecto de estudo que pudesse ser interessante para a elaboração desta dissertação, surge de forma quase natural um monumento de interesse e valor histórico na cidade de Leiria, a antiga Companhia Leiriense de Moagem. A escolha deste edifício em particular, justifica-se por vários motivos, entre eles a ligação pessoal à cidade do Lis, e também o facto deste edifício sempre me ter despertado bastante interesse pela imponência que apresenta e por, inexplicavelmente, se encontrar desocupado e desprezado.

Desta forma, surge a ideia de usar a antiga moagem como base para a elaboração desta dissertação, permitindo que para além da realização de uma componente teórica, relacionada com a história do próprio edifício e da intervenção no património, seja possível realizar ao mesmo tempo uma proposta mais prática, com a elaboração de um projecto de intervenção ao nível de estudo prévio.

A documentação relativa a este monumento é muito escassa, apenas existindo referências em algumas publicações e documentos que se encontram dispersos e por vezes inacessíveis. A nível gráfico foi possível aceder ao projecto





elaborado por Ernesto Korrodi, em 1920, para a transformação do antigo Convento de S. Francisco na moagem, que se encontra no Arquivo Distrital de Leiria, e ao levantamento do estado actual do edifício da Companhia Leiriense de Moagem, gentilmente cedido pelo Arquitecto António Garcia, com a devida anuência dos proprietários do complexo industrial.

Actualmente o edificado tem classificação de Imóvel de Interesse Público e é propriedade privada, podendo ser apreciado apenas pelo seu exterior, que inevitavelmente apresenta sinais de abandono e desprezo, fruto de mais de duas décadas de desocupação. O facto de ser propriedade privada dificultou o estudo e a análise do interior da antiga moagem, que apenas foi possível realizar através da observação de fotografias, cedidas uma vez mais pelo Arquitecto António Garcia, uma vez que o acesso ao interior foi impossível.

Os principais objectivos desta dissertação passam, numa primeira fase, pela elaboração de um documento síntese da história geral deste monumento, desde a sua fundação conventual ao seu estado actual. Com esta meta, torna-se viável a inclusão neste trabalho dos elementos gráficos elaborados por Korrodi para o projecto de transformação, e que não se encontram publicados ou editados, contribuindo assim para um conhecimento mais profundo quer da evolução e transformação de que o antigo convento foi alvo, quer da própria obra do arquitecto suíço, que foi um dos grandes “maestros” da modernização da cidade de Leiria no início do século XX. Numa segunda fase, pretende-se realizar uma vertente mais prática, através da apresentação de uma possível proposta de reutilização para as abandonadas instalações da antiga moagem.

Desta forma, o trabalho é dividido em quatro capítulos, incidindo os dois primeiros na vertente histórica do edifício e os dois últimos orientados para a componente mais prática.

Neste contexto, o primeiro capítulo, “Convento de S. Francisco de Leiria”, consiste no enquadramento histórico dos Franciscanos na realidade leiriense, fazendo referência à fundação do convento no séc. XIV e à evolução que foi sofrendo ao longo dos séculos, fruto de constantes obras de beneficiação.



É também apresentado o contexto do convento na evolução urbana de Leiria até ao séc. XIX, altura em que as ordens religiosas são extintas em Portugal.

O segundo capítulo, “Companhia Leiriense de Moagem”, incide no processo de transição do convento para moagem, sob um projecto elaborado por Ernesto Korrodi. O arquitecto é aqui referido através de uma breve biografia e da sua relação com o património, que serve de base para o ponto sobre o projecto de transformação em moagem, onde é realizada uma análise do projecto, apoiada pela inclusão dos elementos gráficos que se encontram no Arquivo Distrital de Leiria.

O terceiro capítulo, “Enquadramento do Projecto”, marca a transição do conteúdo teórico do trabalho para a sua vertente mais prática. Aqui é apresentada a evolução urbana de Leiria no século XX e a influência que essa evolução apresenta na área do antigo convento. Num segundo ponto é apresentado o conceito base da intervenção, fazendo referência à intervenção em património industrial e expõem-se três casos de estudo que servem de base para a proposta prática. Os casos referidos são a Central Eléctrica do Freixo, no Porto, o *Matadero* de Madrid, em Espanha, e de forma mais aprofundada o caso da LX Factory, em Lisboa.

O quarto e último capítulo, “Estudo Prévio – Proposta de Reutilização” consiste na proposta de intervenção/reutilização, sendo apresentado o programa a implementar, a relação da proposta com as preexistências, a implantação e a distribuição programática. Para finalizar, este capítulo vem devidamente acompanhado pelos elementos gráficos que traduzem de forma prática o projecto.



## CAPÍTULO I – CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE LEIRIA

### 1.1 \_ Fundação do Convento

#### **Enquadramento Histórico**

A Ordem dos Frades Menores (O.F.M), ou Franciscanos, foi fundada por S. Francisco de Assis, segundo uma regra própria, aprovada oralmente pelo Papa Inocêncio III em 1210. No entanto, seria o seu sucessor, o Papa Honório III a expedir a Regra Bulada da Ordem dos Frades Menores em 1223. Esta nova ordem fazia votos de pobreza, castidade e obediência, e a sua pastoral era fundamentalmente voltada para os mais pobres e necessitados, junto dos quais estabeleciam os seus complexos conventuais.

Segundo consta, terão sido os frades franciscanos Frei Gualter e Frei Zacarias de Roma os primeiros a entrar em Portugal, chegando ao território luso por volta do ano de 1217, após o Capítulo Geral da Ordem, realizado em Assis, na festa de Pentecostes desse mesmo ano, e que culminou com o envio de irmãos por toda a Europa, pregando a pobreza e a penitência.

A entrada dos franciscanos em Leiria, remonta ao início do séc. XIII, sendo referido que “o evento deve ter sucedido por 1232, encontrando-se a respectiva



Imagem 1 – Padrão de S. Francisco, do séc. XVII, transferido do antigo convento aquando da transformação em moagem, actualmente situado em frente ao Convento da Portela.

casa em construção no início do ano seguinte”<sup>1</sup>. O aparecimento dos Frades Menores num ambiente marcadamente mais urbano como era o caso leiriense, pode ser justificado pela nova orientação da ordem, que levava a procurar centros mais urbanizados em detrimento das áreas rurais, onde por norma se estabeleciam<sup>2</sup>, sem nunca descurar a propensão da ordem franciscana de trabalhar entre os mais pobres e desfavorecidos.

Deste modo, parece certo que o primeiro cenóbio leiriense poderia já estar em construção, como refere Saul António Gomes, nos inícios de 1233, uma vez que nas bulas papais expedidas pelo Papa Gregório IX nesse mesmo ano, é determinado “que os religiosos franciscanos não fossem molestados e lhes deixassem construir o seu convento.”<sup>3</sup> Estas bulas tinham como principal objectivo acabar com a perseguição de que eram alvo os Frades Menores por parte dos cónegos regrantes de St.<sup>a</sup> Cruz de Coimbra, que se opuseram constantemente à sua fixação não só em Leiria mas também em Coimbra. Além da protecção papal, os frades franciscanos viriam a contar mais tarde com a protecção régia, principalmente da parte do Rei D. João I e sua esposa D. Filipa de Lencastre<sup>4</sup>.

Apesar de ser apontada a Gafaria de Santo André como local onde primeiramente se estabeleceram os franciscanos, não está totalmente comprovada esta localização. No entanto, é certo que um novo complexo conventual terá sido edificado na actual localização entre 1370 e 1380, como refere Afonso Zúquete, que aponta para o ano de 1374 ou o “*Couseiro*” que aponta o ano de 1384, não havendo um consenso quanto à data definitiva.

---

<sup>1</sup> Gomes, Saul António \_ **O Convento de S. Francisco de Leiria na Idade Média**, *Separata Itinerarium*, XL (1994) Braga, 1994. P 339

<sup>2</sup> *Ibidem*. P. 339

<sup>3</sup> Zúquete, Afonso \_ **Monografia de Leiria: A Cidade e o Concelho 1950**, Folheto, Edições & Design 2003. P. 153

<sup>4</sup> “...e morrendo sem filhos el-rei D. Fernando, de quem era irmão natural, matou conde Andeiro e tomou a defesa do reino, e com efeito foi levantado rei, e casou com D. Filippa, filha do Duque de Alencastre, neta d’el-rei de Inglaterra, sem advertir que era necessário dispensar-se, porque tinha feito voto de castidade na profissão do hábito; depois de casado o fez, e o Papa o dispensou com obrigação de mandar fazer três conventos de frades ou freiras á sua custa, e como era muito devoto d’este habito de S. Francisco, mandou fazer este convento para trinta frades; e o outro se desfez...”

**O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria**, Braga, 1868. P. 81 e 82



Imagem 2 – Rei D. João I.



Ainda no decorrer do séc. XIV, começa a surgir em Leiria a Ordem Terceira de S. Francisco<sup>5</sup>, que se distinguiu por ser fundamentalmente composta por leigos que se dedicavam à causa franciscana.

A mudança da localização inicial, na margem direita do rio, para este novo lugar, foi principalmente causada pelas constantes inundações provocadas pelo Lis. Como consequência deste problema, começou-se a construir um novo convento, mais perto da cidade, onde ainda hoje se situa a igreja de S. Francisco e o antigo convento adaptado a fábrica no início do séc. XX, com um projecto de Ernesto Korrodi.

### **Edifício Conventual**

Apesar de não haver uma data consensual para a edificação do novo convento franciscano, é certo referir que este complexo foi fortemente apoiado pelo Rei D. João I e sua esposa D. Filipa de Lencastre. A ligação deste monarca quer com os franciscanos, quer com a vila leiriense, é fortemente justificada “pela importância que então assumira a vila, onde tinha a sua sede a administração das grandiosas obras do convento da Batalha”<sup>6</sup>, referindo-se naturalmente ao Mosteiro da Batalha, majestosa obra do gótico em Portugal, mandado edificar pelo mesmo rei como agradecimento à Virgem Maria pela vitória na Batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385, que lhe assegurou o trono e garantiu a independência do reino face à ameaça de Castela.

Pela mão de Fr. João de Xira, confessor régio, iniciou-se uma nova fase na vida conventual dos franciscanos leirienses por volta do ano de 1400, passando o convento de claustral a observante. O aparecimento deste novo movimento da observância, data do Concílio Ecuménico de Viena (1311-1312), e resulta entre os Franciscanos no aparecimento de duas correntes, o conventualismo (claustral)

---

<sup>5</sup> Gomes, Saul António \_ **O Convento de S. Francisco de Leiria na Idade Média**, *Separata Itinerarium*, XL (1994) Braga, 1994. P 411

<sup>6</sup> Zúquete, Afonso \_ **Monografia de Leiria: A Cidade e o Concelho 1950**, Folheto, Edições & Design 2003. P. 33



Imagem 3 – Fachada principal do convento e igreja de S. Francisco.



Imagem 4 – Brasão de armas de D. João I na fachada da Igreja de S. Francisco em Leiria.

e a observância. Os Observantes defendiam o encontro com o ideário primitivo de S. Francisco, e desta forma os seus conventos pautavam-se pela simplicidade e austeridade, dando preferência à oração e à pregação popular, ou seja, o regresso à pastoral nos meios mais ermos.

No séc. XV o convento sofre obras de reforma e beneficiação, sob o patrocínio régio de D. João I e sua esposa, que ampliaram a igreja, “estendendo-se pelo campo”<sup>7</sup>, passando os seus brasões a encimar o portal gótico poente da ermida, tal como aconteceria no Mosteiro da Batalha, e que ainda hoje estão presentes na fachada da igreja franciscana.

O ano de 1475 é um dos mais árduos para os frades franciscanos de Leiria, pois ocorre uma grande inundaçãõ que “ «arrasou muitas casas, paredes, moinhos e quanto encontrou pela frente» vindo o cenóbio a sofrer graves danos”<sup>8</sup>, de que apenas foi possível recuperar graças ao auxílio régio e de particulares da vila leiriense, tendo-se realizado obras na “capela-mor, cerca conventual, aposentos, aqueduto das águas, e de ampliação do dormitório e da cabeceira da igreja.”<sup>9</sup>

Sensivelmente a meio do séc. XVI foram realizadas importantes obras de reestruturação, às quais se deve, em grande medida, o convento que chegou a meados do séc. XIX. Nomeadamente a igreja, que seria refeita e posteriormente sagrada no ano de 1562 por D. Luiz de Normão<sup>10</sup>, segundo uma inscrição colocada junto ao portal principal. Estas obras foram acrescentadas por intervenções posteriores, particularmente “ as obras seiscentistas (1668) ou as setecentistas dum barroco já tardio e tendencialmente rococó...”<sup>11</sup>. Para além da igreja, também nos anexos conventuais permanecem marcas do trabalho seiscentista, nomeadamente na pedraria dos vãos do dormitório e nas duas alas

---

<sup>7</sup> Gomes, Saul António \_ **O Convento de S. Francisco de Leiria na Idade Média**, *Separata Itinerarium*, XL (1994) Braga, 1994. P. 426

<sup>8</sup> *Ibidem*. P. 427

<sup>9</sup> Pereira, Jaqueline \_ **Relatório dos trabalhos de arqueologia realizados no interior da antiga moagem de Leiria, antes Convento de S. Francisco**, Julho de 2004. P. 20

<sup>10</sup> **O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria**, Braga, 1868. P. 84

<sup>11</sup> Gomes, Saul António \_ **O Convento de S. Francisco de Leiria na Idade Média**, *Separata Itinerarium*, XL (1994) Braga, 1994. P. 434



Imagem 5 – Altar da Capela dos Terceiros, na igreja de S. Francisco.



Imagem 6 – Brasão da Ordem Terceira de S. Francisco presente na fachada das dependências desta ordem

do antigo claustro que subsistiram até aos dias de hoje, e que fazem agora parte de um simples pátio.

Pela data indicada no entablamento que encima o arco-triunfal e antecede a capela-mor, onde está registado o ano de 1668, é de crer que nesta época tenham sido elaboradas mais algumas reformas na igreja, nomeadamente ao nível do coro-alto e do próprio arco. Uma das possibilidades apontadas como sendo uma provável alteração efectuada nesta época, é a elevação do arco em 2 metros, já que, segundo se pensa, todo o complexo conventual teria sido elevado para fazer frente às recorrentes cheias provocadas pelo rio. No entanto, esta alteração não aparece datada com precisão e carece de documentação que a comprove. Terá sido neste último período de obras (1668) que a grande maioria da materialidade gótica da nave da igreja se desvaneceu, permanecendo contudo, “...um certo espírito goticista através dos vãos de iluminação que imitam as arcarias quebradas de anteriores janelas medievais.”<sup>12</sup>

Por volta do ano de 1719, a Ordem Terceira terá igualmente proporcionado obras na igreja, nomeadamente na capela situada no sub-coro, possivelmente construída em 1585 por Matheus Trigueiros, actualmente capela dos Terceiros.<sup>13</sup> Ainda em 1719 terão sido aumentadas, por patrocínio da Ordem Secular e ligadas às dependências desta mesma ordem, sacristia, refeitório e cozinha, “cujo corpo avançou sobre o adro da igreja”<sup>14</sup>, como comprova a data que se encontra abaixo do brasão desta ordem na fachada poente deste corpo.

O ano de 1755 foi funesto para a grande maioria do reino, devido ao grande terramoto, não ficando alheios a esta desgraça os frades menores de Leiria, cujo convento sofreu graves danos pela segunda vez desde a sua fundação. Fruto desta nova vaga de destruição, grandes obras foram levadas a cabo na igreja, nomeadamente na frontaria. Foi levantado novo coro-alto que chegou até aos nossos dias, assim como a galilé que sofreu grandes obras.

---

<sup>12</sup> Gomes, Saul António \_ **O Convento de S. Francisco de Leiria na Idade Média**, Separata Itinerarium, XL (1994) Braga, 1994. P 436

<sup>13</sup> Pereira, Jaqueline \_ **Relatório dos trabalhos de arqueologia realizados no interior da antiga moagem de Leiria, antes Convento de S. Francisco**, Julho de 2004. P. 11

<sup>14</sup> *Ibidem*. P. 21



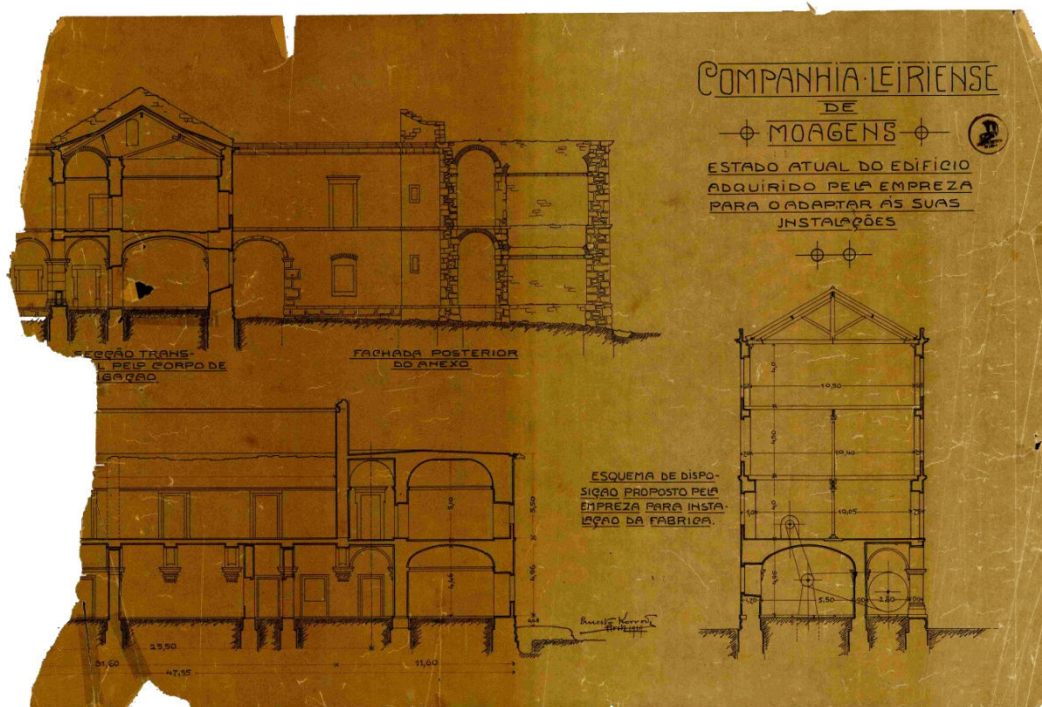


Imagem 7 – Cortes do levantamento do estado do convento de S. Francisco elaborados por Ernesto Korrodi.

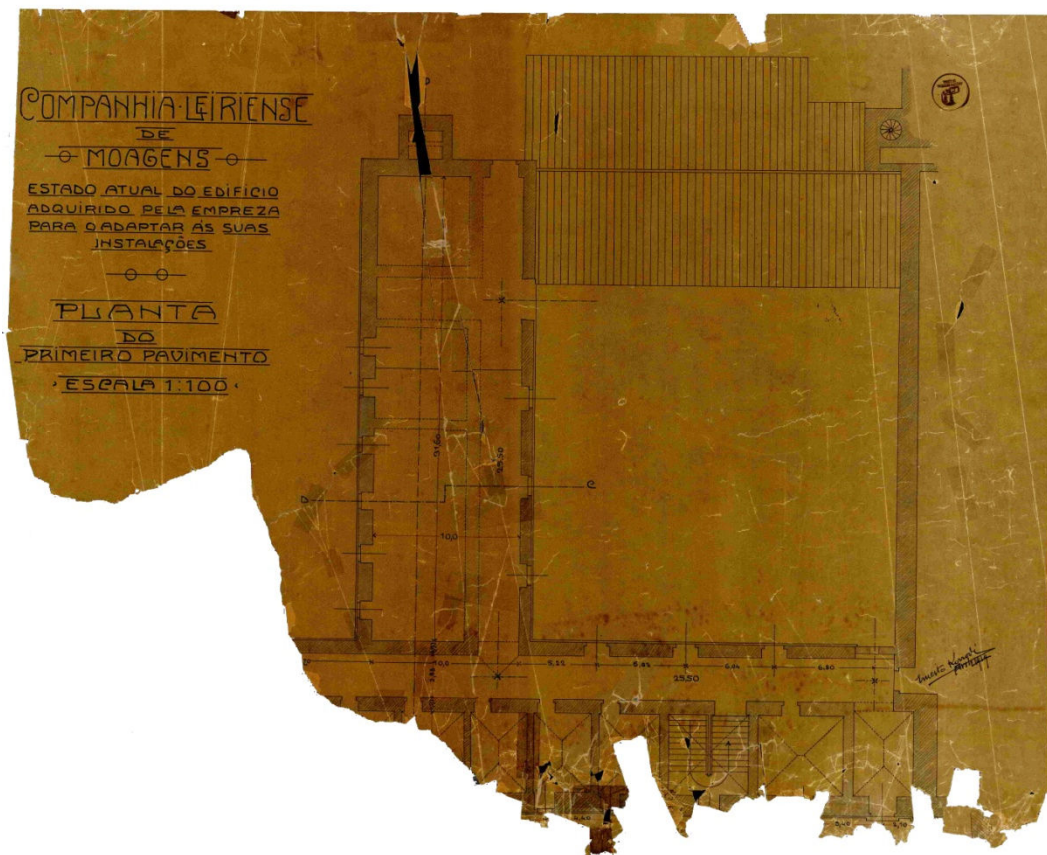


Imagem 8 – Planta do levantamento do estado do convento de S. Francisco elaborados por Ernesto Korrodi.

Na década de 70 do séc. XVIII terão sido eliminadas também duas das alas do claustro, algo que é consistente com o que subsistiu até aos dias de hoje, e também com os registos elaborados por Ernesto Korrodi, no levantamento feito para a realização do projecto de transformação do convento na fábrica de moagem. Certo é, que com a eliminação destas alas se terão perdido algumas capelinhas e sepulturas de gente nobre da cidade, assim como um tanque setecentista ou oitocentista.<sup>15</sup>

Desde a sua fundação, as obras neste convento prolongaram-se durante vários séculos, e quando acabava uma, imediatamente outra se impunha começar, pelo facto de algumas partes do conjunto conventual se irem degradando, quer com o tempo, quer pela agressividade de agentes naturais, para o qual muito contribuiu o rio e as constantes inundações por ele provocadas. É possível que em 1834, com a extinção das ordens religiosas, as obras ainda não estivessem concluídas<sup>16</sup>, sintoma do constante labor no edifício.

Com a vitória do Liberalismo, e através do decreto redigido pelo Ministro da Justiça e assinado por D. Pedro IV, são declaradas extintas as ordens religiosas em Portugal no ano de 1834, e todos os seus bens são incorporados na Fazenda Nacional. Devido a este decreto, os frades leirienses foram obrigados a abandonar o seu convento, ficando este votado ao abandono durante vários anos, sendo entregue em 1851 à Câmara Municipal de Leiria<sup>17</sup>, que aí pretendia instalar os Paços do Concelho, a cadeia municipal e o tribunal, ainda que apenas a cadeia tenha sido aí instalada durante algum tempo.

### **Possível Organização do Complexo Conventual**

Sobre a organização do edifício conventual pouco se conhece, e o que se sabe é baseado sobretudo em suposições e por comparação com outros

---

<sup>15</sup> Pereira, Jaqueline \_ **Relatório dos trabalhos de arqueologia realizados no interior da antiga moagem de Leiria, antes Convento de S. Francisco**, Julho de 2004. P. 21

<sup>16</sup> Zúquete, Afonso \_ **Monografia de Leiria: A Cidade e o Concelho 1950**, Folheto, Edições & Design 2003. P. 154

<sup>17</sup> *Ibidem*. P. 154

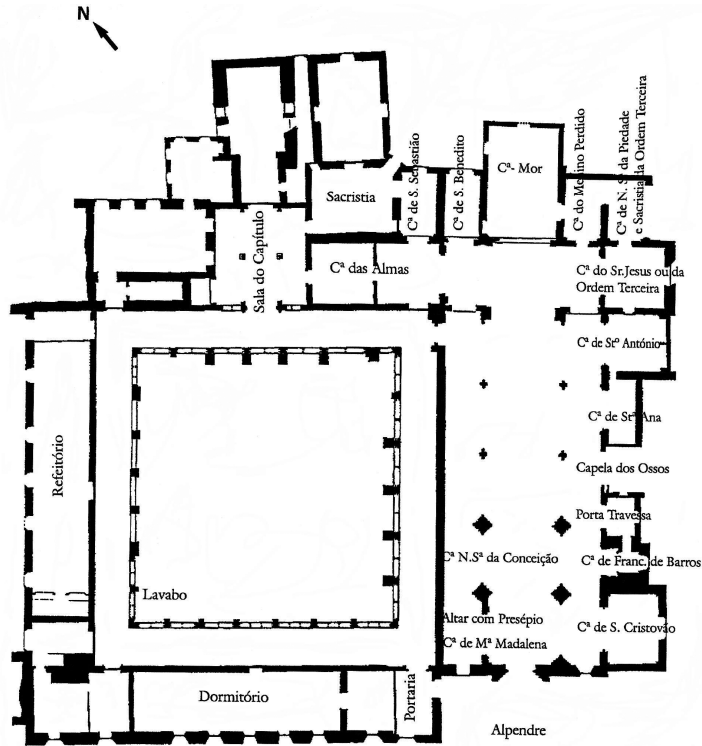


Imagem 9 – Planta do Convento e Igreja de S. Francisco de Santarém.



Imagem 10 – Fachada principal do Convento de S. Francisco de Tomar.

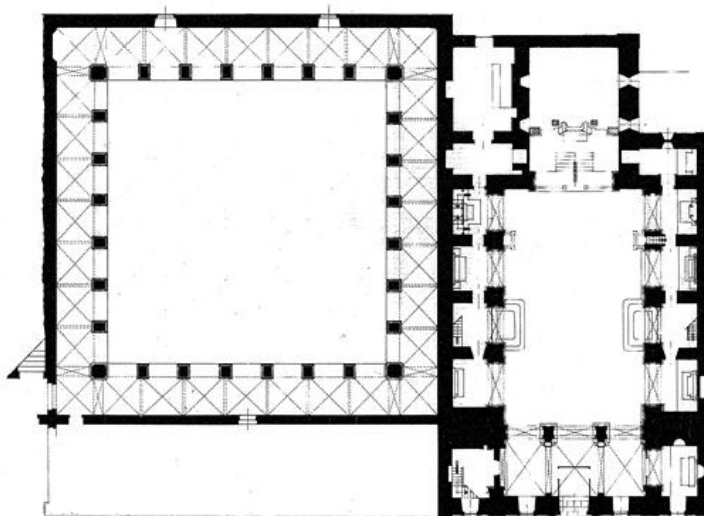


Imagem 11 – Planta do Claustro e Igreja de S. Francisco de Tomar.



complexos conventuais da mesma ordem, como é o caso dos conventos franciscanos de Santarém (séc. XIII) e de Tomar (séc. XVI).

Apenas foi possível recuperar uma planta e um corte parciais de um levantamento efectuado por Ernesto Korrodi no início do séc. XX, quando o arquitecto foi incumbido de elaborar o projecto de transformação do convento na fábrica de moagem.

Outro documento que permite tirar algumas conclusões sobre a possível organização conventual é o relatório de arqueologia efectuado por Jaqueline Pereira em 2004, nas instalações da moagem.

Através da observação destes dois elementos e das plantas do estado actual do edifício, pode-se de certa forma definir uma possível organização para o convento leiriense.

No aspecto geral sabe-se que o convento apenas tinha dois pisos e que o ritmo dos vãos das fachadas terá sido mantido por Ernesto Korrodi na transformação. Do edifício conventual do séc. XIX fazia parte a volumetria em forma de “T” que hoje compõe a moagem e um corpo de apenas um piso que rematava o antigo claustro a Nascente, onde hoje se encontra o celeiro. É possível que as alas Nascente e Sul do claustro do antigo convento tivessem caído como consequência do terramoto de 1755.

No piso térreo do antigo convento estaria localizada a portaria, que teria uma ligação com a galilé da igreja, actualmente entaipada. Segundo o referido estudo arqueológico, a cozinha estaria localizada no corpo a Norte, onde actualmente se encontra a agência do BPN<sup>18</sup>, ocupando o refeitório grande parte do corpo paralelo à igreja. O volume voltado a Poente era ocupado pela já referida portaria e pelas escadas, único ponto de ligação vertical entre os dois pavimentos, e que foram mantidas na moagem. A ocupar o restante espaço do piso térreo deste volume, deveriam existir algumas celas ou salas de estudo/trabalho. No corpo que rematava o claustro a Nascente, de um só piso,

---

<sup>18</sup> Pereira, Jaqueline \_ **Relatório dos trabalhos de arqueologia realizados no interior da antiga moagem de Leiria, antes Convento de S. Francisco**, Julho de 2004. P. 2

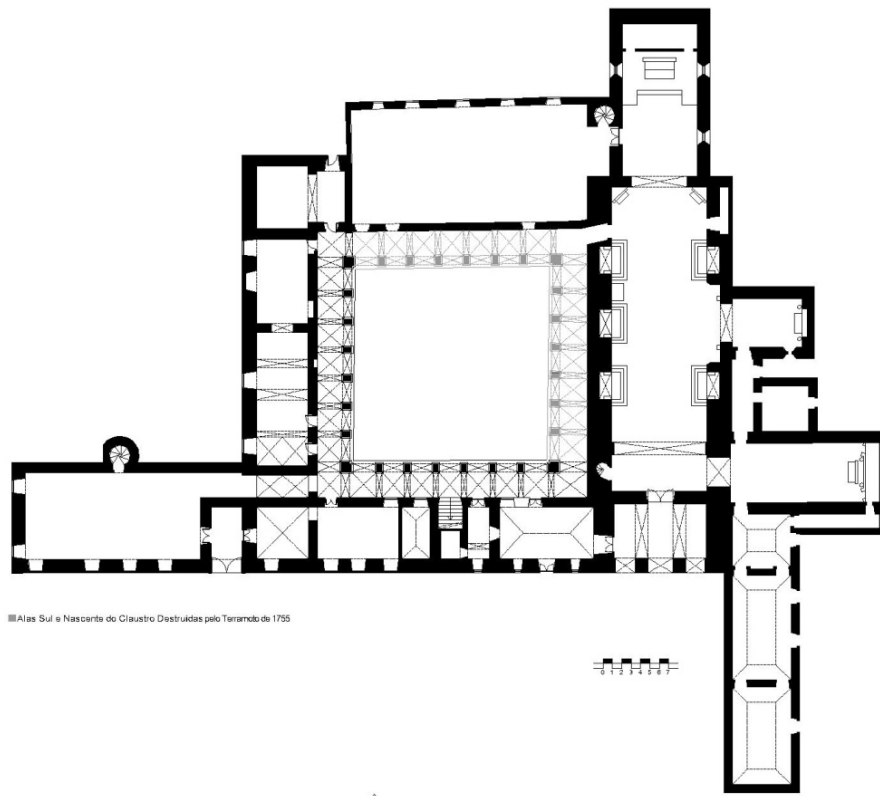


Imagem 12 – Planta Hipotética do Piso Térreo do Convento de S. Francisco de Leiria no séc. XIX (com reconstituição das alas Sul e Nascente do claustro).

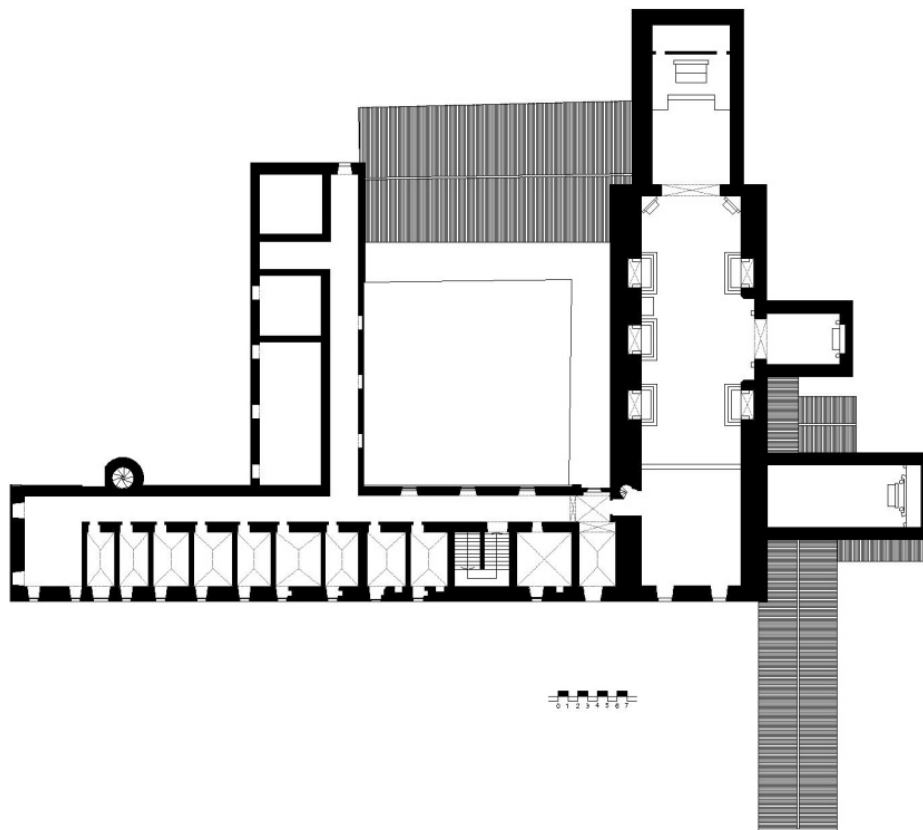


Imagem 13 – Planta Hipotética do Primeiro Piso do Convento de S. Francisco de Leiria no séc XIX.

deveriam estar localizadas algumas oficinas, além de capelas tumulares e muito provavelmente a Sala do Capítulo<sup>19</sup>, voltada para a correspondente ala do antigo claustro, destruída pelo terramoto de 1755.

O piso superior seria sobretudo destinado às celas dos religiosos, principalmente no corpo voltado para Poente, algo que pode ser deduzido pelo ritmo dos vãos nesta fachada e pela observação da planta de levantamento elaborada por Korrodi, onde se nota uma compartimentação acentuada desta área. Ainda por observação da mesma planta, nota-se que o corpo paralelo à igreja apresenta três compartimentos de maior área, desconhecendo-se no entanto qual a função que lhes estaria destinada.

---

<sup>19</sup> Pereira, Jaqueline \_ **Relatório dos trabalhos de arqueologia realizados no interior da antiga moagem de Leiria, antes Convento de S. Francisco**, Julho de 2004. P. 17

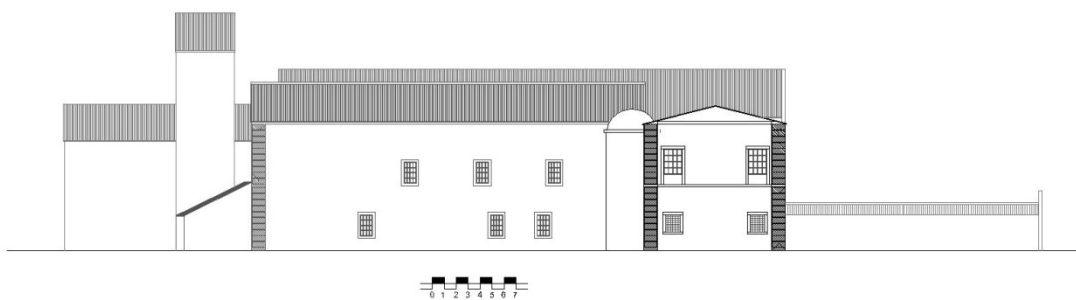
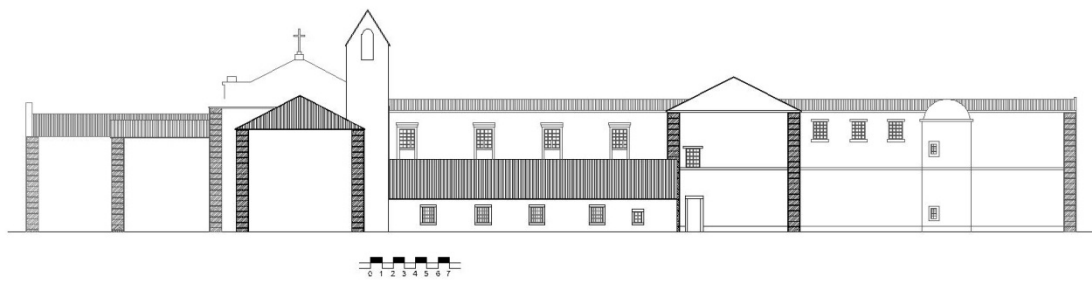
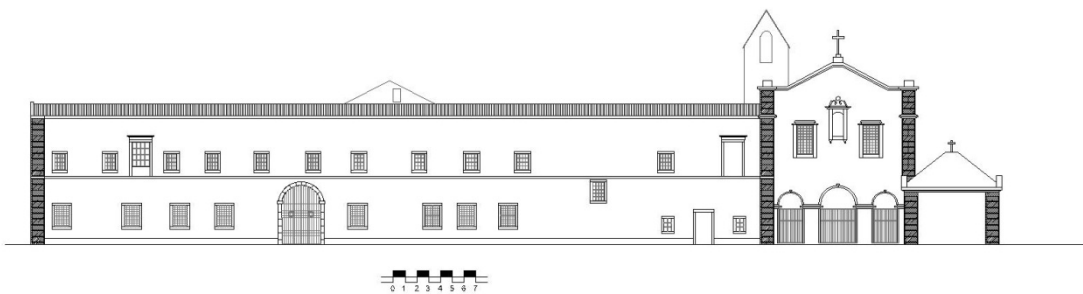


Imagem 14, 15 e 16 – Possíveis Alçados do Convento de S. Francisco de Leiria no séc. XIX.

## 1.2 \_ O Convento na Evolução Urbana de Leiria

### Da Fundação ao Século XIX

Leiria surge no panorama do reino português como uma cidade de importante localização estratégica na defesa do território. “Foi no ano de 1135 que D. Afonso Henriques edificou o castelo para conter a audácia dos sarracenos vizinhos. Este situava-se no cimo da escarpa, coroando-a em forma de pentágono.”<sup>20</sup>

Inicialmente, a população apenas se fixou no interior do núcleo amuralhado, devido ao clima de insegurança que se vivia, fruto das constantes investidas dos mouros. Só após as conquistas de Santarém e de Lisboa, em 1147, e com o conseqüente aumento de poder do Rei D. Afonso Henriques, a cidade de Leiria começa a perder a sua génese defensiva e militar, levando a população a libertar-se do sentimento de insegurança e alargando o seu domínio territorial para além do núcleo protegido. Esta expansão terá levado as gentes leirienses ao encontro de terras mais perto do rio, zona mais profícua à agricultura, que se tornou um dos motores da economia desta região naquela época.

Os primeiros núcleos extramuros terão surgido junto da igreja de Santiago<sup>21</sup>, e “por volta de 1211, já estava fundada a igreja de Santo Estevão que funcionou como embrião de outro importante núcleo medieval.”<sup>22</sup> A malha urbana leiriense ter-se-á tornado mais densa no lado sul do castelo, como se pode comprovar actualmente, já que a essa zona corresponde o centro histórico. Tanto a função religiosa como a comercial tiveram um inquestionável e preponderante papel no crescimento e evolução destes aglomerados, pelo facto de nesta época as igrejas assumirem um forte papel na organização e criação dos núcleos urbanos, uma vez que era junto destas que as populações geralmente se estabeleciam, levando como acontece em Leiria no início do

---

<sup>20</sup> Margarido, Ana Paula \_ **Leiria: História e Morfologia Urbana**, Leiria: Câmara Municipal, 1988. P. 40

<sup>21</sup> *Ibidem*. P. 43

<sup>22</sup> *Ibidem*. P. 44

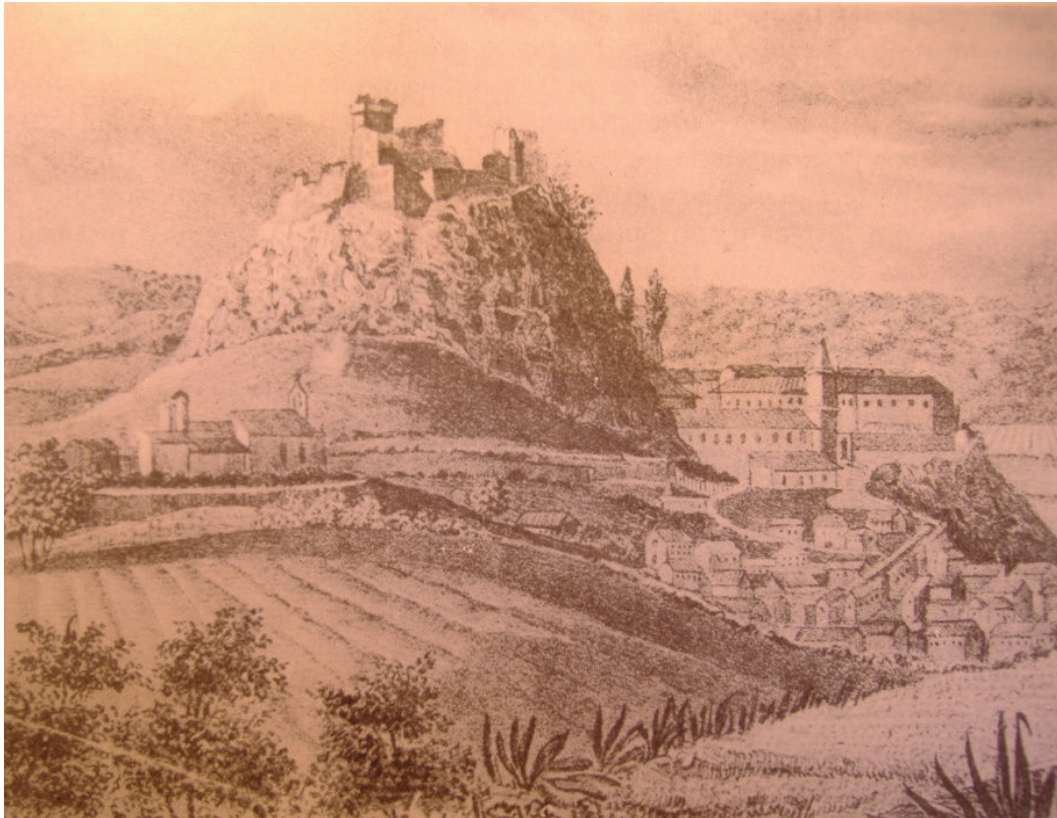


Imagem 17 – Morro do Castelo e o núcleo medieval a Sul.



Imagem 18 – Igreja de Santa Maria da Penha, no interior das muralhas do castelo de Leiria.

séc. XVIII, ao aparecimento das paróquias de S. Pedro (dentro das muralhas do castelo), Santiago, Santo Estevão e S. Martinho. O *Couseiro* refere mesmo que, “é à sombra da Igreja que a cidade cresce e se desenvolve.”

Quando aqui chegaram, os primeiros franciscanos instalaram-se “não no interior das muralhas ou junto das igrejas paroquiais da várzea, mas na periferia, na margem da cidade, em campo despovoado onde mais facilmente poderiam construir estruturas de apoio a uma pastoral voltada para os mais pobres.”<sup>23</sup> No entanto, numa primeira fase pressupõe-se que se terão instalado numa zona ainda mais remota, na Gafaria de Santo André, onde existiria uma pequena ermida. Este local ficava do lado direito do Lis, passando a ponte do Arrabalde, a Norte do castelo. Como já foi referido, os frades viriam mais tarde a mudar-se para um novo convento, construído no Rossio Velho, ainda assim, uma zona afastada da população, sendo relatado que “usaram aqui a mesma solução que praticavam por toda a Europa. De facto, os Franciscanos instalavam-se sempre nos subúrbios das cidades, ainda que rapidamente dessem origem a um novo bairro, o que não aconteceu em Leiria.”<sup>24</sup>

A influência que os Frades Menores tiveram na cidade, reflectia-se não só a nível religioso, espiritual ou de assistência social, mas também na organização e estruturação do urbanismo leiriense da época, uma vez que “as tentativas dos leirienses em construir habitações junto da cerca conventual ou mesmo da igreja (...) foram sendo goradas pela oposição dos frades.”<sup>25</sup>

Outro factor de grande importância para a evolução e crescimento de Leiria foi a presença dos judeus, que deram um grande contributo “para o incremento do comércio e da indústria nesta área”.<sup>26</sup> Estes fixaram-se sobretudo na antiga Rua Nova, hoje denominada Rua da Misericórdia, onde terá existido uma sinagoga, junto da actual igreja da Misericórdia.

---

<sup>23</sup> Gomes, Saul António \_ **O Convento de S. Francisco de Leiria na Idade Média**, Separata Itinerarium, XL (1994) Braga, 1994. P 406

<sup>24</sup> *Ibidem*. P. 406

<sup>25</sup> *Ibidem*. P. 432

<sup>26</sup> Margarido, Ana Paula \_ **Leiria: História e Morfologia Urbana**, Leiria: Câmara Municipal, 1988. P. 46



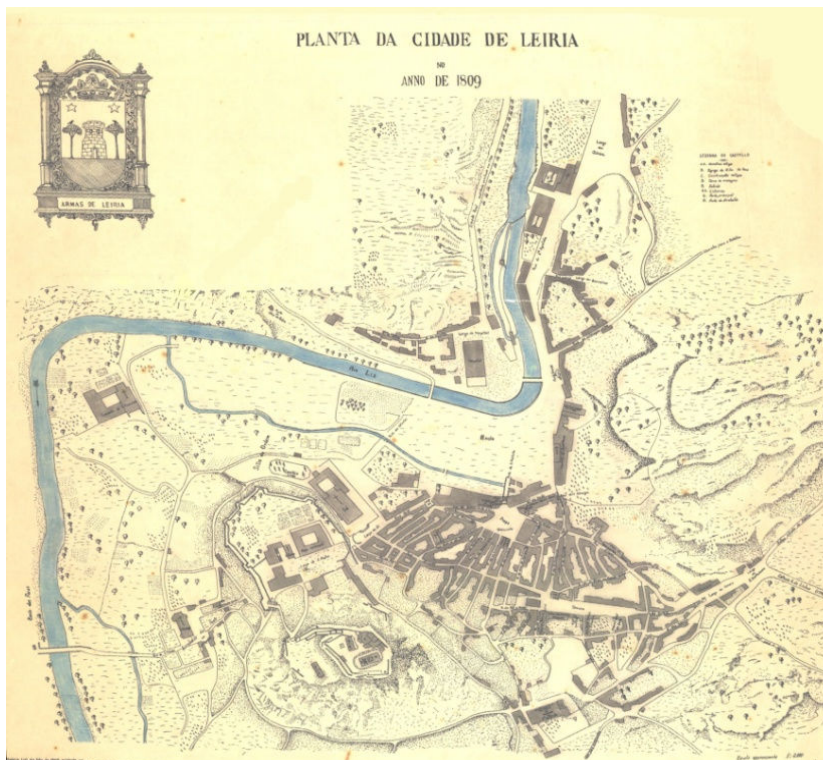


Imagem 19 – Planta da cidade de Leiria de 1809.

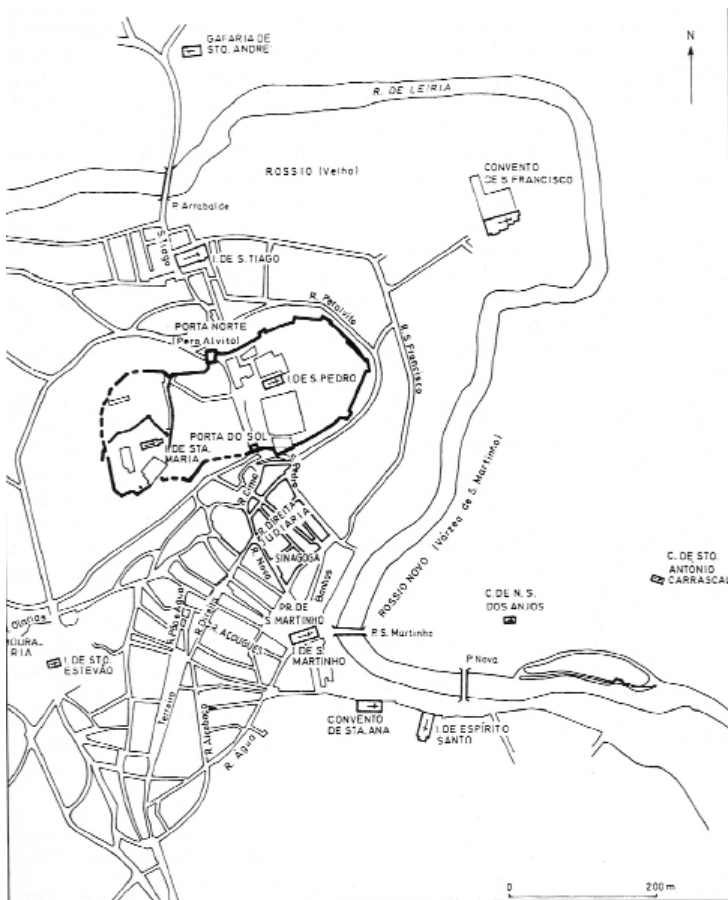


Imagem 20 – Planta da cidade de Leiria no séc. XV elaborada por Saul António Gomes com base na planta de 1809.



Através da planta de Leiria do ano de 1809, na qual se baseou posteriormente Saul António Gomes para a elaboração da planta do séc. XV, podemos facilmente perceber a articulação estabelecida ente o convento de S. Francisco e o núcleo da cidade medieval. O arruamento que saía da frente do complexo conventual bifurca-se em duas direcções, uma que leva para o Arrabalde da Ponte e outra em direcção à cidade e à Rua Direita, passando pelo local onde mais tarde seria construída a Sé de Leiria (terminada em 1573).

O aglomerado urbano leiriense organizava-se sobretudo ao longo da Rua Direita e na área em volta da igreja de S. Martinho (local da actual Praça Rodrigues Lobo), e do Terreiro. “Estes núcleos foram geradores do plano medieval de Leiria, que era composto fundamentalmente por uma rua comprida, a rua principal, com a qual se articulavam outras vias secundárias, resultando uma estrutura semelhante à de uma «espinha de peixe»”<sup>27</sup>.

No início do séc. XVI, a urbe leiriense era delimitada por dois elementos naturais que foram determinantes para o desenvolvimento do aglomerado. Um deles é o morro onde se implantou o castelo, local onde nasceu o núcleo “genético” desta povoação, e o outro elemento é o rio, que contribuiu para o forte crescimento urbano, tendo sido o principal factor de atracção no momento em que se começou a povoar terrenos extramuros. Por este motivo o povoamento desenvolveu-se preferencialmente na margem esquerda do Lis, no espaço entre os dois elementos naturais referidos.

As grandes transformações da matriz urbana medieval acontecem fruto de dois importantes empreendimentos, nomeadamente a abertura da Praça (por volta do ano de 1546), no lugar onde antes se situava a igreja de S. Martinho, hoje denominada Praça Rodrigues Lobo, e a construção da Sé Catedral, que terá aberto ao culto em 1573.<sup>28</sup> A nova praça assume uma função de grande importância para o arranjo do espaço urbano, desenvolvendo-se em volta desta as funções comerciais e sociais por aí se realizarem as principais transações em

---

<sup>27</sup> Margarido, Ana Paula \_ **Leiria: História e Morfologia Urbana**, Leiria: Câmara Municipal, 1988. P. 50

<sup>28</sup> *Ibidem*. P. 52



Imagem 21 – Fachada da Sé de Leiria.

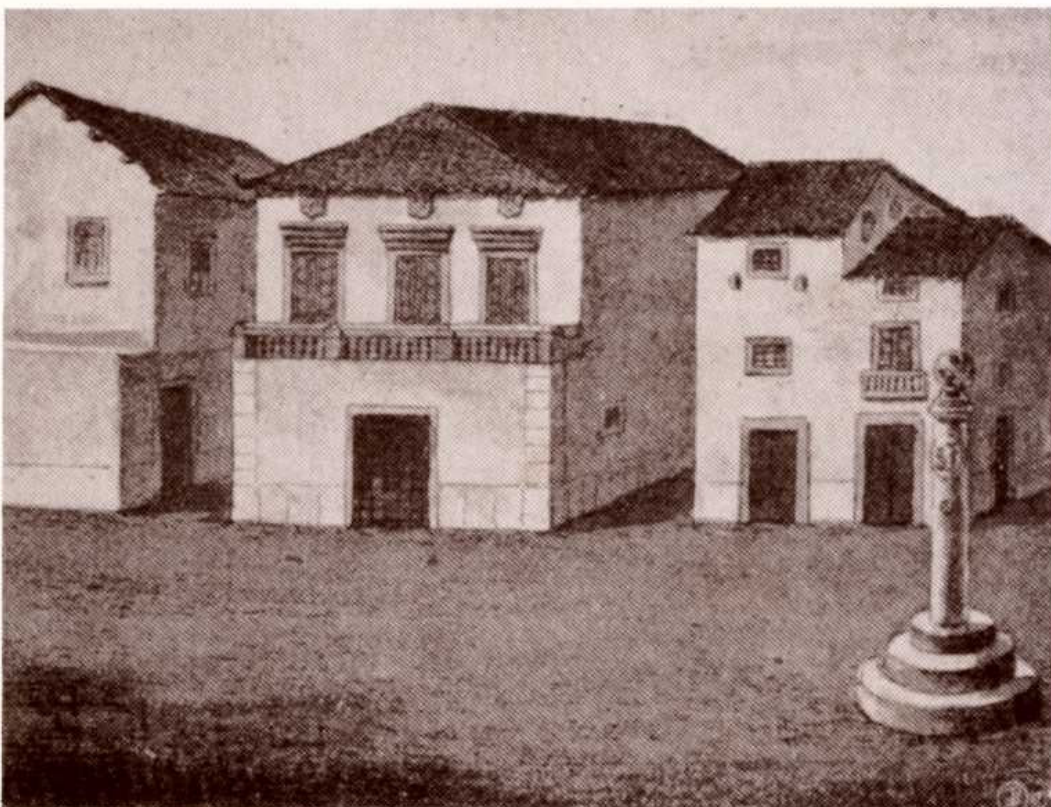


Imagem 22 – Antiga Casa da Câmara, Cadeia e Pelourinho na Praça (actual Praça Rodrigues Lobo).

feiras e mercados. Esta nova distribuição de funções em relação ao espaço urbano, leva a que a área compreendida entre a nova praça e o grande eixo orientador do núcleo medieval – Rua Direita – tenha uma ocupação mais densa, concentrando aí as funções residencial e comercial. Leiria seria elevada a diocese e a cidade em 1545, com a igreja da Pena, situada no interior do Castelo, a ser elevada à categoria de Sé Catedral.

A construção da nova Sé, no sopé do morro do castelo, foi na época contestada por muitos, já que não consideravam esta zona favorável à sua implantação. No entanto, pesou na escolha deste local a proximidade aos Paços Episcopais, situados no interior das muralhas, e também o facto de ser um local integrado no aglomerado populacional. A implantação deste complexo religioso veio provocar uma nova vaga de densificação em seu redor, originando possivelmente novos arruamentos.

Na altura da edificação da Sé, existiriam em Leiria, para além do Convento de S. Francisco, os conventos de St.<sup>a</sup> Ana, junto ao Rossio Novo, que terá sido erigido no séc. XV e o convento de St. Agostinho que se situava a Este, junto ao moinho de papel, que terá sido um dos primeiros a existir na Península Ibérica.<sup>29</sup>

No séc. XVII, a cidade organizou-se preferencialmente no espaço em volta das praças, onde se localizavam os edifícios de maior importância, como no caso da Praça de S. Martinho (actualmente Praça Rodrigues Lobo), onde se situava a casa da Câmara e o Pelourinho, símbolos da dignidade concelhia<sup>30</sup>, fazendo com que o espaço urbano em seu redor se tornasse mais compacto.

A margem direita do rio foi até ao séc. XVIII pouco ocupada, sendo neste século aí construído o hospital, no local onde outrora teria existido a ermida de Nossa Senhora dos Anjos, que por sua vez terá dado origem ao Bairro dos Anjos, aglomerado populacional que até aí era excepção nesta margem do Lis.

---

<sup>29</sup> Margarido, Ana Paula \_ **Leiria: História e Morfologia Urbana**, Leiria: Câmara Municipal, 1988. P. 54

<sup>30</sup> *Ibidem*. P.56

O Rio Lis e a Vala Real

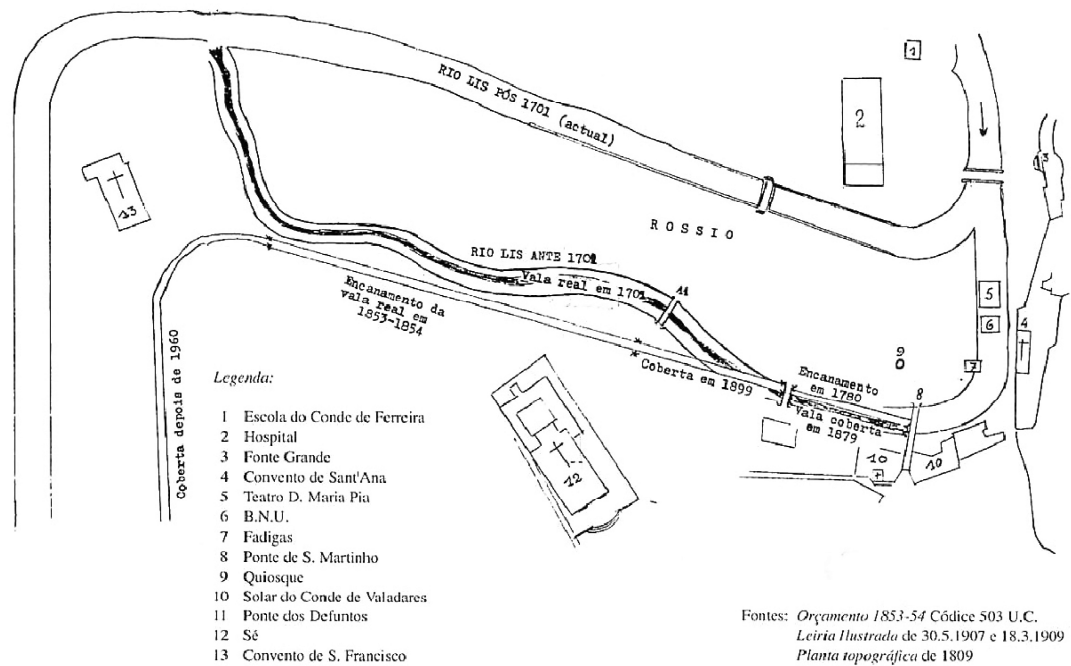


Imagem 23 – Rio Lis e a Vala Real. Planta elaborada por João Cabral.

O séc. XVIII marca profundamente o desenho urbano da cidade leiriense, já que foram levadas a cabo obras de regularização do rio Lis, deslocando o seu curso natural, com o principal objectivo de minorar o efeito das cheias que se faziam sentir na parte baixa da cidade. Por este motivo, o “percurso do rio foi alterado, deixando de passar junto ao Convento de St.<sup>a</sup> Ana e do Palácio do Marquês de Vila Real e inflectiu na direcção do Convento de S. Francisco, depois de se ter afastado cerca de 100 metros do leito primitivo para Sul”.<sup>31</sup> Com esta alteração, após a antiga ponte dos três arcos, o rio foi encanado numa curva acentuada, seguindo depois em linha recta até ao cenóbio franciscano. Estas obras possibilitaram não só a regularização do caudal do Lis, e a consequente diminuição das recorrentes inundações, mas também um maior aproveitamento de uma área mais vasta no Rossio, aumentando assim a área urbana para construção na margem esquerda do rio.

O século XIX fica essencialmente marcado pela destruição que as invasões francesas provocaram ao que restava da cidade oitocentista, deixando apenas um aglomerado de ruínas. A cidade volta a recuperar assentando o seu crescimento na agricultura e investindo alguns capitais na indústria, onde se destacam a da resina, da fundição e da extracção mineira. É também nesta altura, em 1857, que o antigo Convento de S. Francisco é arrendado para a instalação de uma fábrica de moagem.

Depois desta análise da evolução urbana leiriense até ao séc. XIX, espaço temporal que corresponde ao funcionamento do cenóbio franciscano, conclui-se que apesar da importância que estes frades assumem no panorama espiritual e social, nunca tiveram uma influência muito acentuada na organização urbana de Leiria, uma vez que os próprios levaram a cabo esforços para que não se originassem novos bairros junto da sua cerca conventual, ao proibirem que aí se edificassem casas.

---

<sup>31</sup> Margarido, Ana Paula \_ **Leiria: História e Morfologia Urbana**, Leiria: Câmara Municipal, 1988. P. 70

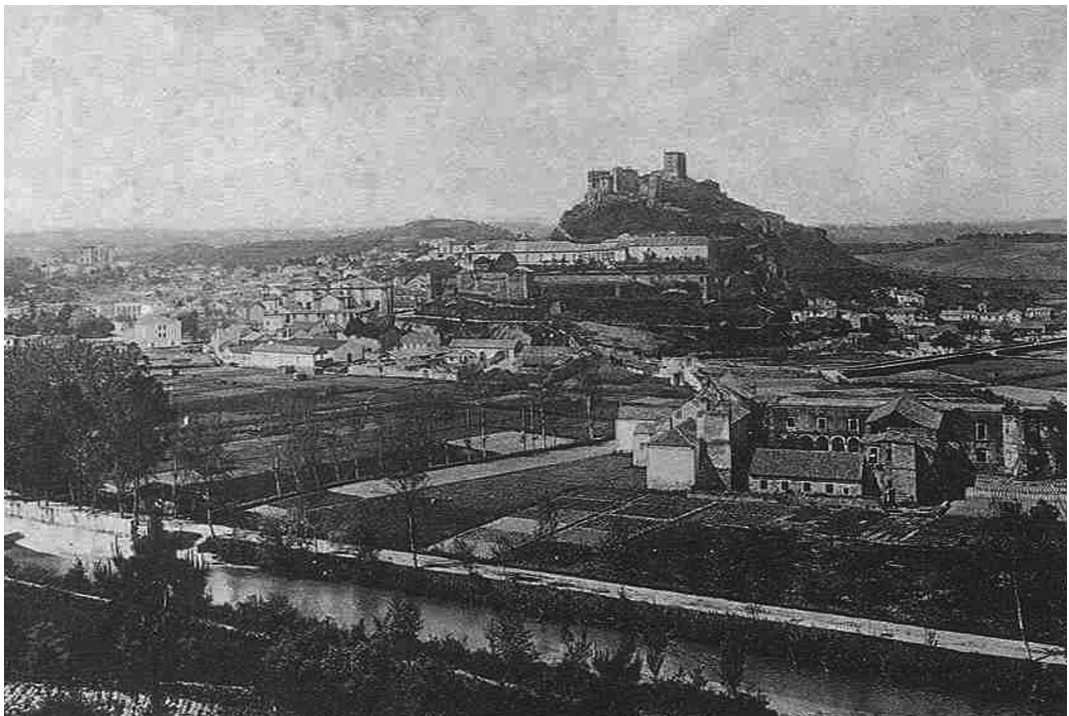


Imagem 24 – O extinto convento de S. Francisco no panorama da cidade de Leiria antes de ser transformado em moagem.

## O Lugar

Como já foi referido, os frades franciscanos ao chegarem a Leiria ter-se-ão instalado primeiramente na Gafaria de Santo André, local afastado do núcleo da vila leiriense, como era apanágio da ordem, que por norma se fixava em locais ermos junto dos mais desfavorecidos e dos rejeitados pela sociedade.

No entanto, devido às características desta localização onde o complexo conventual estaria sujeito a constantes inundações, os frades decidem mudar-se para um novo convento construído no Rossio Velho, não havendo uma data concreta para esta mudança, que terá acontecido provavelmente em finais do séc. XIV, altura em que terá sido erigida uma nova casa conventual. Apesar da mudança de localização, o Lis não lhes deu tréguas, pelo menos até ao séc. XVIII, altura em que o curso do rio foi alterado e encanado, passando o seu caudal a ser mais controlado.

A nova localização em que se fixaram “situava-se «fora da cidade a tiro de mosquete entre Norte e Nascente ao pé do Rio», retirado e solitário «à cruz de S. Francisco, onde não há casas» e bucolicamente entrecortado pelo rio que lhe atravessa a clausura «pelo pé de hũ monte que lhe firmava a cerca toda de mata que cria muito coelho»<sup>32</sup>. Isto comprova que na realidade este era um local deserto, no qual o convento se encontrava envolvido pelo rio, “após o qual se vislumbravam algumas almuinhas com produções mimosas, logo seguidas por vinhedos e olivais, por vezes algumas brechas de espesso matagal ou clareiras de terrenos em mortório, espalhados pelas encostas sobranceiras de St. André e de St. António do Carrascal, recortados por caminhos e carreiros de pública serventia”.<sup>33</sup> É referido ainda que “no Monte de S. Miguel existem vestígios de uma outra fonte, que no dizer dos médicos antigos tinha virtudes medicinais: era

---

<sup>32</sup> Pousão-Smith, Selma \_ **Rodrigues Lobo, os Vila Real e a Estratégia do Dissimulatio**, vol. 1, Lisboa, 2008. P. 136

<sup>33</sup> Gomes, Saul António \_ **O Convento de S. Francisco de Leiria na Idade Média**, Separata Itinerarium, XL (1994) Braga, 1994. P. 426

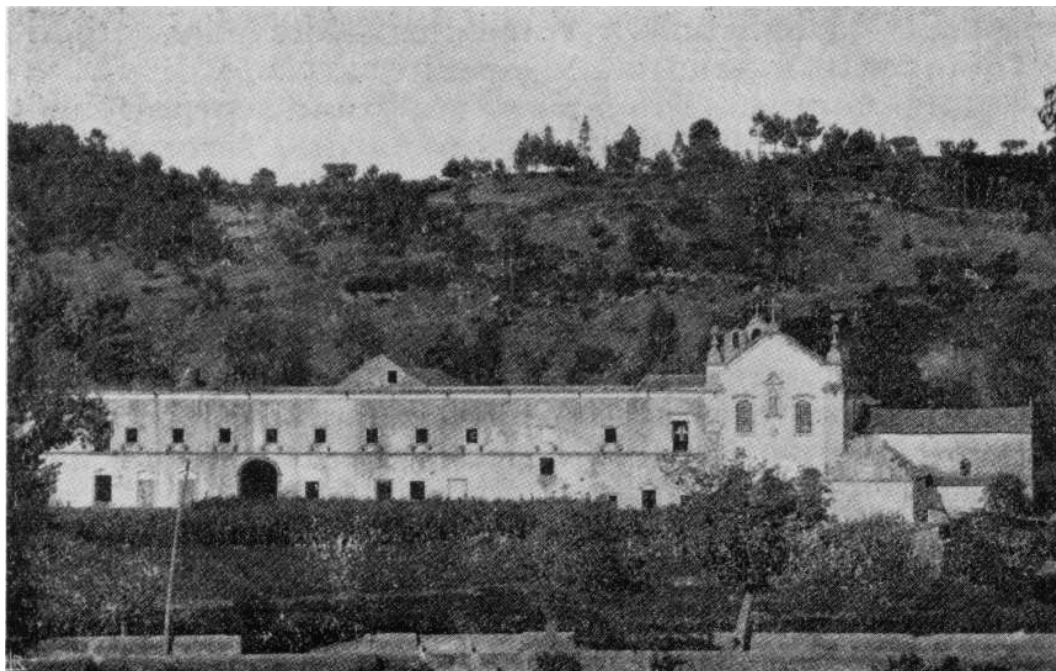


Imagem 25 – Fachada do convento e Igreja de S. Francisco com a encosta de St. António por trás.



a fonte de Santa Catarina, de que restam ruínas.”<sup>34</sup> Sobre esta fonte é ainda referido noutra publicação *“na cerca do Convento dos Religiosos de S. Francisco da cidade de Leyria, junto de huma Ermida de Santa Catherina, nace huma copiosa fonte quente de agoa sulphurea, que por seus ductos vay ao claustro, e mays oficinas do convento; da qual depoy de fria, bebem os religiosos; e tem insigne virtude para ajudar o cozimento e digestão do estomago; cosa entre eles constante por muytas experiencias.”*<sup>35</sup>

No local onde se implantava a sua casa conventual, foi-lhes permitido explorar as potencialidades de uma zona de terrenos férteis, trabalhando assim na agricultura, algo que marcou a vida destes frades durante a sua permanência em Leiria. O rio, apesar de muitas vezes considerado um vizinho indesejado, facilitava a produção agrícola, além de permitir que a água, elemento indispensável para o quotidiano, chegasse de forma rápida a todo o complexo religioso.

É certo que no século XVII o convento de S. Francisco ficava ainda completamente no meio do campo<sup>36</sup>, e este isolamento apenas começa a ser quebrado já em finais do séc. XIX, quando a cidade se começa timidamente a expandir.

---

<sup>34</sup> Zúquete, Afonso \_ **Monografia de Leiria: A Cidade e o Concelho 1950**, Folheto, Edições & Design 2003. P. 152

<sup>35</sup> Henriques, Francisco da Fonseca \_ **Aquilegio Medicinal** Lisboa Occidental: Na Officina da Musica, 1726. P. 64

<sup>36</sup> Pousão-Smith, Selma \_ **Rodrigues Lobo, os Vila Real e a Estratégia do Dissimulatio**, vol. 1, Lisboa, 2008. P. 136

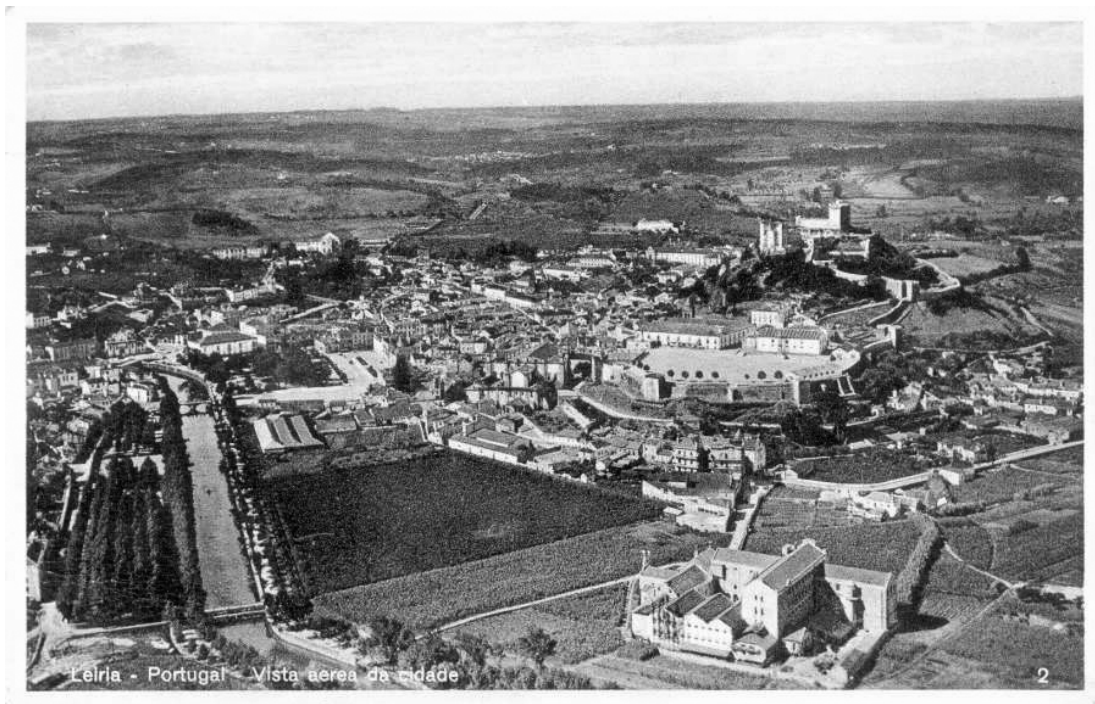


Imagem 26 – Enquadramento da Moagem na cidade de Leiria, no início do séc. XX.

## CAPÍTULO II – COMPANHIA LEIRIENSE DE MOAGEM

### 2.1 \_ Transição do Convento para Moagem

Com a extinção das ordens religiosas em 1834, o convento franciscano de Leiria esteve ao abandono durante vários anos. Após a saída dos últimos frades, todo o complexo foi integrado na Fazenda Nacional, à semelhança do que aconteceu por todo o país com o património pertencente a ordens religiosas.

Em 1851, foi cedido pelo Estado, por Carta de Lei, à Câmara Municipal de Leiria, o convento para ser demolido, com o intuito de utilizar os materiais nele empregue para novas edificações. “No entanto, a autarquia em 1855 pede à Administração Central para ali instalar os Paços do Concelho, o Tribunal e a Cadeia Municipal, mas só a última ficou.”<sup>37</sup>

Devido à instalação da cadeia foi necessário separar a igreja dos anexos conventuais, motivo que levou à execução de diversos entaipamentos, sobretudo ao nível das ligações existentes entre o claustro e o templo.

---

<sup>37</sup> Pereira, Jaqueline \_ **Relatório dos trabalhos de arqueologia realizados no interior da antiga moagem de Leiria, antes Convento de S. Francisco**, Julho de 2004. P. 22



Imagem 27 – Pormenor das pinturas murais góticas da igreja de S. Francisco.



Imagem 28 – Altar-mor da Igreja de S. Francisco.

A igreja seria entregue, no ano de 1861, à Terceira Ordem de São Francisco pela Administração da Fazenda Pública, permanecendo actualmente na posse desta ordem secular. Contudo, esteve vários anos desactivada devido à construção do novo convento franciscano na cidade, o Convento da Portela, iniciado em 1904. É encerrada nos finais da década de 40, entrando em degradação e na iminência de ser demolida entre 1971-72. Em 1993 foram levadas a cabo obras de consolidação da igreja, durante as quais, foram descobertos frescos quatrocentistas na capela-mor e pinturas murais góticas na nave. Esta descoberta, que atingiu grande importância para o mundo artístico, deu um novo fôlego a uma igreja que parecia condenada à ruína e ao abandono. Depois de recuperada, foi reaberta ao público em Junho do ano 2000.

Em 1857 a câmara leiriense arrenda parte do edifício conventual para nele se instalar uma fábrica de moagem. Os espaços excluídos desta renda seriam, no pavimento térreo, a cozinha e as arrecadações viradas a Norte, e no piso superior, a parte que fica por cima da cozinha orientada a Nascente, formando um corpo separado do claustro<sup>38</sup> (que corresponderá actualmente ao espaço ocupado pela agência do BPN). No entanto, neste mesmo ano, o arrematante faz novo pedido à autarquia, no sentido de que fosse também cedida a cozinha para aí instalar “um forno para cozer louça em troca de qualquer outro compartimento dos arrendados”.<sup>39</sup>

Em 1919, seria finalmente adquirido pela Companhia Leiriense de Moagem todo o edifício do antigo convento, com excepção da igreja, propriedade da Ordem Terceira. Entre 1920 e 1921, o edifício sofre obras de adaptação para a sua nova função, de acordo com um projecto elaborado por Ernesto Korrodi.

---

<sup>38</sup> Cabral, João \_ **Anais do Município de Leiria, vol. I**, Leiria: Câmara Municipal, 1975. P. 29

<sup>39</sup> *Ibidem*. P. 29



Imagem 29 – Ernesto Korrodi.

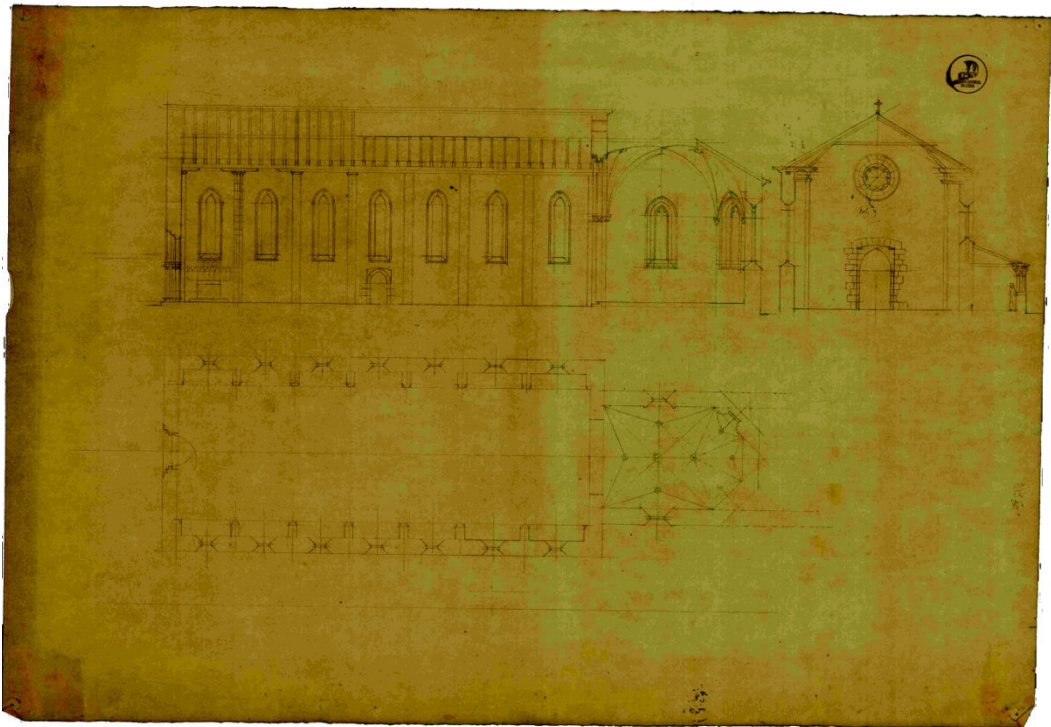


Imagem 30 – Desenhos do estudo histórico-arqueológico da igreja de Santa Maria da Penha.

## 2.2 \_ Korrodi; Korrodi e o Património

*“Ernesto Korrodi entra na conta daqueles artistas que fizeram de Portugal sua segunda pátria, tornando-se fervorosos obreiros de arte nacional.”<sup>40</sup>*

Raul Lino

### **Breve Biografia**

Ernesto Korrodi nasce em Zurique a 30 de Janeiro de 1870, e entra no panorama artístico português na sequência de uma reforma do ensino artístico e industrial empreendida por Emídio Navarro em 1889.

Conclui muito novo o ensino primário e secundário, ingressando com apenas quinze anos de idade na Escola de Arte Industrial de Zurique, terminando os cursos de escultor-decorador e de professor de desenho ao fim de nove semestres. Desde muito cedo que demonstra interesse pela arqueologia<sup>41</sup> e pelo estudo do património.

Com os estudos concluídos ainda não havia completado dezanove anos, Korrodi inicia uma digressão artística por Itália, na mesma altura em que Emídio Navarro decretava a reforma das Escolas Industriais e de Desenho Industrial em Portugal<sup>42</sup>. Após regressar deste périplo por Itália, viria a concorrer para um lugar de professor de desenho, sendo colocado na Escola Industrial em Braga, no ano de 1889.

Em Braga, para além do ensino, dedicou-se também ao estudo de importantes monumentos, de igrejas e palácios, o que confirma o seu interesse pelo estudo histórico-arqueológico, que se torna ainda mais evidente quando

---

<sup>40</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 138

<sup>41</sup> Ribeiro, Rui; Gaio, Gorete; Biscaia, Pedro; Oliveira, Genoveva; Sousa, Acácio de \_ **Ernesto Korrodi: roteiro na cidade de Leiria**, Leiria: ADLEI: CEPAE, 2004. P. 5

<sup>42</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 110



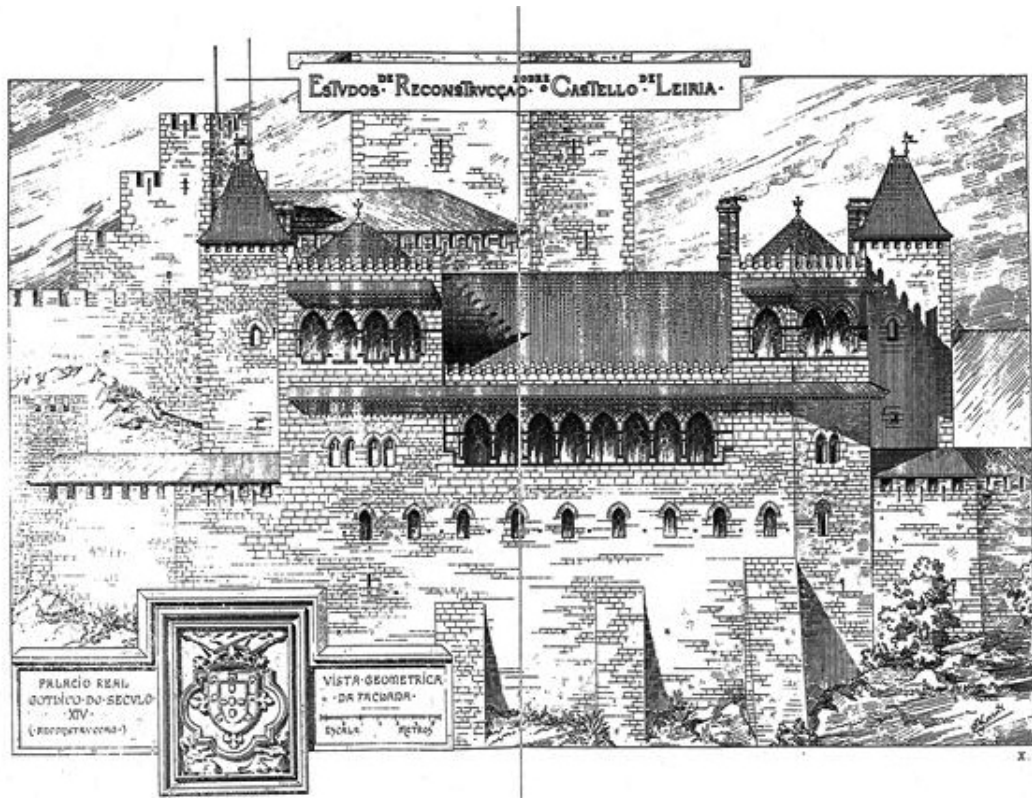


Imagem 31 – Fachada do castelo sobre o núcleo medieval de Leiria realizada por Ernesto Korrodi no trabalho “Estudos de Reconstrução do Castelo de Leiria”.

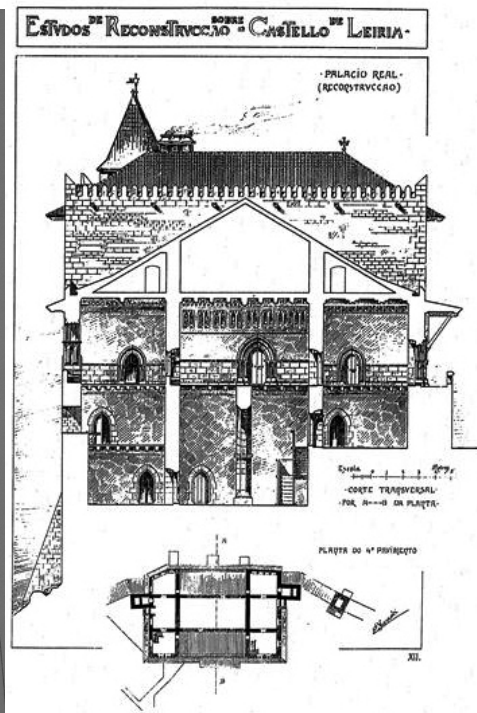
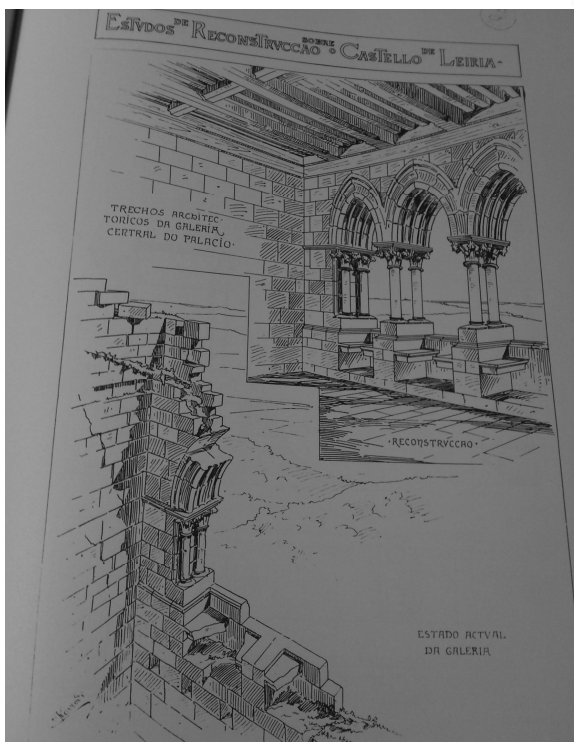


Imagem 32 e 33 – Desenhos do estudo histórico-arqueológico, “Estudos de Reconstrução do Castelo de Leiria”, realizado por Ernesto Korrodi.



cinco anos depois é transferido para a Escola de Desenho Industrial de Leiria, onde de imediato se dedicou nos tempos livres da sua profissão de professor ao levantamento minucioso do que restava do castelo leiriense em ruínas. Este estudo histórico-arqueológico terá sido o que maior importância assume em toda a sua vida artística, culminando com a sua publicação em 1898, e com o início das obras de consolidação e reconstrução do castelo, segundo o estudo que tinha desenvolvido.

Para além do estudo do castelo, Korrodi desenvolve outros estudos desta índole, destacando-se entre estes os que elaborou para a Igreja da Pena no Castelo de Leiria; um estudo publicado sob o título “Um Monumento Bizantino-Latino em Portugal”, referente à capela de S. Frutuoso de Montélios, em Braga; e o estudo sobre a Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça. Estes três estudos, juntamente com o do castelo, são representativos da grande paixão do arquitecto suíço pela análise dos monumentos antigos e pela vontade de perceber e deixar registos destes para as gerações futuras. O tema do património e da sua preservação será um dos que estará bem patente em toda a sua vida, já que no panorama cultural português da época este assunto era ainda pouco discutido, contribuindo para a banalização e desprezo do património artístico e cultural, situação que Korrodi tenta inverter e trazer à discussão. Prova disto é a publicação de “Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria” em 1898, subsidiado pelo Governo Português.

Em Maio de 1898, é-lhe atribuído o título de «Comendador da Real Ordem Civil do Mérito Industrial», premiando o estudo realizado sobre o castelo leiriense. Nesta época já era sócio da Real Associação dos Engenheiros Civis Portugueses.<sup>43</sup>

O ano de 1901 aparece como um marco da sua definitiva radicação em Portugal, já que neste ano casa com Dona Quitéria da Conceição Maia, uma professora primária leiriense. No entanto e apesar de ter pedido a cidadania

---

<sup>43</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 116



Imagem 34 – Novo edifício dos Paços Municipais da autoria de Ernesto Korrodi.



Imagem 35 – Fachada principal do novo edifício dos Paços Municipais da autoria de Ernesto Korrodi.

portuguesa e de esta lhe ser concedida, nunca chegaria a assinar os papéis de naturalização.

Korrodi prossegue com as suas funções enquanto professor na Escola Domingos Sequeira, em Leiria, leccionando desenho ornamental e modelação. No entanto, em 1904, restará nesta escola apenas um docente, ele próprio, e apesar de não lhe faltar “competência para reger proficientemente qualquer das cadeiras deste curso, tal tornava-se incompatível com a regência simultânea de todas elas ou com o tempo exigido por cada uma das aulas em separado.”<sup>44</sup>

Apesar da situação em que, um pouco por todo o país, as escolas se encontravam, Korrodi nunca abandonou o seu posto de docente, tendo sido nomeado director desta escola em 1905. Ocupa o cargo até 1917, altura em que se dedica exclusivamente à profissão de arquitecto.

Como arquitecto, Korrodi considerava-se um autodidacta, uma vez que não tinha formação nesta área, contudo sempre foi uma matéria que lhe suscitou grande interesse e na qual acabará por se notabilizar no nosso país. Porém, afirma em 1901 que não merecia a distinção de ser incluído no “*Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*” de Sousa Viterbo, precisamente por se considerar um apaixonado pela arquitectura e não um verdadeiro arquitecto, sendo que este mérito de “passar à posteridade como «architecto-construtor», no entender de Korrodi, só se justificaria pela sua actividade de reconstituição histórica e artística dos monumentos antigos”.<sup>45</sup>

Apesar de não se considerar um arquitecto, a verdade é que pressionado por questões de cariz económico, ou porque enquanto estudioso dos monumentos antigos não encontrava qualquer eco nas suas propostas de reconstrução, Korrodi acaba mesmo por se dedicar à actividade de «architecto-construtor», ainda que, como sempre referiu, na qualidade de autodidacta. Numa fase inicial apenas aceita encomendas que lhe são feitas por parte da

---

<sup>44</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 118

<sup>45</sup> *Ibidem*. P. 123

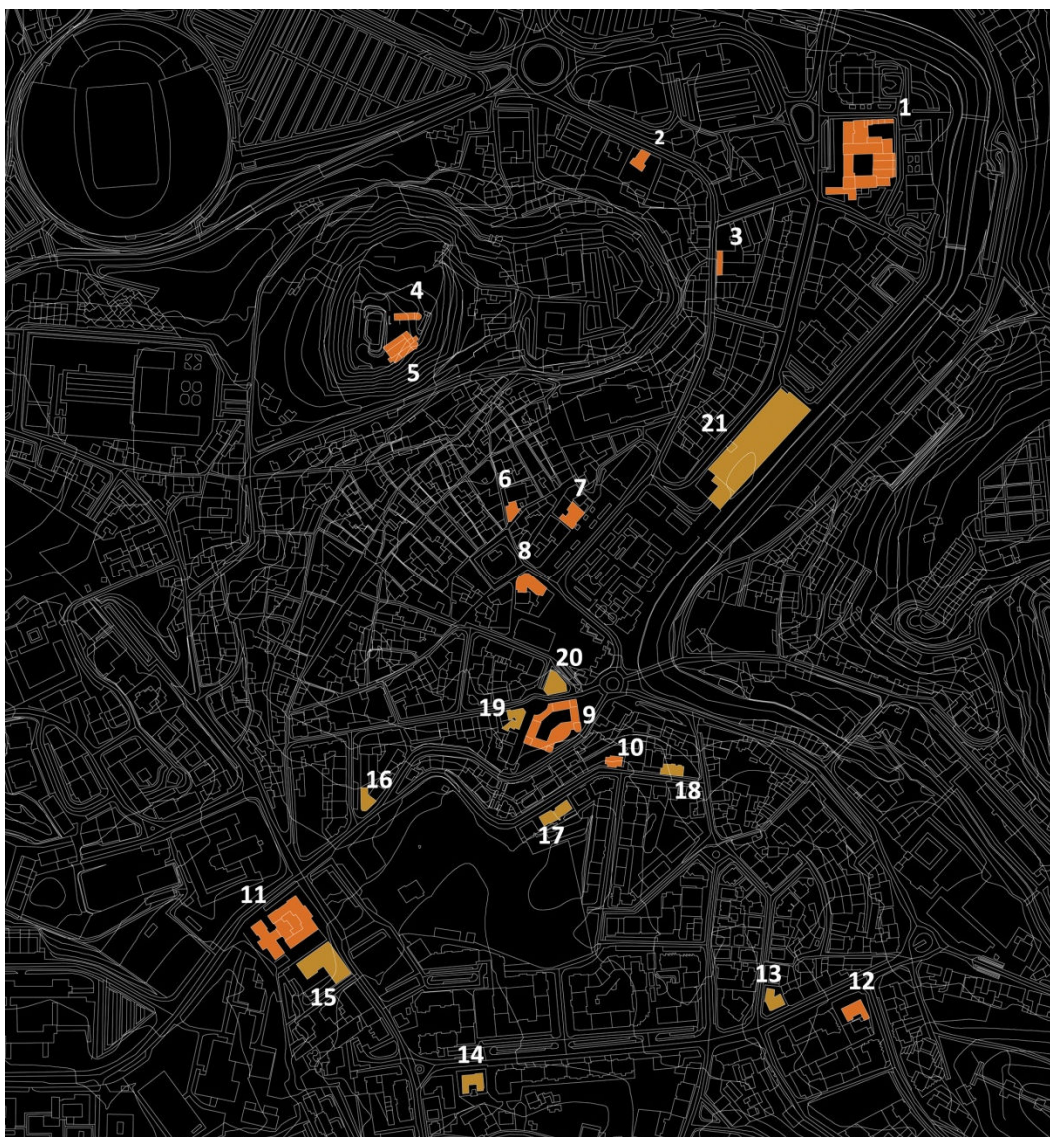


Imagem 36 - Mapa de intervenções do legado Korrodi, Ernesto e Camilo.

**ERNESTO KORRODI (1870-1944):**

1- Igreja e Convento de São Francisco (Moagem); 2- Vila Hortênsia; 3- Edifício Marques da Cruz; 4- Igreja Nossa Senhora da Penha; 5- Castelo e Cerca; 6- Edifício e Arco José G. Barreto; 7- Banco de Portugal; 8- Edifício Joaquim de Oliveira Zúquete; 9- Mercado Santana; 10- Casa Pedro José Rodrigues; 11- Câmara Municipal de Leiria; 12- Jardim-escola João de Deus

**CAMILO KORRODI (1905-1985):**

13- Casa Sarreira Pena; 14- Casa dos Magistrados; 15- Centro Regional de Segurança Social; 16- Edifício Álvaro Salgueiro Roldão; 17- Edifício Rocha Marques; 18- Conjunto habitacional Joaquim Nunes Sequeira; 19- Edifício António Barbeiro & Irmão; 20- Banco Nacional Ultramarino; 21- Edifício da Estação Rodoviária.

Câmara Municipal de Leiria, expandido posteriormente e de forma progressiva o seu trabalho um pouco por todo o país.

Um dos projectos que a autarquia leiriense o encarrega de delinear é o do novo edifício dos Paços do Concelho, construído em 1902. Esta escolha recai sobre ele por constituir “uma garantia de arte e bom gosto”<sup>46</sup>, referência que demonstra de forma inequívoca a qualidade do seu trabalho. Uma das curiosidades do desenvolvimento deste projecto, é o facto de Korrodi ter criado uma oficina de canteiros para colmatar as dificuldades que encontrava, quer no fornecimento de matérias-primas, quer na existência de canteiros especializados. É o próprio Korrodi que mantém esta oficina economicamente, e todo o trabalho de cantaria era feito sob a sua modelação, “fornecendo não só as obras que ele próprio projectava, mas também os trabalhos encomendados principalmente de Lisboa, durante longo anos”<sup>47</sup>. Esta oficina de canteiros, fruto quer da qualidade dos seus trabalhadores, quer do facto de Korrodi ser um estudioso dos monumentos antigos, vai manter no futuro uma pequena equipa de restauro no Mosteiro da Batalha.

A sua dedicação ao Castelo de Leiria leva a que este seja classificado, em 1910, como Monumento Nacional, e em 1915 é criada a Liga dos Amigos do Castelo, com o intuito de levar avante as obras de consolidação desta edificação, que com a ajuda do Estado se iniciaram no ano seguinte sob a direcção do próprio Korrodi. “Os trabalhos continuam sob a sua orientação até 1933, passando depois para a responsabilidade da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais”<sup>48</sup>.

Os seus projectos de arquitectura estendem-se um pouco por todo o território nacional, registando-se no entanto uma maior incidência no Norte e Centro. Para esta presença tão extensa da sua obra pelo país, contribuíram os cargos que desempenhou como arquitecto da Câmara Municipal de Leiria e de

---

<sup>46</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 125

<sup>47</sup> *Ibidem*. P. 126

<sup>48</sup> Ribeiro, Rui; Gaio, Gorete; Biscaia, Pedro; Oliveira, Genoveva; Sousa, Acácio de \_ **Ernesto Korrodi: roteiro na cidade de Leiria**, Leiria: ADLEI: CEPAE, 2004. P. 6





Imagem 37 – Palácio em Palmeira, Braga, da autoria de Ernesto Korrodi.



Imagem 38 – Palácio em Palmeira, Braga, da autoria de Ernesto Korrodi.

Braga, e de forma mais intensa, o cargo que ocupou entre 1920 e 1922 como arquitecto do Banco Nacional Ultramarino, e também do Banco de Portugal. Devido aos referidos cargos, este terá sido o período de maior intensidade profissional enquanto arquitecto na vida de Korrodi, uma vez que se construíram “filiais desde Vila Real de Trás-os-Montes a Vila Real de Santo António”<sup>49</sup>.

Grande parte da sua obra arquitectónica mostra uma estética fortemente influenciada pelo século anterior, fruto da sua tendência revivalista e do seu intenso interesse pela arquitectura dos edifícios antigos e da forma de fazer e construir de tempos passados. Destacam-se os trabalhos de cantaria, comuns a todos os seus projectos, e que em grande parte são elaborados na sua oficina em Leiria. Esta estética revivalista tem na obra de Korrodi o seu expoente máximo na encomenda para a concepção de um Palácio a construir em Palmeira, perto de Braga. Esta encomenda, feita por parte de um “brasileiro rico”, enquadra-se numa vaga de estudos e desenhos de Korrodi sob a designação de “Habitação Nobre da Província”. A sua construção terá começado em 1915, “erguendo-se sobre um vasto parque de contornos irregulares, «concebido nos moldes medievais com certo ressaibo de modernismo» e, portanto, veiculando «soluções que ao artista da Idade Média se não apresentavam»<sup>50</sup>.

Apenas em 1926 lhe é atribuído o diploma de arquitecto pela Escola de Belas Artes de Lisboa, que vem consagrar sobretudo a obra desenvolvida no primeiro quarto do século XX, tendo Korrodi nesta altura já 56 anos de idade.

Viria a falecer em Leiria no ano de 1944, e no seu currículo além de outras condecorações com as quais foi agraciado, destaca-se a atribuição de dois Prémios Valmor, o primeiro em 1910, premiando a casa de habitação construída na Avenida Fontes Pereira de Melo, nº 30, em Lisboa, e o segundo em 1917, atribuído ao projecto do prédio de rendimento construído na Rua Viriato, nº 5, também em Lisboa.<sup>51</sup> O primeiro foi demolido em 1961, dando lugar ao actual

---

<sup>49</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 134

<sup>50</sup> *Ibidem*. P. 133

<sup>51</sup> *Ibidem*. P. 124



Imagem 39 - Habitação na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa, Prémio Valmor 1910.

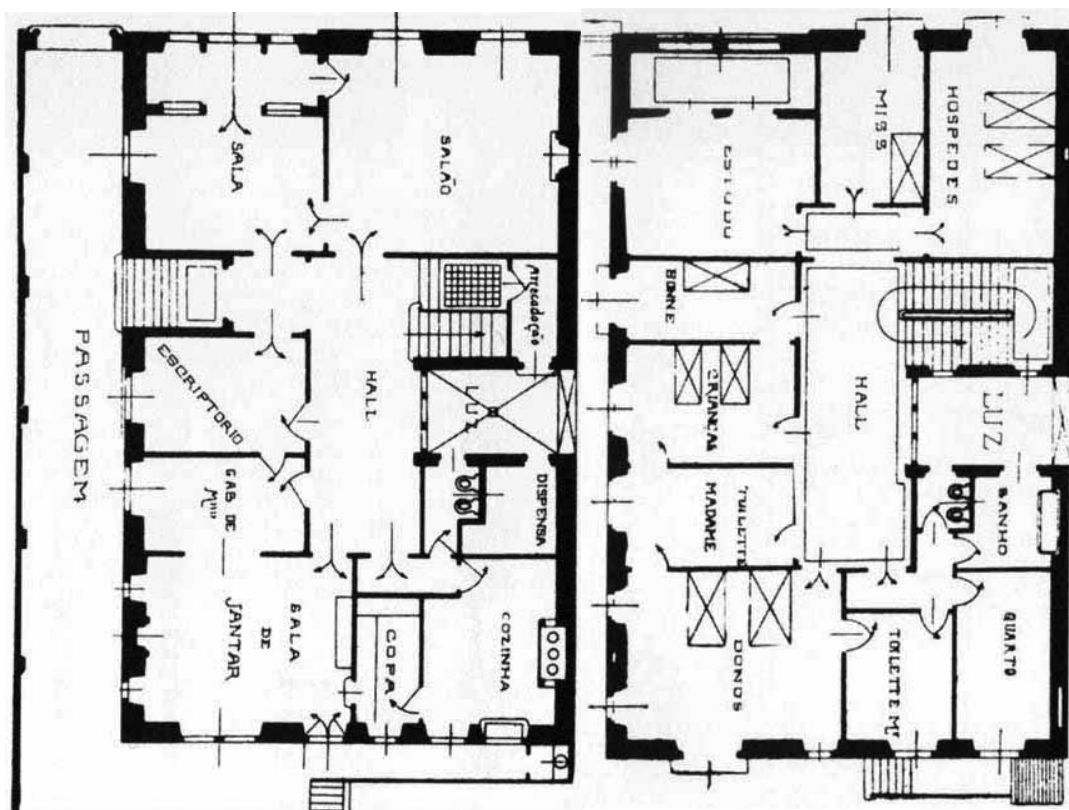


Imagem 40 e 41 – Plantas da Habitação na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa, Prémio Valmor 1910.



edifício do Teatro Villaret, o segundo foi alvo de obras de reabilitação recentemente, encontrando-se por isso em bom estado de conservação e permanecendo, pelo menos ao nível exterior, fiel ao traço original de Korrodi.

### **Korrodi e o Património**

A relação de Korrodi com o património foi desde o início da sua actividade muito intensa, consumindo grande parte do seu tempo livre com estudos histórico-arqueológicos de monumentos antigos. Desde que chegou a Portugal que se interessou pelo espólio arquitectónico que enriquecia a cidade de Braga, e posteriormente de Leiria, com as ruínas do seu castelo, que desde o primeiro momento captaram a atenção do arquitecto.

Este gosto pelo estudo do passado é vincado logo após o fim da sua formação na Escola de Arte Industrial de Zurique, quando parte em viagem por Itália de forma a contactar *in loco* com as correntes artísticas da Idade Média ou do Renascimento. O interesse pela arte do passado irá reflectir-se na sua própria maneira de fazer e olhar a arquitectura, marcada por uma estética, que apesar de acentuadamente revivalista, introduz já elementos modernos, quer nos materiais, através do uso de betão armado ou de ferro, quer no próprio traço.

Quando chega ao nosso país, Ernesto Korrodi depara-se com a total banalização e desprimor pelo património, algo que pela Europa começava a dar sinais de mudança, com o surgimento de movimentos de protecção e conservação do património.

Após a publicação do seu estudo sobre o Castelo de Leiria, chega mesmo a dizer que seria “difícil acreditar seriamente nos progressos artísticos de um país cujos monumentos em grande parte abandonados nem ao menos se conservam graficamente para o estudo da geração actual e da futura qua a ele tem direito”<sup>52</sup>, observação que demonstra de forma concreta a maneira desprezável

---

<sup>52</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 155



com que era tratado o património em Portugal. Este será um dos grandes desafios que o arquitecto suíço vai enfrentar ao longo da sua carreira.

Ao longo da sua actividade profissional elabora um vasto número de estudos histórico-arqueológicos, onde, sem dúvida alguma, se destaca o já referido estudo de reconstrução do Castelo de Leiria, no qual elabora um exaustivo e rigoroso levantamento das ruínas da fortaleza e consegue executar um projecto de reconstrução deste monumento. Korrodi não se limita a reconstruir artisticamente o castelo, o que seria nitidamente mais fácil, ele consegue fazê-lo técnica e cientificamente, à semelhança do que fazia Viollet-le-Duc. E quando as ruínas eram insuficientes para documentar o estado primitivo do edifício, cabia à imaginação reconstituir o que faltava, com base no princípio da unidade de estilo e linguagem. A contribuição de Viollet-le-Duc, considerado um dos percursores da arquitectura moderna e um dos primeiros teóricos a escrever sobre as questões da preservação do património histórico, pode resumir-se de forma muito sucinta “a uma célebre definição do seu *Dicionário*: «Restaurar um edifício é restabece-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento». ”<sup>53</sup> É através de Korrodi que “o nome Viollet-le-Duc surgia assim, na vida artística nacional.”<sup>54</sup>

Para o arquitecto suíço, o estudo das formas do passado deveria ser algo imprescindível para a formação artística, e olha para esta ideia de estudar a arquitectura da Idade Média não como um retrocesso, ou com o objectivo de copiar ou imitar a arte dos antepassados, mas antes como elemento chave na formação de artistas e arquitectos para o futuro. Da mesma forma, Viollet-le-Duc “sustenta que as formas do passado, se por um lado correspondiam aos gostos e às ideias da época, permitiam também, por outro lado, reencontrar uma arte perdida – a da Idade Média -, que consiste essencialmente na aplicação de um «princípio criador» à «obra criada» ”<sup>55</sup>, defendendo um princípio da arquitectura

---

<sup>53</sup> Choay, Françoise \_ **Alegoria do Património**, Lisboa. Ed. 70, D.L. 2008. P. 160

<sup>54</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 193

<sup>55</sup> *Ibidem*. P. 140



em que a forma se deve submeter à função, algo que deveria ser aplicado aos novos materiais e processos de construção que surgiam com o advento da revolução industrial.

Um dos aspectos mais interessantes da intervenção de Ernesto Korrodi no seu panorama cultural, e que de certa forma é uma contribuição de grande valor para a preservação do património no nosso país, foi o estabelecimento de museus com o objectivo de desenvolver o ensino artístico. Através do estudo e aplicação de modelos do passado, os museus deveriam não só estimular o renascimento da arte nacional, como também incitar mais estudos histórico-arqueológicos por todo o território nacional. “Desta sua missão, didáctica e civilizadora, resultariam inegáveis progressos na arte de construir”.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 139



## 2.3 \_ O Projecto de Transformação em Moagem

O projecto, que será alvo de maior atenção e que dá o mote desta dissertação, é o da transformação do antigo Convento de S. Francisco de Leiria numa fábrica de moagem. Este projecto desenvolvido por Ernesto Korrodi, trata-se talvez do único trabalho de transformação de um edifício com valor histórico e patrimonial que o arquitecto suíço elabora, uma vez que este edifício era a génese do conjunto monástico fundado no séc. XIV, apesar de profundamente transformado por inúmeras obras de beneficiação ao longo dos séculos.

Para a realização da análise sobre este projecto, recorreu-se ao Arquivo Distrital de Leiria, entidade a que recentemente foi doado grande parte do espólio artístico de Ernesto Korrodi, e onde se encontrava o referido projecto. No entanto, o elevado grau de degradação de parte dos documentos existentes impossibilita a sua digitalização, permitindo apenas o acesso a um limitado número de páginas e desenhos rigorosos feitos pela mão do arquitecto, referentes ao projecto de transformação do antigo convento.

Neste trabalho, encomendado pela Companhia Leiriense de Moagem, Korrodi elabora, numa primeira fase, um estudo de levantamento do estado do edifício, do qual apenas serão apresentados dois cortes e a planta do piso superior do antigo cenóbio. Nenhum destes elementos se encontra completo, marca da passagem de quase cem anos desde a sua elaboração. Ainda assim, estes documentos permitem tirar algumas conclusões acerca das características do antigo convento.

O edifício foi “ampliado em mais um andar e num corpo que em sentido longitudinal, se eleva ao centro sobre a massa da construção – novo templo da indústria –, o complexo aproxima-se mais, nas largas fenestranças uniformes e no despojamento completo das paredes, das edificações fabris de inícios do século”<sup>57</sup>. Do antigo complexo foi preservado o claustro e o ritmo dos vãos nos

---

<sup>57</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Ernesto Korrodi, 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património**, Editorial Estampa, Lisboa, 1997. P. 274

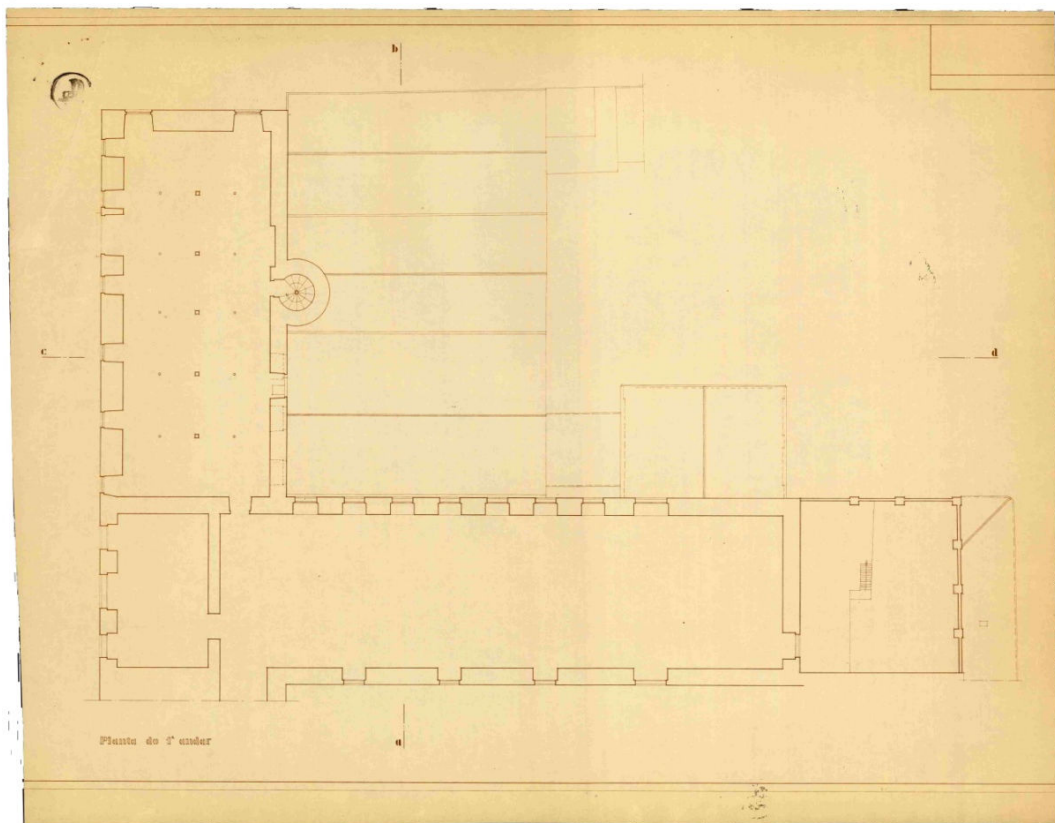


Imagem 44– Planta do primeiro piso do projecto de transformação do convento em moagem.



Imagem 45 – Alçados Principal e Posterior do projecto de transformação do convento em moagem.



dois pisos da fachada primitiva. Apesar da profunda remodelação que o projecto de Korrodi vai provocar no edifício, os dois pisos pertencentes ao conjunto monástico acabam por ser mantidos de forma genérica, tal como se apresentavam antes da transformação, sofrendo apenas algumas alterações ao nível da organização interior, de forma a responder mais eficazmente à função da moagem. Foi ao nível do exterior que se acentuou de forma mais evidente a transformação, devido ao facto já referido, de ter sido acrescentado um piso no volume voltado a Poente e dois pisos no volume paralelo à igreja, formando um corpo mais elevado que se destaca de todo o complexo.

O conjunto é composto por vários corpos, sobressaindo o corpo principal em forma de “T”, que resulta deste projecto de Korrodi. No projecto inicial de 1920, apenas este corpo teria sido projectado, e somente anos mais tarde, por volta de 1931, já com a colaboração do seu filho, Camilo Korrodi, seria projectado o celeiro que remata o claustro a Nascente.

Ao nível do piso térreo, presume-se que não tenham existido grandes alterações na organização interior, apenas alguns ajustes para se adaptar às novas funções fabris. Ainda assim, houve uma alteração que teve impacto neste piso, consistindo na abertura de uma entrada que passaria a dar acesso ao interior do antigo claustro. Este acesso, aberto junto à parede de meação com a igreja, foi integrado na estrutura do edifício e na estética da fachada ao ser emoldurado em pedra calcária aparelhada, almofadada e encimada por um arco, semelhante ao que existe nesta mesma fachada mais a Norte, permitindo manter a harmonia do alçado Poente.

A função primordial deste piso terá sido a de depósito da farinha já pronta para venda, e também de armazenamento da matéria-prima que chegava à moagem. Esta função aparece directamente ligada quer com o antigo claustro, que funcionava como pátio de cargas e descargas, quer com o cais exterior a Norte, também de cargas e descargas de maior volume. Além desta função, fica localizado ainda neste piso o escritório com acesso directo pela principal entrada na moagem.



Imagem 46 – Alçados laterais do projecto de transformação do convento em moagem.

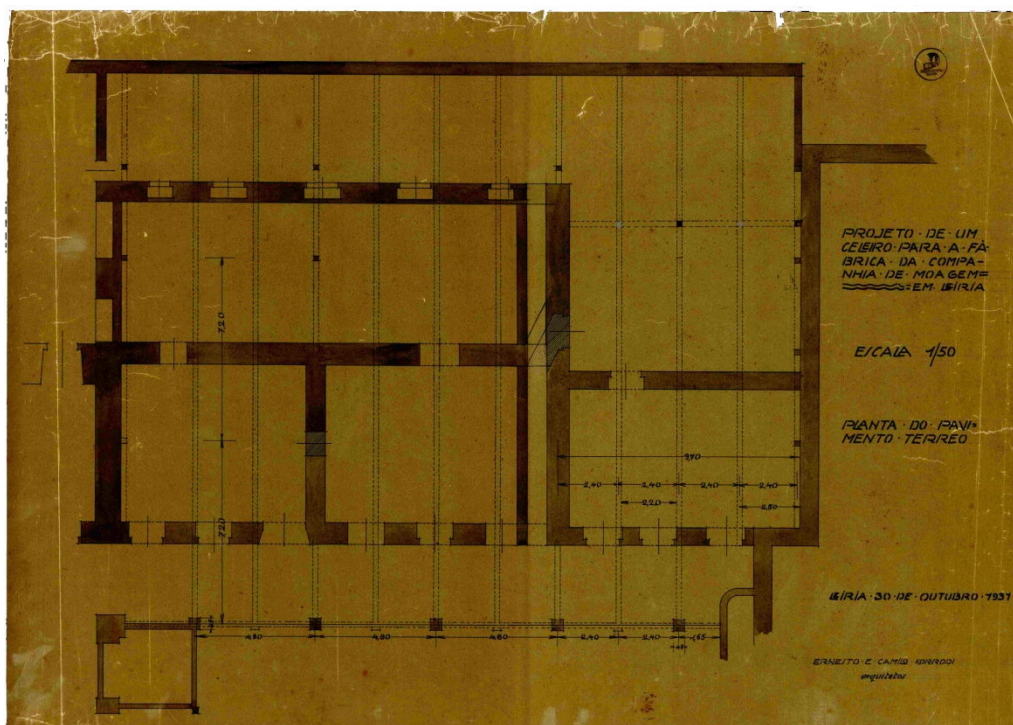


Imagem 47 – Planta do piso térreo do celeiro construído posteriormente à transformação do convento em moagem

No primeiro piso, e à semelhança do que se verificou no pavimento inferior, apenas se procederam a ajustes, nomeadamente no corpo voltado para Poente, onde se situavam as celas dos frades franciscanos, que devido às suas reduzidas dimensões se tornou necessário demolir algumas paredes para criar espaços com uma área mais generosa e adequada. Esta situação pode ser confirmada pela comparação da planta de levantamento do primeiro piso com a planta correspondente ao mesmo piso após a transformação. Também nesta planta de levantamento, verifica-se a existência de uma porta ao fundo do corredor dos dormitórios, e que faria a ligação entre as dependências monásticas e o coro-alto da Igreja. Esta porta terá sido entaipada provavelmente na época em que aí funcionou a prisão municipal. Ainda neste pavimento e pelo facto de apresentar um pé-direito mais generoso, foi adoptada uma solução que consistia na criação de zonas com um piso superior, onde se instalaram alguns gabinetes.

Por fim, os terceiro e quarto pisos, demarcam-se dos dois anteriores por corresponderem a uma tipologia de planta mais livre, apresentando espaços completamente amplos e sem barreiras físicas, há excepção da maquinaria para transformação e moagem de farinhas que ocuparia o centro das naves. O quarto piso apenas existia no corpo paralelo à igreja.

As ligações verticais são asseguradas pela antiga escada já existente no edifício conventual, mas que apenas faz a ligação do piso térreo ao primeiro piso, sendo depois complementado o restante acesso aos pisos superiores por escadas metálicas pontuais, e por um volume criado no claustro, que tal como a antiga escada do convento, apenas liga os dois primeiros pisos atrás referidos. Este volume de acesso vertical, além da escada, albergava também um montacargas que garantia a circulação vertical de mercadorias mais pesadas. Outro elemento vertical de circulação é o torrão adossado à fachada Nascente do corpo a Norte, que Korrodi mantém, reconstrói e aumenta em um piso para acompanhar e ligar os três pavimentos.

Neste projecto de adaptação e transformação, destaca-se a vontade de Korrodi em manter o máximo possível do antigo convento, algo que vai de



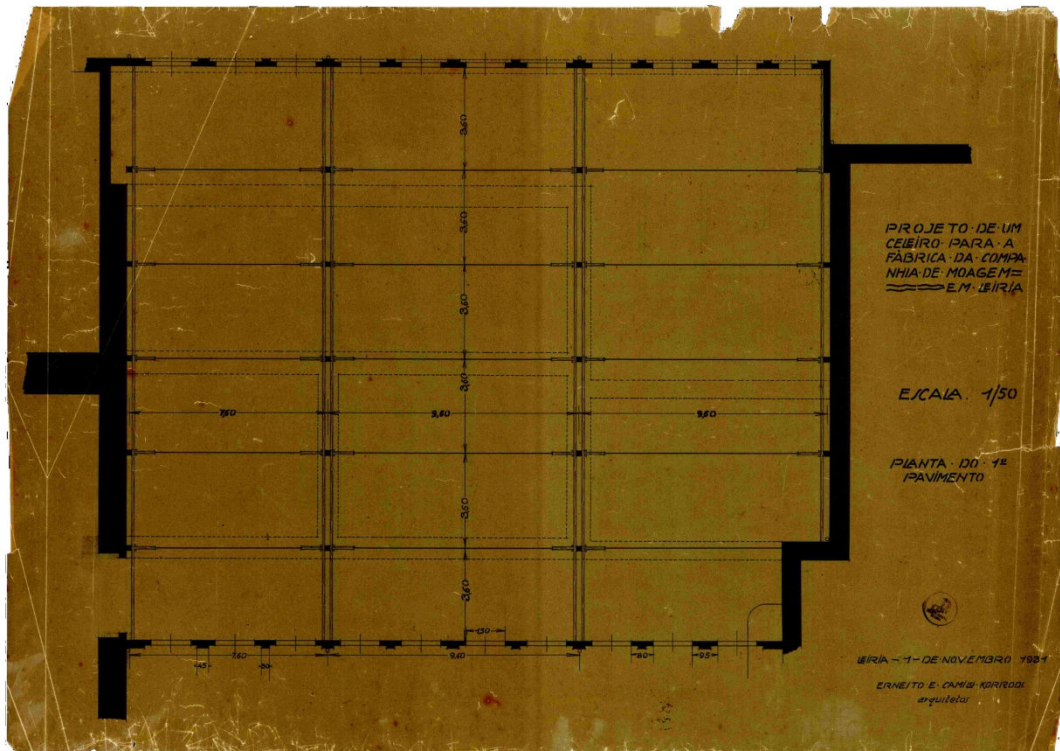


Imagem 48 – Planta do primeiro piso do celeiro construído posteriormente à transformação em moagem.

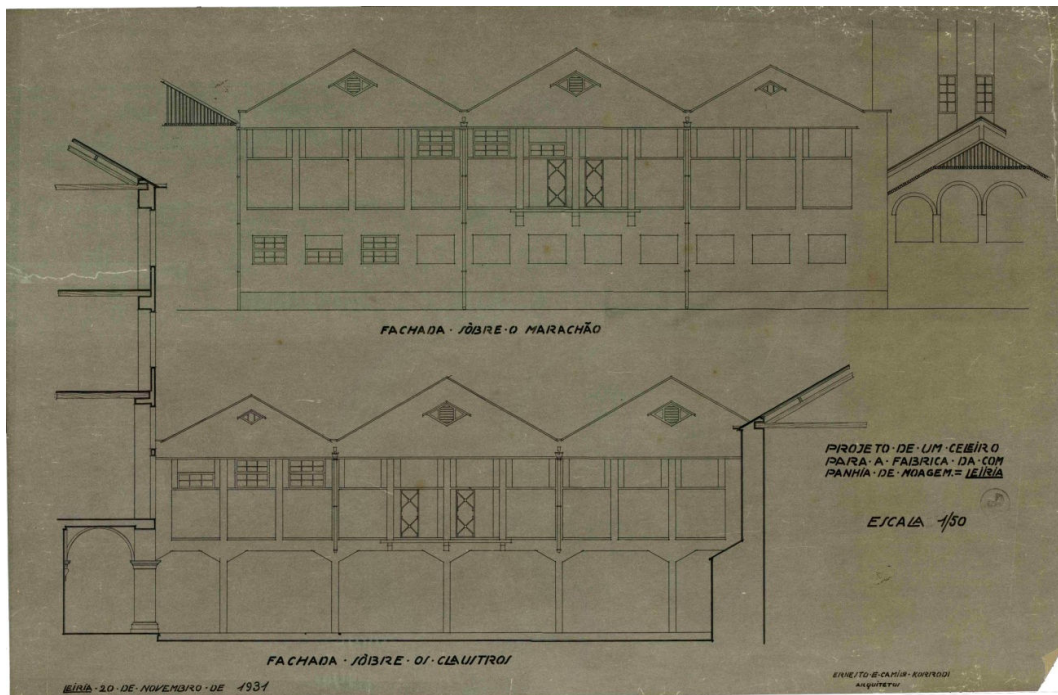


Imagem 49 – Fachadas do celeiro sobre o claustro e sobre a Rua Camilo Korrodi.

encontro à sua ideologia e forma de olhar o património. De facto Korrodi consegue conservar ao nível exterior o ritmo dos vãos da fachada, mesmo que esta tenha sofrido uma grande modificação com o acrescento de pisos superiores. Ao nível interior, foi possível manter parte da estrutura e elementos existentes, destacando-se os tectos abobadados que resistiram a esta transformação.

Dez anos após o projecto de transformação, Korrodi seria novamente contratado para conceber um novo volume a ser construído no limite Nascente do claustro, e que estaria destinado a um celeiro. Este foi elaborado já com a colaboração do seu filho, Camilo Korrodi, também ele arquitecto. O novo volume organiza-se em dois pisos, e apesar de não ser possível concluir através da observação dos desenhos rigorosos, parece plausível afirmar que foi aproveitada parte da estrutura de paredes existente nesse local e que faria parte das dependências conventuais, uma vez que, quer pela expressão das paredes de espessura tão acentuada, que se assemelham com as do restante edifício, quer pelo próprio alinhamento que este apresenta, parece existir uma correspondência a um volume primitivo do antigo convento onde poderia ter estado instalada, entre outras dependências, a Sala do Capítulo. No entanto, como foi referido, apenas se pode colocar de forma hipotética esta afirmação, já que carece de elementos que a comprovem de forma sustentada.

Para além desta construção, levada a cabo posteriormente à grande transformação, outras foram sendo adicionadas a todo o conjunto fabril, em grande parte da autoria de Ernesto e Camilo Korrodi. Podemos documentar, por exemplo, a construção de uma casa das máquinas; o alargamento do escritório; que provocou a supressão de três arcos da ala Poente do antigo claustro; e o projecto de construção de umas pocilgas situadas junto ao cais de cargas e descargas exterior.

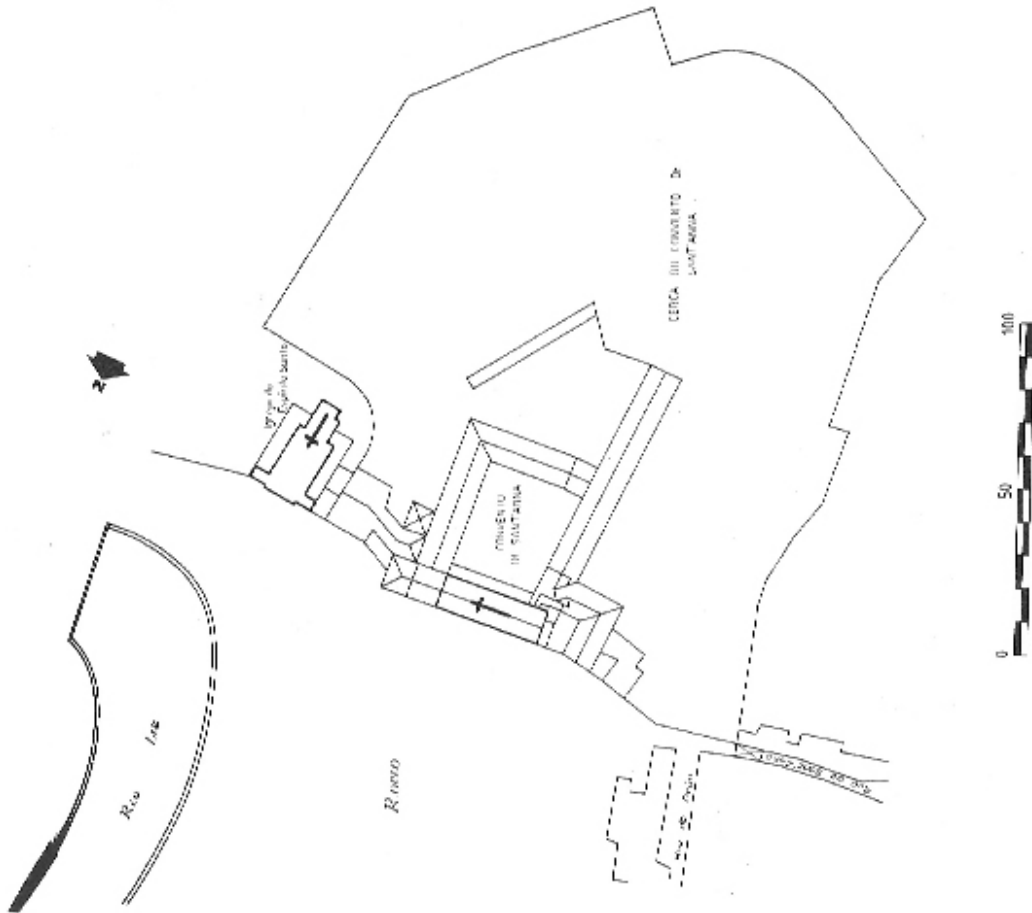


Imagem 50 – Implantação do extinto Convento de St.ª Ana.

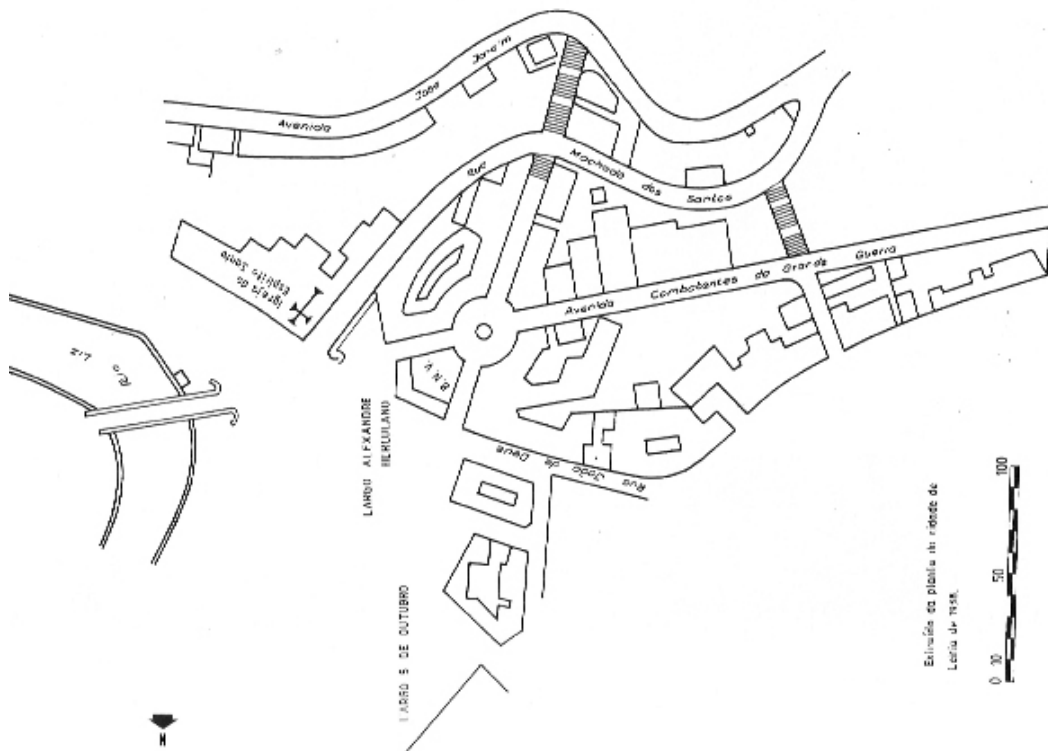


Imagem 51 – Projecto para o Bairro de Santana, resultante da demolição do convento.

## CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO DO PROJECTO

Após a análise levada a cabo nos capítulos anteriores, desde a fundação do edifício enquanto convento, passando pelas sucessivas alterações de que foi alvo, concluindo com a grande transformação do início do séc. XX, sob projecto de Ernesto Korrodi, surge agora a necessidade de direccionar este trabalho para a sua vertente mais prática, apresentando uma possível proposta de intervenção e reutilização do antigo complexo fabril.

### 3.1 \_ O Lugar Hoje

#### **Evolução Urbana de Leiria no Séc. XX**

A cidade de Leiria sofre grandes alterações durante o século XX, e apesar da sua evolução ser relativamente demorada, “ a velha cidade do Lis, transformava-se, demolindo os seus conventos e igrejas para rasgar novos arruamentos; estes eram ditados não só pela própria dinâmica da expansão urbana mas também pela necessidade de abrir vias de circulação mais modernas, ao mesmo tempo que se assistia a uma vontade de renovação estética da cidade,





Imagem 52 – Rotunda do Mercado de Santana.



Imagem 53 – Fachada do Banco de Portugal em Leiria.



traduzida em projectos de «*aformoseamento*»<sup>58</sup>.

No início do século é destruído o Convento de St.<sup>a</sup> Ana (1903), para dar lugar a um projecto de urbanização da autoria de Ernesto Korrodi, contratado pela Câmara Municipal de Leiria para o efeito. Com a demolição deste complexo conventual, tornou-se possível a abertura de duas novas artérias que se revelariam vitais para o desenvolvimento da cidade, a Rua Machado dos Santos e a Avenida Dr. José Joaquim.<sup>59</sup> Apesar da demolição do convento, apenas em 1921 seria construído no seu lugar o novo mercado coberto, projectado pelo arquitecto suíço.

Korrodi será o arquitecto mais importante na renovação urbana da cidade de Leiria nas primeiras décadas do século XX, sendo o autor dos mais importantes equipamentos e edifícios públicos, dos quais se destacam o Novo Edifício da Câmara Municipal (1902), o já referido mercado coberto (1921) ou a Filial do Banco de Portugal (1923).

Em 1926, surge em Leiria a ideia de realizar um concurso para a elaboração de um Plano Geral de Melhoramentos, evidenciando a vontade de iniciar o processo de modernização da cidade. A este concurso responderam dois jovens arquitectos Luís Cristino da Silva e Fernando de Barros Santa Rita.

Estas duas propostas diferem bastante uma da outra. O plano de Cristino da Silva baseia-se sobretudo num urbanismo formal com grande influência do que vivenciara em França enquanto estudante. De uma forma geral, apresenta uma matriz geométrica que pretende dominar todo o território, forçando a topografia e desprezando as preexistências, à excepção das que tinham valor monumental. Prevê a expansão do perímetro urbano a Norte do existente, (privilegiando o enquadramento do antigo Convento de S. Francisco, usando-o como elemento organizador da métrica e direcção da malha ortogonal) e a Sul até ao morro do Santuário de Nossa Senhora da Encarnação. Por outro lado o plano de Santa Rita é muito influenciado pelo facto de este arquitecto ter

---

<sup>58</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Leiria**, Lisboa: Presença, 1989. P. 37

<sup>59</sup> Dissertação de Mestrado de: Correia, Joel da Costa \_ **Leiria: A Evolução do Espaço Urbano da Cidade Moderna (1926- 1974)**, Universidade de Coimbra, 2011. P. 69



Imagem 54 – Plano de Melhoramento e Modernização da cidade de Leiria, Cristino da Silva.



Imagem 55 – Plano de Melhoramento e Modernização da cidade de Leiria, Fernando Santa Rita.

nascido e vivido na cidade leiriense, e apesar de intervir na malha medieval com base nos princípios higienistas da época, nota-se uma atitude muito controlada e menos extensiva ao território circundante, atribuindo muita importância tanto à topografia como às preexistências. Em comum com o plano de Cristino da Silva, tem a expansão urbana para Norte, coincidindo com a área onde no futuro se viria a desenvolver a Avenida Heróis do Ultramar e na envolvente do antigo Convento.

Em 1926 o júri deste concurso, viria a deliberar que nenhuma das propostas respondia de forma integral às condições impostas, e desta forma nenhuma das propostas seria implementada. No entanto, decidem adquirir os dois documentos por acharem que se complementam. O arquitecto Santa Rita, que é convidado neste mesmo ano a “chefiar a Comissão Técnica e de Estética da Câmara Municipal de Leiria”<sup>60</sup>, é encarregue de adaptar ambas as propostas às condições económicas da cidade.

Em 1948 é apresentado o Plano Geral de Urbanização de Leiria (nova figura de plano, criada em 1934, para substituir o Plano de Melhoramentos). Este é elaborado por José de Lima Franco, mas a sua aprovação arrasta-se por quase duas décadas, acabando por nunca ser aceite a sua versão final pelas entidades municipais. Durante o intervalo temporal em que decorreu o processo de elaboração deste plano (sensivelmente entre 1948 e 1962) decorreram pela cidade obras de melhoramento e a construção de novos equipamentos que se revelariam vitais para a modernização e expansão de Leiria. Destes, destacam-se as Garagens Ford (1945), o Terminal de Transportes Colectivos (1956), a nova Escola Industrial (1953-55), o Liceu (1960-64) e o Palácio da Justiça (1954-63). Uma das obras que mais significativamente contribuiu para esta modernização e expansão, foi a abertura da Avenida Heróis de Angola, que iria ligar a antiga Praça das Sardinhas (actual Praça Paulo VI) ao antigo Convento de S. Francisco, e que se assume como um dos eixos de maior importância.

---

<sup>60</sup> Dissertação de Mestrado de: Correia, Joel da Costa \_ **Leiria: A Evolução do Espaço Urbano da Cidade Moderna (1926- 1974)**, Universidade de Coimbra, 2011. P. 73



Imagem 56 – Ante-plano de urbanização de Leiria, 1948, Lima Franco.



Imagem 57 – Teatro José Lúcio da Silva.

A abertura desta nova avenida vai permitir a expansão da cidade para Norte e desta forma “o centro de gravidade de Leiria transferiu-se para a Avenida Heróis de Angola, onde se situa o «*terminus*» da rede de transportes e a maior parte do seu comércio, a par de novas instalações hoteleiras. A avenida veio também beneficiar da proximidade de uma via rápida recém-construída e da localização do novo mercado, entre aquela artéria e a Rua Mouzinho de Albuquerque”<sup>61</sup>. É com esta intervenção que a área anteriormente restrita e desabitada do Convento de S. Francisco começa a ganhar vida e preponderância no panorama da cidade de Leiria, começando aqui a gerar-se um dos pólos mais dinamizadores económica e culturalmente, fruto do comércio que aqui se instalou e também de um importante equipamento como o Teatro José Lúcio da Silva (1964-66) da autoria dos arquitectos Carlos M. Ramos e José Bruschy, além do já referido complexo de gares rodoviárias projectado por Camilo Korrodi, que transforma esta zona no ponto de partidas e chegadas mais importante da urbe leiriense.

Nota-se em todos os planos apresentados a importância que o automóvel ganha, uma vez que todas as vias são pensadas de forma a resolver o problema do congestionamento urbano, e são pensadas grandes bolsas de estacionamento principalmente para esta nova área de expansão da cidade, localizadas numa vasta área entre o rio e o antigo cenóbio franciscano, e a Sul das gares rodoviárias. No entanto o desenho da área ente o Cineteatro e o extinto convento surge como um preenchimento quase aleatório do espaço resultante da delimitação da rede viária, sendo pensada a implantação de uma linha de prédios a acompanhar a avenida.

Já no final dos anos 60, viria a ser apresentado o Plano Director Municipal da Cidade de Leiria (1967) e os respectivos planos de pormenor pela Hidrotécnica Portuguesa. Este destacava-se do que tinha sido feito anteriormente, por não se limitar a pensar apenas o centro urbano, trabalhando numa escala mais alargada, incluindo as localidades que rodeavam a cidade, de

---

<sup>61</sup> Costa, Lucília Verdelho da \_ **Leiria**, Lisboa: Presença, 1989. P. 61





Imagem 58 – Vista aérea actual cidade de Leiria.



Imagem 59 – Centro comercial “Edifício 2000”.

forma a pensar o concelho como um todo, e permitindo assim a melhoria dos acessos e comunicação da cidade com a sua envolvente.

### **Área de Intervenção**

O edifício da Companhia Leiriense de Moagem encontra-se numa zona privilegiada da cidade de Leiria, por se situar perto do centro da actual urbe. É delimitado a Poente por uma das principais artérias da cidade, a Avenida Dom João III que liga com a Avenida Heróis de Angola, formando um dos eixos mais movimentados e de maior importância da cidade actual, tal como foi referido anteriormente. Estando próximo do centro é ao mesmo tempo vizinho de uma das novas áreas de expansão da cidade, a denominada “Nova Leiria”, o que confere ainda mais potencial a este complexo, quer pelo seu valor histórico, patrimonial e arquitectónico, quer pela área distinta que ocupa em pleno coração da cidade. Outro factor que lhe confere grande potencial é a sua proximidade com o rio, que outrora tantos dissabores trouxe ao complexo conventual, mas que actualmente, fruto do projecto Polis, e de uma reaproximação da cidade ao curso fluvial, se tornou num atractivo tanto para a população residente como para visitantes.

A área onde se implanta, caracteriza-se principalmente por ser uma zona comercial por excelência, encontrando-se aqui dois centros comerciais, um a Norte, o “Edifício 2000” e outro atravessando a Avenida Dom João III, o centro comercial Maringá, o que origina um elevado fluxo diário de pessoas neste território. Além da componente comercial, a função residencial está aqui bem presente, uma vez que em todo o redor do edifício encontramos prédios residenciais.

Com as funções comercial e residencial já existentes, podemos concluir que existe um fluxo diário elevado de pessoas durante o dia, através da afluência de consumidores que se deslocam aos centros comerciais, e ao fim do dia com o retorno dos residentes a suas casas. No entanto falta um programa que torne

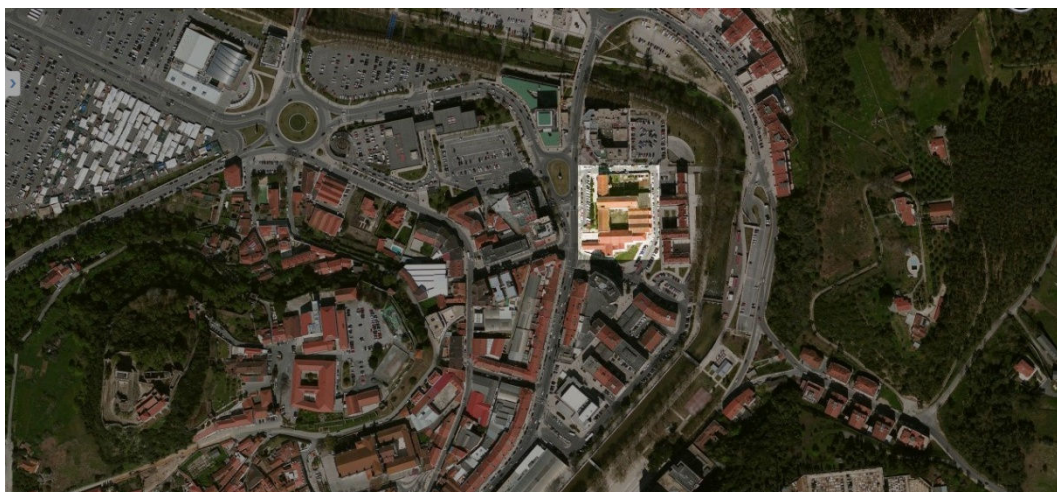


Imagem 60 – Vista aérea da área de Intervenção.

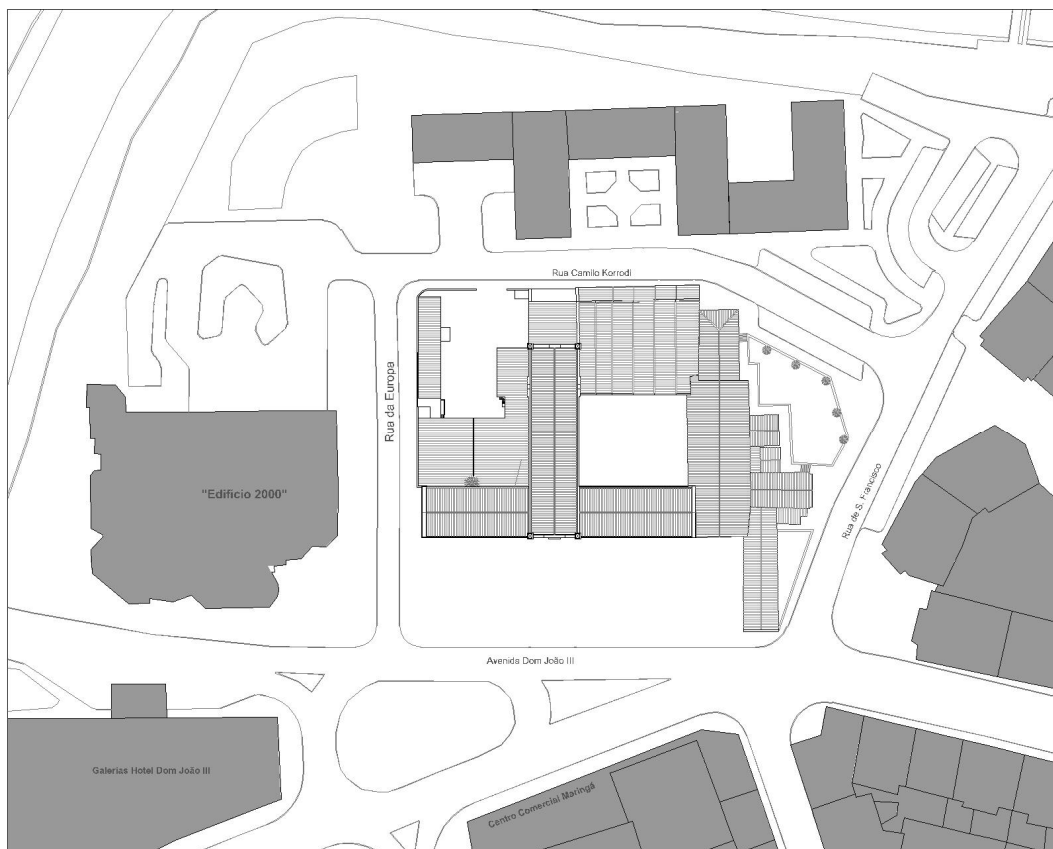


Imagem 61 – Planta de implantação do estado actual da Companhia Leiriense de Moagem.



possível a fixação de pessoas num horário mais alargado, o que poderá ser concretizado com o programa proposto para a intervenção, através de um pólo empresarial e cultural.

Desta forma a área de intervenção será composta pelo complexo da antiga moagem. No entanto, parece oportuno alargar um pouco mais a área a intervir, de maneira a ser possível tratar o espaço público envolvente. Assim a área de intervenção será delimitada a Poente pela Avenida Dom João III, a Norte pelo “Edifício 2000”, a Nascente pela Rua Camilo Korrodi, e a Sul pela Igreja de S. Francisco. A decisão de integrar na área de intervenção a rua da Europa, prende-se com o facto desta se apresentar como uma via de baixa importância, podendo a sua função ser substituída através da reestruturação da rua Camilo Korrodi, propiciando assim a possibilidade de desenvolver um novo espaço público que será comum ao centro comercial a Norte e à antiga moagem.



## 3.2 \_ O Conceito Base

A intervenção em edifícios com valor histórico e patrimonial não é uma inquietação apenas actual, mas algo que se discute já há alguns séculos. No entanto este assunto está cada vez mais na ordem do dia um pouco por todo o mundo. Na época do Renascimento, através de Alberti, terão sido delineadas as primeiras ideias para intervir em edifícios existentes, com o intuito de os preservar. Séculos mais tarde Viollet-le-Duc, elabora uma teoria que torna o restauro de monumentos numa disciplina autónoma da concepção arquitectónica, “ficando famoso pelo princípio da Unidade de Estilo”<sup>62</sup>. Já John Ruskin defendia a morte inevitável de um edifício pela conservação da sua ruína, oposto do que era sustentado por Camilo Boito que se notabilizou pelo restauro científico, recorrendo a técnicas construtivas modernas de forma a preservar o património.

Apenas no início do século XX, com as “Cartas de Património”, onde se destaca sobretudo a “Carta de Veneza” de 1964, podemos afirmar que começa a ser definido um conceito de conservação e restauro do património edificado.

### **Intervenção em Património Industrial**

Uma das questões actuais da preservação do património prende-se com a protecção de edifícios industriais desactivados, fruto do efeito da desindustrialização sentida um pouco por toda a Europa nas últimas décadas, permanecendo agora as ruínas destes complexos totalmente descontextualizadas no perímetro urbano, situação que se verifica na antiga moagem leiriense.

Tal como acontece no caso da Companhia Leiriense de Moagem, estes espaços industriais, localizam-se muitas vezes, em locais privilegiados da cidade,

---

<sup>62</sup> Pimentel, António Fraga; Martins, João Guerra \_ **Reabilitação, reabilitação de edifícios tradicionais**, série reabilitação, 2005. P. 3



o que torna os terrenos onde se implantam extremamente valiosos e atractivos para rentabilização imobiliária,<sup>63</sup> e é fruto desta especulação, e do interesse privado em rentabilizar os investimentos, que muitos destes edifícios acabaram transformados em unidades residenciais de luxo ou condomínios privados, apenas ao alcance das classes mais elevadas da sociedade. Este interesse, sobretudo económico, leva a que muitos destes complexos industriais acabem substituídos por novas e modernas construções, ou modificados de tal forma que se perdem assim edifícios de elevado valor cultural, arquitectónico e patrimonial.

A preservação do património industrial é cada vez mais um factor de importância para a requalificação das próprias cidades em que se inserem, e estes espaços agora obsoletos na malha urbana podem voltar a afirmar-se de forma tão intensa como o fizeram na sua época áurea, através da atribuição de novos usos e dando-lhes a capacidade de originar novos e variados pólos de múltiplos interesses, geradores de uma nova dinâmica urbana e de novas centralidades. Estas intervenções podem mesmo ter um efeito catalisador para novas acções de recuperação e preservação das áreas em seu redor, assumindo assim um papel importante em centros históricos, gerando aí investimentos e atraindo população para aí se fixar.

Podemos definir, e de certa forma organizar a forma de intervir no património industrial em três conceitos: museificação, reutilização e reconversão.<sup>64</sup> A museificação enquanto método de conservação do património, é uma opção que por si só não se afirma como revitalizante, aparecendo antes como forma de cristalizar uma imagem ou um ícone, estando geralmente associada a um conteúdo programático virado para a museologia. Este método olha para as “ruínas” industriais como relíquias de um tempo passado, e a prova disso é o facto de muitas vezes ao percorrermos algumas cidades encontrarmos “perdidas” chaminés industriais inseridas e preservadas em centros urbanos ou áreas verdes, que tem por objectivo funcionar como uma espécie de memorial à

---

<sup>63</sup>Dissertação de Mestrado de: Silva, Vasco Emanuel Machado Pinto da \_ **Revolução (Des)Industrial**, Coimbra, 2009. P. 24

<sup>64</sup> *Ibidem*. P. 38



tradição industrial dessa cidade, integrando-se nela de forma escultural e icónica.

A reconversão é destes três conceitos o que mais alterações provoca no edifício a intervir, e conseqüentemente o que mais polémica levanta, já que o acto de reconverter é mais do que simplesmente alterar a função do edifício. Esta forma de intervir em edifícios de valor patrimonial, pode provocar uma alteração no edificado e na sua linguagem arquitectónica, levando à perda da sua identidade enquanto edifício industrial. Este método revela-se no entanto o que mais interessa aos investidores privados, por apresentar uma grande rentabilidade a curto prazo.

Por último a reutilização, que se revela o método mais interessante para a proposta a ser apresentada para a Companhia Leiriense de Moagem. Este método, à semelhança do anterior também consiste na atribuição de novas funções ao edifício. No entanto, distingue-se do antecedente pelo facto de não se realizarem alterações de relevo ao nível do preexistente. Acerca desta forma de intervir Françoise Choay refere que “consistindo em reintroduzir um monumento desafectado no circuito das utilizações vivas, (...) a reutilização é, sem dúvida, a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização patrimonial. (...) Atribuir-lhe um novo destino é uma operação difícil e complexa, que não se deve fundar apenas sobre uma semelhança com o destino original.”<sup>65</sup>

O património industrial apresenta uma vantagem em relação a qualquer outro tipo de património arquitectónico em termos de reabilitação, que é a sua grande capacidade de adaptabilidade, podendo ser integrados nestes edifícios variados conteúdos programáticos. Neste tipo de complexos, é possível pôr em funcionamento vários tipos de estruturas onde podem funcionar programas como o comercial, empresarial ou cultural, com custos reduzidos, tornando assim este tipo de investimentos mais rentáveis a curto prazo.

Apesar de ser economicamente mais viável, esta opção parece ser mais complexa em termos de projecto de arquitectura, uma vez que toda a proposta

---

<sup>65</sup> Choay, Françoise \_ **Alegoria do Património**. Lisboa. Ed. 70, D.L. 2008. P. 233



Imagem 62 – Vista aérea da antiga Central Eléctrica do Freixo.



Imagem 63 – Exposição no interior de um dos pavilhões da antiga Central Eléctrica.



será condicionada pela memória do próprio lugar, impondo ao arquitecto uma maior agilidade e flexibilidade na elaboração de um estudo de intervenção.

A reutilização de lugares industriais apresenta-se como uma tentativa de manter o espaço industrial e a imagem deste na cidade, apenas alterando a sua função.

Relativamente ao conceito a implementar no edifício da Companhia Leiriense de Moagem, temos alguns exemplos em Portugal e no estrangeiro, como por exemplo, a Central Eléctrica do Freixo no Porto, a LX Factory em Lisboa, ou ainda o antigo *Matadero* de Madrid, em Espanha. Estas três propostas têm em comum o facto de albergarem programas que incluem pólos empresariais, pólos culturais, ou ainda como espaço aglutinador de indústrias criativas, através da congregação no mesmo espaço de diferentes empresas ligadas à área criativa, tornando possível um trabalho articulado entre elas. Este será o conceito base que se pretende implantar no edifício leiriense.

Para mais facilmente se perceber o conceito a aplicar, apresentam-se em seguida os três exemplos citados.

### **Central Eléctrica do Freixo**

A Central Eléctrica do Freixo, na cidade do Porto, localiza-se numa zona privilegiada na margem direita do rio Douro. Esteve em plenas funções como central eléctrica até 1974, passando posteriormente para gestão da EDP e sendo progressivamente desactivada.

O complexo da Central Eléctrica era composto originalmente pela estação principal, que partilhava o terreno com outra sub-estação de menor escala, pertença de outra empresa eléctrica. Nos anos 50 a União Eléctrica Portuguesa, proprietária desta central sentiu necessidade de se expandir, sendo pedido ao arquitecto Januário Godinho que elaborasse o projecto para a expansão das instalações. O arquitecto projectou três novos volumes, correspondentes a oficinas/garagens, a oficinas metalúrgicas e aos serviços médico-sociais, sendo a



construção efectuada em três fases distintas, pela ordem apresentada.

Actualmente encontra-se instalado neste complexo o Centro de Apoio à Criação de Empresas (CACE), estando o núcleo administrativo sediado no edifício anteriormente destinado aos serviços médico-sociais. Nas antigas oficinas metalúrgicas encontra-se o CACE propriamente dito e no volume das antigas oficinas/garagens, encontra-se o espaço que estará mais bem dinamizado, uma vez que alberga inúmeras empresas criativas ligadas ao mundo das artes plásticas e performativas.

Destaca-se nesta intervenção o facto de se perceber a adaptabilidade de funções num edifício desta natureza, já que os amplos espaços e a clareza ao nível formal permitem que toda a área seja utilizada sem afectar a arquitectura original. Desta forma foi possível manter em todos os espaços a carga histórica indissociável deste lugar, que oferece agora à cidade do Porto uma energia diferente da que fornecia outrora, uma energia sobretudo cultural e dinamizadora.

### ***Matadero de Madrid***

O caso do *Matadero* de Madrid ao nível do programa e conceito de intervenção é muito similar ao da intervenção anterior, distinguindo-se sobretudo pela escala, uma vez que no caso espanhol se trata de um vasto complexo industrial, situado na margem do rio Manzanares em Madrid.

O projecto original da autoria do arquitecto do Município de Madrid, Luís Bellido González data de 1909, e na época opta “por apresentar uma proposta baseada nos modelos alemães para este programa, em detrimento dos modelos franceses e ingleses (...) Bellido viajou por toda a Europa com o intuito de conhecer os programas e funcionamentos dos matadouros europeus, na busca da melhor e tecnologicamente mais avançada solução para o Matadouro



Imagem 66 – Fachada de um dos núcleos de naves do *Matadero*.



Imagem 67 – Interior de uma das naves do *Matadero*.

de Madrid”.<sup>66</sup>

A escolha do modelo alemão, prende-se com o facto de na sua opinião ser o que melhor respondia às necessidades de um programa deste género, onde se destacava a integração num mesmo complexo do matadouro e de um mercado, a acessibilidade de pessoas e animais e condições higieno-sanitárias e de segurança. “A construção do *Matadero* demorou cerca de 17 anos, período durante o qual foi sofrendo alterações e correcções, pelo que, alguns dos espaços construídos e conservados até aos dias de hoje, diferem daquilo que tinha sido desenhado inicialmente”.<sup>67</sup> Terá funcionado em pleno durante cerca de sessenta anos, sendo encerrado em 1996.

Ao longo dos anos o complexo foi sofrendo alterações ao nível do uso, uma vez que a partir da década de 80 se começou a achar que o *Matadero* se tornara obsoleto e já não respondia eficazmente há função para a qual fora construído e às novas exigências desta indústria. Começam então a ser pedidos projectos para adaptar algumas partes deste complexo a novos usos e novas funções, como é o caso do acordo estabelecido em 1990 entre o Ministério da Cultura e a Câmara de Madrid, em que foram cedidos à primeira entidade algumas naves para instalação de programas culturais, como foi o caso da Companhia Nacional de Ballet de Espanha e da Companhia de Dança, que se instalaram nos antigos estábulos. Com o encerramento definitivo do *Matadero* tornou-se necessário e urgente definir um novo rumo para esta extensa área, e no topo das propostas estiveram sempre programas ligados à cultura. No entanto, entendia-se que a área era demasiado vasta para albergar apenas programa cultural, daí que as primeiras propostas tentassem integrar cultura, hotelaria, lazer e restauração.

O derradeiro plano foi aprovado em Junho de 2002 e após esta aprovação inúmeras empresas assumiram a gestão e recuperação de algumas das naves que integravam o vasto complexo, com a intenção de “criar um espaço cultural

---

<sup>66</sup> Dissertação de Mestrado de: Silva, Vasco Emanuel Machado Pinto da \_ **Revolução (Des)Industrial**, Coimbra, 2009. P. 86

<sup>67</sup> *Ibidem*. P.88





Imagem 68 – Interior do *Matadero* onde se pode ver uma viga metálica usada como balcão.

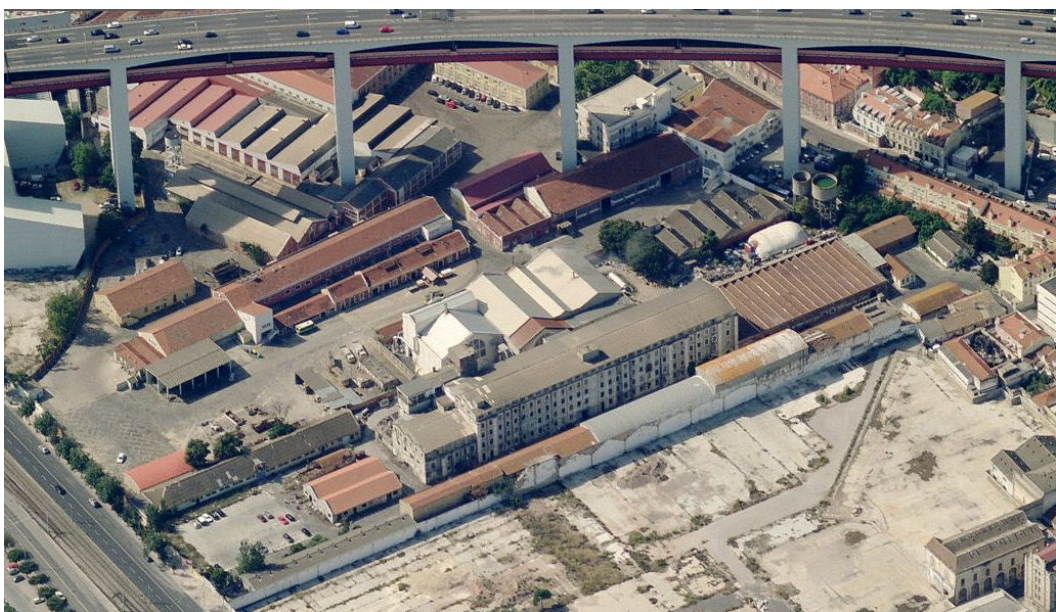


Imagem 69 – Imagem aérea da zona ocupada pela LX Factory, em Lisboa.

de vanguarda”<sup>68</sup>

As obras levadas a cabo nas antigas naves do matadouro madrileno, caracterizam-se de forma geral pela redução da intervenção ao mínimo indispensável para o bom funcionamento de um novo programa, de forma a preservar e manter o valor patrimonial do existente, assumindo um grande respeito pela ruína industrial. Para responder a esta vontade, maior parte das intervenções caracterizam-se pelo uso de materiais no seu estado bruto e com as medidas padrão, como é o caso do uso de vigas ou pilares metálicos. O uso de materiais com as medidas padrão também é justificado com o facto de posteriormente poder vir a ser reutilizado em novas intervenções, mostrando de forma clara o carácter de intervenção de baixo custo e da temporalidade que este tipo de acções comporta, sendo possível a qualquer momento desmontar estas estruturas e voltar ao estado original do edifício preexistente.

### **LX Factory**

Por último é apresentado o projecto da LX Factory, que será o mais interessante para o caso leiriense. Uma das características fortes no conceito da LX Factory é o facto de ser uma iniciativa que não teve qualquer tipo de apoio, e que surge através da introdução de iniciativas culturais. Podemos afirmar que a cultura tornou-se nos dias de hoje num potente catalisador e motor de regeneração urbana, dando uma nova imagem à cidade e tendo a capacidade de gerar novos polos dinamizadores, como é este caso em concreto. Esta crescente importância da realidade cultural na economia prende-se como facto de actualmente as novas indústrias estarem mais dependentes de uma geração de conhecimento através da criatividade e da capacidade de inovação, em detrimento do que acontecia nas indústrias do séc. XIX e XX, que dependiam sobretudo dos materiais da ciência e da tecnologia.

---

<sup>68</sup> Dissertação de Mestrado de: Silva, Vasco Emanuel Machado Pinto da \_ **Revolução (Des)Industrial**, Coimbra, 2009. P. 94



Imagem 70 – Corredor do piso 1 da Lx Factory, onde podemos ver maquinaria da antiga Fiação.



Imagem 71 – Corredor do piso 2 da Lx Factory.



A LX Factory encontra-se instalada na antiga Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, em Alcântara, e aparece agora, como uma nova unidade de produção, mas adaptada aos tempos correntes. Todo o espaço onde se implanta a propriedade é composto ainda hoje por alguns dos edifícios originais da antiga fábrica, e por outros que foram surgindo ao longo do tempo. No total corresponde a cerca de 23000 m<sup>2</sup>, que se encontravam devolutos e obsoletos, à espera da elaboração e aplicação de um novo plano que lhe desse uma nova vida.

Face à demora deste plano, surge a hipótese de aí instalar um novo equipamento, que além de recuperar a antiga fábrica, dando-lhe um novo uso, tem um modelo de gestão muito interessante. Através deste equipamento tornou-se possível criar uma nova unidade de produção, conseguindo desenvolver uma nova realidade industrial, a indústria criativa do século XXI, um centro empresarial que proporciona a transacção de *produtos culturais* como se de um “centro comercial de cultura” se tratasse. Caracteriza-se sobretudo pela simplicidade e autenticidade com que este processo foi levado a cabo, preservando o local e utilizando como imagem de marca toda a realidade industrial envolvente, pondo-a em evidência em vez de a tentar apagar e transformar em algo moderno e sem história.

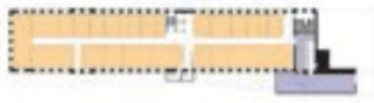
Actualmente encontram-se na LX Factory a trabalhar quase 100 empresas distribuídas por diversas áreas, nem todas ligadas à cultura ou criatividade e que variam desde o âmbito contabilístico até estúdios de artistas plásticos ou empresas de castings. No entanto é possível afirmar que na grande maioria são empresas ligadas ao ramo do design e publicidade.

Por ser um local caracterizado pela realização de actividades ligadas ao ramo cultural e onde na sua maioria trabalham empresas ligadas à produção criativa, como da moda, das artes plásticas ou fotografia, o público que aqui circula diariamente tem interesses em áreas idênticas, no entanto dentro deste universo de público, temos os profissionais, que aqui trabalham temporariamente ou a tempo inteiro, temos o público que aqui se desloca

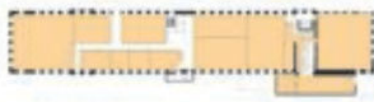
Planta Piso 4



Planta Piso 3



Planta Piso 2



Planta Piso 1



Planta Piso 0

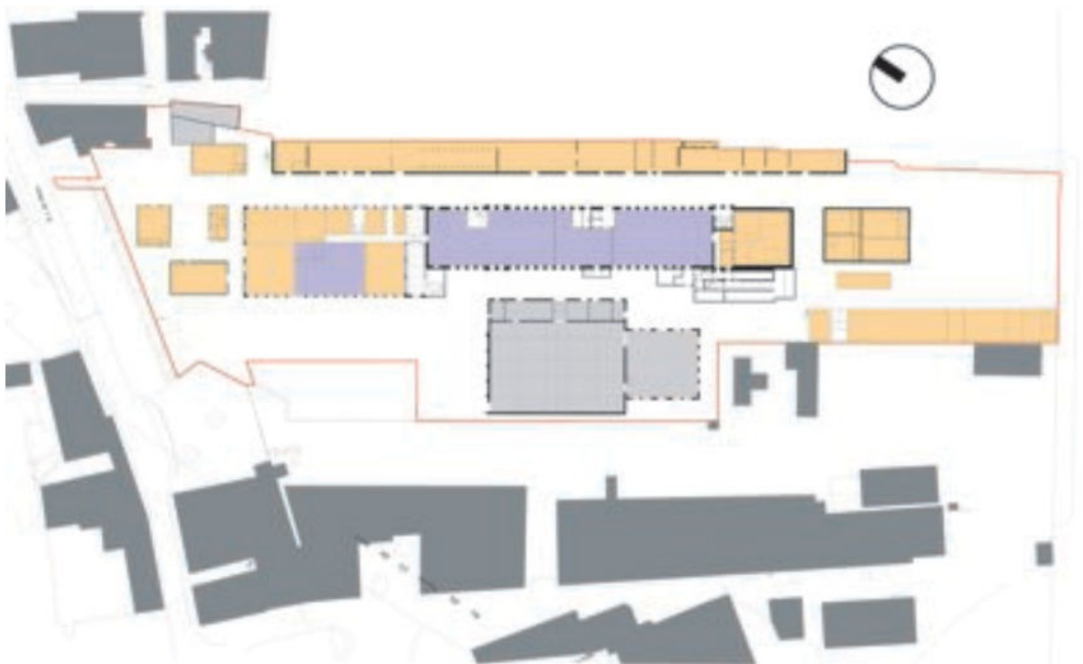


Imagem 72 – Plantas da Lx Factory. A laranja as zonas ocupadas por empresas e a lilás áreas como a sala das colunas ou o espaço CoWork Lisboa.

apenas para realizar castings, para frequentar a livraria ou o restaurante (cantina), para realizar workshops ou cursos, e temos também o público que aluga espaços dentro da LX Factory, para a realização pontual de eventos que variam desde festas privadas, concertos, produção de anúncios, reportagens, entre outros. Por fim existe ainda o público que apenas visita o espaço com o intuito de frequentar algum evento específico, não estabelecendo nenhuma relação com o local. Apesar de tudo é de salientar a grande dinâmica que este conceito trouxe a uma zona da cidade que estava abandonada, e que através desta proposta consegue gerar um considerável fluxo diário de pessoas que aqui se deslocam por diferentes motivos, o que aprova a potencialidade destes antigos espaços industriais como geradores de novos pólos, e da potencialidade que tem este tipo de conceito relativo à “indústria cultural e criativa” num contexto urbano.

Além da elevada movimentação de pessoas gerada pelas empresas, na LX Factory existe ao mesmo tempo um espaço dedicado a trabalhadores *freelancer*. Organizado sob o conceito de *CoWork*, este espaço tornou-se num dos pontos de maior atracção desta intervenção, uma vez que neste local é possível alugar um espaço de trabalho, a um custo acessível, e ter a oportunidade de trabalhar rodeado de inúmeros profissionais de diversas áreas, com um mesmo propósito e numa situação profissional semelhante. Este espaço localiza-se no último piso da antiga fiação e corresponde a uma área ampla, onde é possível encontrar arquitectos, designers, profissionais ligados à música, consultadoria, informática, advocacia, economia, entre outros ramos profissionais. Este conceito torna-se muito interessante principalmente pelo facto de ser possível ter num mesmo espaço acesso a áreas tão distintas e ao mesmo tempo haver a hipótese e oportunidade destes profissionais trabalharem integrados num mesmo projecto, como se de uma empresa multidisciplinar se tratasse.

Tal como num centro comercial um dos factores que inicialmente trouxe destaque a este conceito foi a presença de determinadas marcas com maior projecção, o que permitiu no início atrair um público mais vasto, funcionando desta como “empresas âncora”, à semelhança do que acontece nos centros



Imagem 73 – Sala das colunas no piso térreo da LX Factory.



Imagem 74 – Sala das colunas no piso térreo da LX Factory durante um evento.

comerciais com as “lojas âncora”. Na LX Factory podemos identificar algumas destas empresas que serviram de atractivo num momento inicial, como o caso da *Livraria Ler Devagar*, da escola *Fórum de Dança*, da *NCS* (empresa de Produção de som e vídeo), que gera um grande fluxo diário de pessoas, a *Cantina* ou a *ACT* (escola de actores).

Uma das razões do sucesso desta proposta é sem dúvida a renda cobrada pelo espaço ocupado pelas empresas, já que o valor médio rondará os 10€/m<sup>2</sup> por mês, valores inferiores ao cobrado por escritórios na cidade de Lisboa, acrescendo o facto de, em média um escritório na LX Factory rondar os 150m<sup>2</sup>, em oposição ao praticado no mercado que corresponderá a áreas mais reduzidas.

Sendo o seu funcionamento auto-suficiente, procura ao mesmo tempo gerar lucros tal como qualquer outro investimento, salientando que para este investimento não foi necessário alterar o espaço para o adaptar a um novo uso, o que apenas foi possível através de uma intervenção mínima e que gerou retornos quase instantâneos. Esta intervenção mínima é bem visível ao visitar o complexo da LX Factory, onde é possível encontrar no interior maquinaria da antiga fiação, percebendo-se que apenas foram introduzidas estruturas pontuais para criar os espaços para as empresas.

Os três exemplos apresentados servirão de exemplo e de linha guia para o que será a proposta de reutilização no edifício da Companhia Leiriense de Moagem. Esta intervenção vai basear-se no conceito da reutilização, anteriormente referido, por ser o que se revela mais desafiante e interessante para uma intervenção deste género, e porque um dos primeiros objectivos ao abordar este edifício sempre foi o de manter a sua estrutura original o máximo possível, introduzindo apenas elementos novos quando estes se revelem fundamentais para o funcionamento do novo programa. O conceito a implementar será muito próximo do que foi desenvolvido nos três projectos anteriores, onde o programa cultural e criativo será o grande gerador de uma nova vida para o edifício, tornando-se num pólo dinâmico e cultural na cidade.





Imagem 75 – Livraria Ler Devagar.



Imagem 76, 77 e 78 – Espaço CoWork Lisboa, no quarto piso da LX Factory.

## CAPÍTULO IV – ESTUDO PRÉVIO – PROPOSTA DE REUTILIZAÇÃO

O estudo prévio consiste numa das fases de elaboração de um projecto de arquitectura, que podemos dividir em seis fases: definição do programa preliminar, estudo prévio, projecto base, projecto de execução, selecção do empreiteiro e assistência técnica de execução à obra.<sup>69</sup>

A proposta apresentada ao longo do presente capítulo será desenvolvida ao nível de estudo prévio. Com base no conceito definido no ponto 3.2 do capítulo anterior, será decidido o programa geral da proposta no ponto 4.1 e ao longo do ponto 4.2 será apresentada uma memória descritiva da intervenção, acompanhada pelos elementos gráficos (plantas, cortes e alçados) à escala 1/250, além de imagens tridimensionais que permitam uma melhor percepção da proposta e da configuração de alguns espaços interiores.

---

<sup>69</sup> Ordem dos Arquitectos/ secção regional sul – **Trabalhar com um Arquitecto.**



Imagem 79 e 80 – Corredor do primeiro piso do volume Poente da moagem.



Imagem 81 – Primeiro piso da ala paralela à igreja.



## 4.1 \_ Programa

Com base no que foi posto em evidência nos pontos anteriores, o programa a pôr em prática nesta intervenção terá como principal base a “indústria criativa e cultural”. A escolha deste programa foi feita em função do potencial que o próprio edifício oferece, pela sua localização, privilegiada na cidade de Leiria, e pelas características do próprio complexo industrial, que, tal como acontece nos exemplos anteriores, facilmente se pode adaptar a um conceito de reutilização através deste programa.

Perante as características da zona de intervenção, optou-se por estruturar o conteúdo programático com base num programa cultural e empresarial, de forma a captar e fixar população que já aflui a esta área da cidade, mas que o faz de forma temporária. Assim seria possível tornar esta zona mais dinâmica e atractiva, ao mesmo tempo que poderia servir de motor para a regeneração do centro histórico de leiria que se situa perto da antiga moagem.

O programa a implantar terá várias áreas de acção, desde um pólo empresarial, mais voltado para a “industria criativa”, um programa cultural com zonas de exposição e de eventos, e uma zona de “Cowork” com o objectivo de atrair profissionais recém-formados que pretendem entrar no mercado de trabalho.

É importante referir todo o tipo de equipamentos que podem surgir, motivados pela presença deste tipo de população, quer jovens profissionais quer das empresas criativas, e que podem contribuir para a regeneração do centro histórico da cidade leiriense, que à semelhança de tantos centros históricos portugueses se encontra a definhir e cada vez mais deserto e envelhecido. Muito importante também é o facto de dotar a cidade de um equipamento que não existe e que pode contribuir muito para o seu desenvolvimento industrial, produtivo e cultural, numa região que é bastante conhecida e reconhecida pelo seu empreendedorismo.



Imagem 82 – Terceiro piso da ala paralela à igreja.



Imagem 83 – Claustro do edifício da Companhia Leiriense de Moagem actualmente.

Através desta intervenção seria possível atrair população que aqui pretendesse desenvolver a sua actividade profissional, e desta forma se fixasse nesta zona da cidade durante o período diário. Ao mesmo tempo haveria um programa mais cultural e de lazer que funcionaria como atractivo, prolongando-se para horários pós-laborais, com a realização de eventos, concertos, projecção de filmes, apresentações, ou exposições, o que tornaria este local movimentado não só durante o dia mas também durante a noite, tornando-se num polo dinâmico e dinamizador do espaço urbano.



Imagem 84 – Ala Norte do claustro.



Imagem 85 – Primeiro piso do celeiro que remata o claustro a Nascente..

### **Preexistências**

Após a definição geral do programa a implementar, iniciou-se uma análise do aglomerado de construções do antigo complexo da moagem, com especial atenção ao volume principal, aquele que maior valor histórico e patrimonial encerra.

Observando os desenhos disponíveis, elaborados por Ernesto Korrodi do levantamento do estado do convento antes da sua transformação, é possível verificar que a volumetria principal do convento que forma o corpo em “T”, foi mantido pelo arquitecto.

É possível destacar alguns elementos que foram mantidos do antigo cenóbio, como é caso da configuração exterior do volume principal (apesar de acrescentado em um piso no corpo que se desenvolve perpendicularmente à igreja e em dois pisos no corpo que delimita o claustro a Norte), o ritmo dos vãos das fachadas, e as duas alas do antigo claustro que ainda se encontravam intactas em 1920.

No que diz respeito às restantes construções que aparecem posteriormente à intervenção de 1920, destaca-se apenas o volume do celeiro que encerra o claustro a Nascente e que apresenta um projecto cuidado e com valor arquitectónico e integra no segundo piso uma sala com uma espacialidade interessante e com muito potencial. As demais estruturas construídas em volta do volume principal apresentam-se apenas como zonas de apoio, pocilgas e capoeiras, sem grande interesse e em avançado estado de degradação, fruto do abandono de algumas décadas, motivos pelos quais não serão mantidas.





Imagem 86 – Vista aérea da implantação com modelo tridimensional da proposta.



Imagem 87 – Perspectiva geral do alçado Poente e da envolvente.

## **Implantação**

Partindo de uma leitura atenta do estado geral do edifício da Companhia Leiriense de Moagem e das construções anexas, a proposta de intervenção procura adaptar o antigo edifício a uma nova função. Para atingir esta meta, será indispensável conciliar o valor histórico do existente, com o impacto arquitectónico de novas estruturas que possam vir a ser construídas e integradas, de forma a conjugar o que será uma visão do passado, assente sobre uma realidade com vista para o futuro.

O objectivo passa por adaptar a antiga moagem a um novo programa, através da reutilização deste complexo, recorrendo a estruturas de cariz “temporário”, ou seja, estruturas que a qualquer momento possam ser desmanteladas, voltando o edifício ao seu estado e configuração original. A única excepção serão as estruturas que correspondem a funções de circulação vertical, que assumem um carácter permanente, e que dotarão o conjunto arquitectónico de condições de acessibilidade que não possui actualmente.

A opção do que será mantido e do que será retirado, foi tomada com base na análise de elementos espaciais e construtivos, e pelo estado actual de preservação. Neste contexto, mantém-se o volume principal da antiga moagem, em forma de “T”, e o celeiro que limita o claustro a Nascente. As restantes volumetrias, referidas no ponto anterior, consideram-se de baixo valor histórico e arquitectónico apresentando um avançado estado de degradação, e desta forma serão demolidas, possibilitando assim o aparecimento de um espaço público ligado a um novo volume a ser construído.

À semelhança do que foi feito nos projectos apresentados no ponto relativo ao conceito base, serão introduzidas estruturas que evitem a descaracterização e desvalorização do edifício primitivo, reabilitando o preexistente e preservando-o no seu estado, volumetria e configuração



Imagem 88 – Vista geral do primeiro piso no volume da antiga moagem.



Imagem 89 – Perspectiva da cafeteria do primeiro piso no volume da antiga moagem.



No que diz respeito ao projecto propriamente dito, e tendo em conta a ambição do programa, a proposta assenta de certa forma, na importância que o claustro apresenta enquanto elemento organizador de todo o edifício. Será em volta deste elemento que tudo acontecerá, e é através dele que se irá aceder a todas as zonas do novo programa e aos núcleos de circulação vertical.

A implantação do novo volume a ser construído tem como objectivo principal albergar um programa que exigia uma intervenção mais profunda se fosse integrado no volume primitivo da moagem, como é o caso de um auditório. Assim este novo volume surge no espaço ocupado pelas antigas zonas de apoio e currais de animais, que foram retirados por se considerarem sem interesse de preservação. Este corpo estará ao mesmo tempo associado ao novo espaço público, que proporcionará uma vivência e uma dinâmica associada a todo o complexo.

### **Distribuição do Programa**

Definido o programa geral a integrar na proposta, iniciou-se uma análise da área disponível para albergar todos os elementos constituintes do projecto, para começar a elaborar as primeiras opções e definições projectuais.

De uma forma geral definiu-se numa fase inicial o programa a integrar, quer no edifício da antiga moagem, quer no novo volume a construir. Assim o edifício existente será ocupado com o programa voltado para as empresas criativas, zonas de exposição e realização de eventos, além da zona administrativa. O novo volume albergará o auditório que servirá todo o complexo, o espaço de *CoWork* e também um bar/cafetaria que tem como objectivo ser um elemento dinamizador do novo espaço público, que surge com a configuração de praça rectangular delimitada pela da moagem a Sul e a Poente, pelo “Edifício 2000” a Norte, e pelo novo volume a Nascente.

No que diz respeito à antiga moagem, o piso térreo e em especial o claustro do antigo convento, assumem uma grande importância, uma vez que



Imagem 90 – Perspectiva do segundo piso no volume da antiga moagem.



Imagem 91 – Perspectiva de uma zona para empresas no volume da antiga moagem.

este pavimento estará mais exposto ao público, comportando um maior fluxo de pessoas. Por este motivo, o claustro revela-se como um elemento de extrema importância enquanto organizador do espaço de circulação e de acesso ao interior do edifício.

A entrada pode ser feita em dois pontos, um correspondente ao antigo acesso de cargas e descargas, localizado junto à igreja, e o outro, situado mais a Norte, que além de permitir a entrada no edifício, possibilita também o seu atravessamento, acedendo ao novo espaço público. Em ambos os acessos existe a particularidade de se ser conduzido directamente ao claustro, a partir do qual se poderá aceder aos espaços organizados em seu redor. Neste piso podemos encontrar na ala Poente a recepção e zona administrativa e uma sala de formação no topo Norte desta ala. No volume paralelo à igreja encontra-se a principal zona de exposição.

No antigo celeiro temos algumas salas que assumem um cariz de polivalência, podendo adoptar a função de espaços expositivos, de projecção ou de trabalho. Ainda neste pavimento temos uma zona mais reservada, com camarins e zona de cargas e descargas, que aparece associada à grande sala de eventos do piso superior. Esta grande sala resulta da limpeza de pequenas divisórias aí existentes que serviriam para guardar cereais, convertendo-a assim num amplo espaço com cerca de 500m<sup>2</sup> e que pode albergar desde grandes exposições a concertos, apresentações públicas, eventos de moda, festas privadas, entre outros eventos que necessitem de um espaço amplo. Pelas suas características esta sala assume-se como uma mais-valia para todo o complexo, fruto da sua espacialidade e da sua fácil adaptabilidade a diversos usos.

Associado a este espaço surge uma cafetaria no primeiro piso do volume da moagem, e que se afirma como um local de lazer comum a todo o complexo. Neste pavimento surgem já espaços para as empresas, destacando-se o topo Norte da ala Poente, onde existe uma divisão mais ampla que poderá albergar uma empresa com capacidade para desempenhar o papel de “empresa âncora”, servindo de factor de atracção para que novas empresas aqui se estabeleçam.

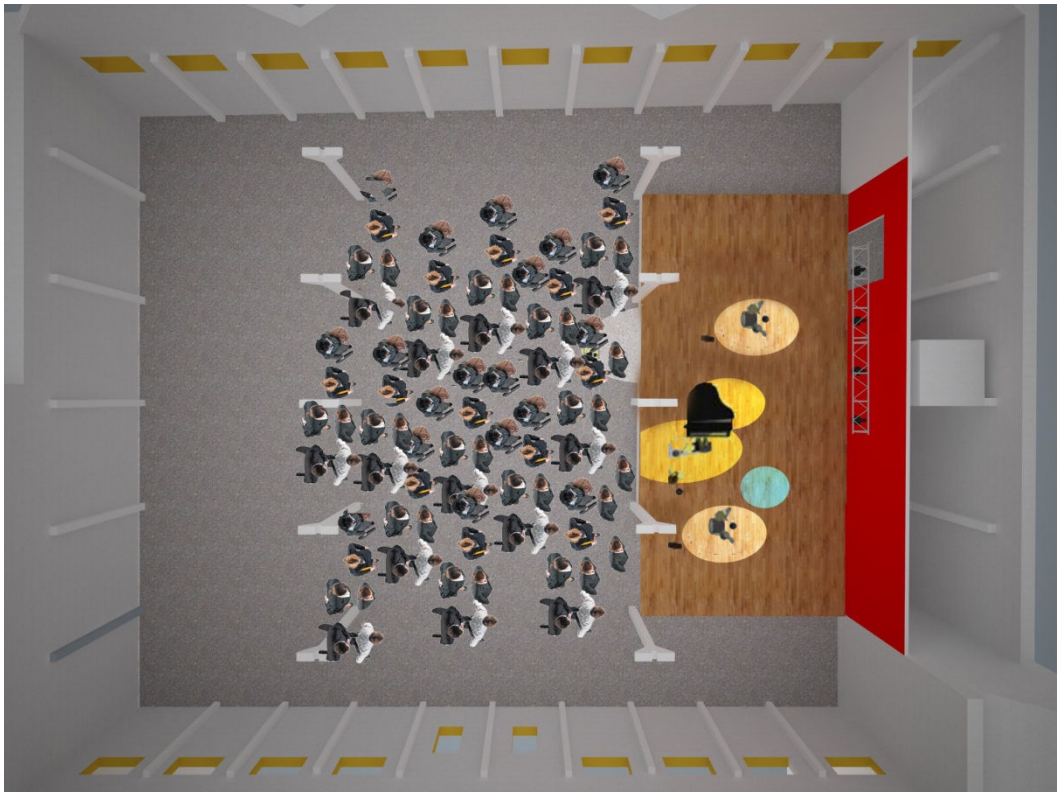


Imagem 92 – Sala Polivalente no piso 1 do antigo celeiro, configurada para um concerto.

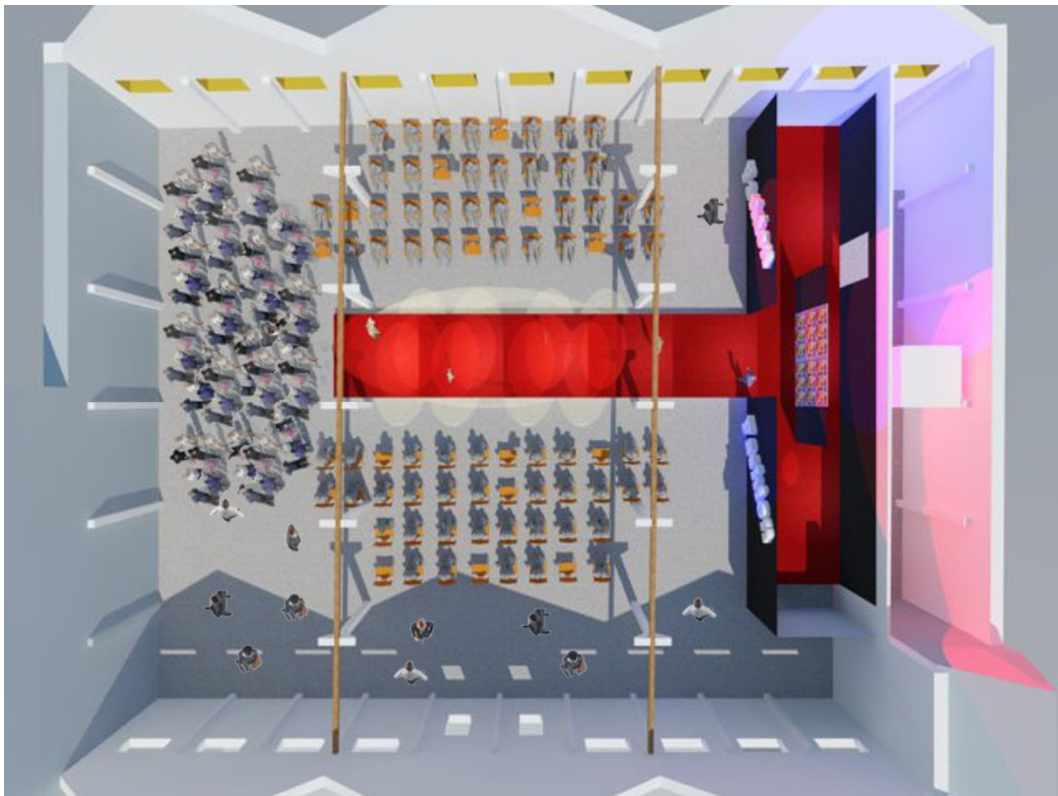


Imagem 93 – Sala Polivalente no piso 1 do antigo celeiro, configurada para um evento de moda.

O primeiro piso tem a particularidade de apresentar um pé-direito mais generoso, comparativamente aos restantes, originando um piso intermédio, situação que se verificava já na transformação de Korrodi. A opção passou por manter este pavimento, rasgando no entanto algumas aberturas que permitam a percepção da dimensão geral que o piso ostenta.

Os dois pavimentos superiores evidenciam-se pela sua amplitude e espacialidade, sendo por isso ocupados com o intuito de aproveitar e rentabilizar ao máximo o espaço disponível. O terceiro piso é ocupado na sua totalidade por áreas para empresas, destacando-se a organização que apresentam estes espaços na ala Poente, através da inclusão de um piso superior com área suficiente para um gabinete. Este compartimento no pavimento superior, que se "encaixa" entre as asnas da estrutura da cobertura, permite aproveitar e maximizar a área livre. Outra característica deste espaço é o facto de intercalar um gabinete completamente aberto e um fechado sobre si, de modo a conferir privacidade entre estes compartimentos, permitindo deste modo a leitura da estrutura de madeira da cobertura existente na antiga moagem, e uma melhor percepção do espaço interior. O quarto e último piso, limitado ao corpo paralelo à igreja, será reutilizado com um programa mais simples e relativamente livre, aproveitando a espacialidade existente. Este pavimento será ocupado por um espaço de pesquisa/estudo com zonas de leitura e de trabalho. Pontualmente também apresenta espaços de trabalho mais reservados a um nível superior, semelhante ao que se verifica no terceiro piso com os gabinetes.

Dentro do conceito já referido da reutilização e tendo como base os casos apresentados, optou-se por introduzir para a concepção de todos os espaços dentro da antiga moagem, estruturas que facilmente pudessem ser desmontadas ou modificadas, para que se tornasse possível alterar a qualquer momento opções como as áreas dos gabinetes, para mais facilmente responder às necessidades das empresas. Na base desta decisão está também a possibilidade de futuramente se poder proceder a uma nova alteração de uso do edifício, reutilizando-o para um novo programa. O recurso a estas estruturas "temporárias" facilita o retorno à espacialidade original mantendo o edifício





Imagem 94 – Sala Polivalente no primeiro piso do antigo celeiro; Perspectiva geral de um evento de moda.



Imagem 95 – Sala Polivalente no primeiro piso do antigo celeiro; Perspectiva geral de um concerto.

intacto e pronto a acolher uma nova intervenção.

Os acessos verticais são assegurados em três pontos distintos. No corpo Poente é possível aceder ao primeiro piso através das antigas escadas do convento e moagem, que apresentam a limitação de apenas ligar o piso térreo com o primeiro piso, correspondendo aos pisos existentes no antigo cenóbio franciscano. Desta forma, optou-se por fazer a restante ligação vertical a partir do primeiro piso no ponto central de intersecção dos dois volumes principais. Os outros dois núcleos de acesso vertical aparecem já dotados de elevador, o que não acontece na primeira situação. Um localiza-se no lado Sul do claustro e o outro no topo Nascente do volume paralelo à igreja. O núcleo que se encontra integrado no claustro, surge com o intuito de restituir uma das alas em falta do pátio, restabelecendo assim a circulação em torno do quadrado central. Além deste objectivo, este ponto de acesso vertical surge directamente associado à já referida sala de eventos no piso superior do celeiro, garantido assim uma ligação directa entre este espaço e a entrada localizada junto à igreja, facilitando e possibilitando um acesso mais rápido em ocasiões de realização de eventos. O outro núcleo vertical, que se implanta no interior do edifício, distingue-se por ligar todos os pisos deste volume, garantindo ao mesmo tempo o acesso ao piso subterrâneo onde será instalado um estacionamento, localizado sob o novo espaço público.

O novo volume proposto surge sobretudo para albergar um auditório e o espaço de *CoWork*. Além destes dois espaços apresenta no piso térreo um bar/cafetaria, directamente associado e voltado para a nova praça que resulta da limpeza de volumes com pouco interesse, libertando este espaço e tornando-o acessível a todos, algo que não acontece actualmente, uma vez que se encontrava encerrado por muros que cercam toda esta área. Ainda neste pavimento localiza-se a zona de recepção, correspondente a um amplo espaço e o acesso ao primeiro piso onde se pode aceder ao auditório. No piso superior é criada uma ligação com o edifício da moagem, que pretende garantir uma articulação entre os dois volumes e os dois programas, com a finalidade de se complementarem. No segundo piso estarão instalados os espaços de trabalho e





Imagem 96 – Intervenção no claustro da moagem. Possível uso para projecções cinematográficas.



Imagem 97 – Vista geral da nova praça do volume proposto.

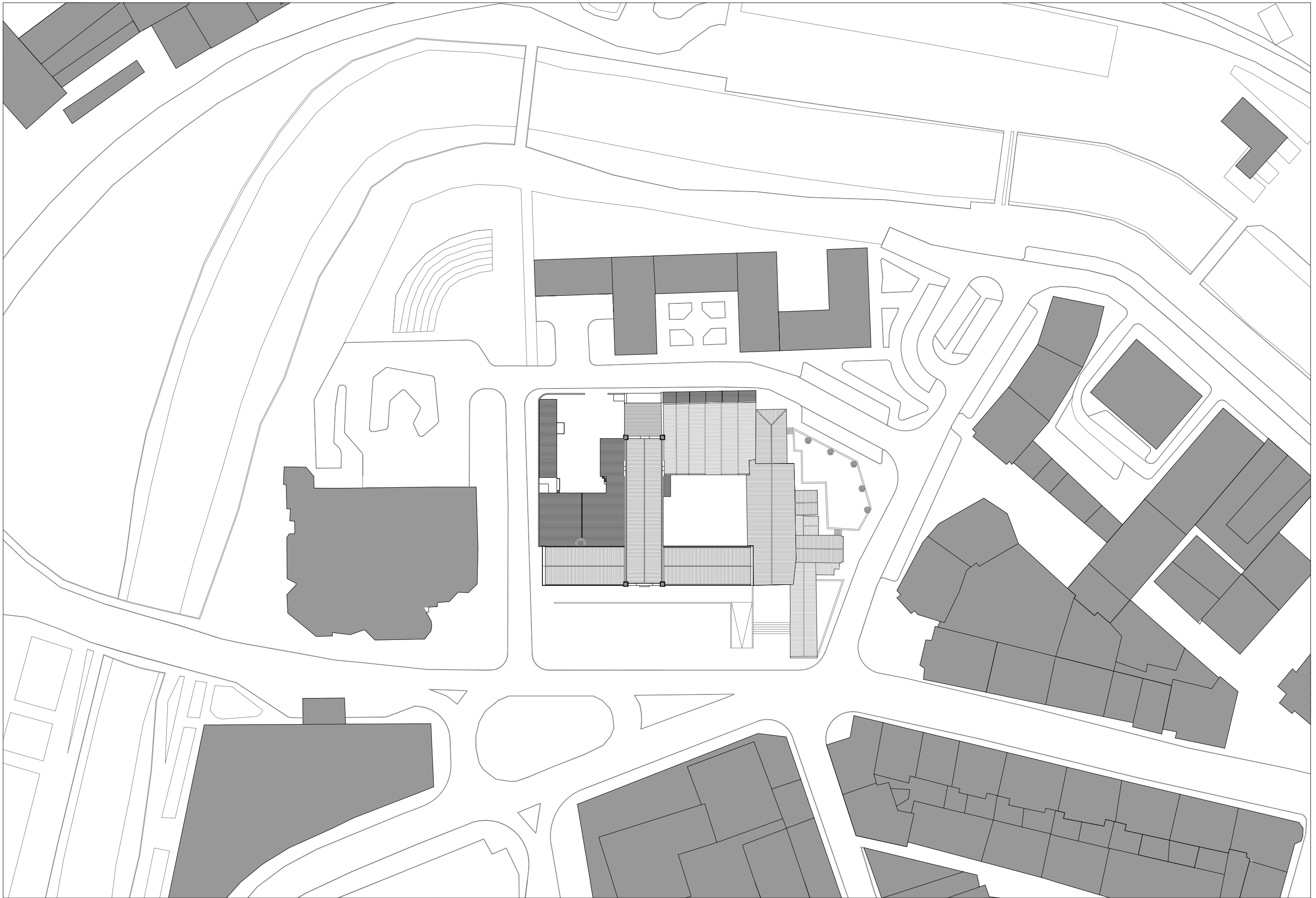
de lazer, associados ao programa do último pavimento correspondente ao *CoWork*, espaço que se caracteriza pelo facto de consistir numa ampla sala, apenas ocupada por estações de trabalho, sendo complementado com três salas de reuniões/trabalho. Esta área dedicada ao *CoWork* assume uma importância fulcral na dinâmica e dinamização deste novo volume e em certa medida na própria vida do espaço público adjacente, uma vez que um dos conceitos inerentes ao *CoWork* é o acesso 24 horas por dia, o que poderá levar à criação de uma vivência durante o dia e durante a noite, tornando este edifício vivo e acessível a qualquer hora do dia pelos que aí tiverem um espaço de trabalho.

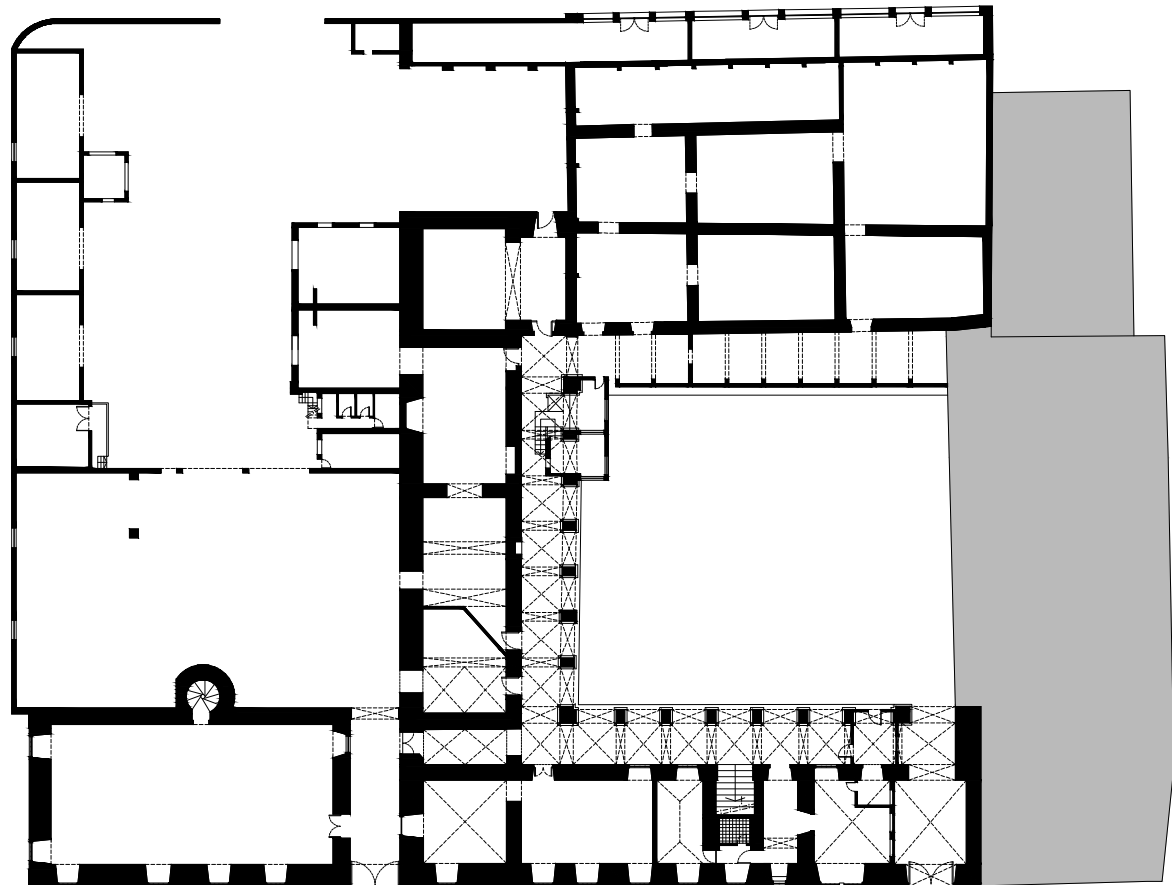
A circulação vertical neste volume é assegurada por um núcleo de escadas e elevadores, localizado no extremo Norte do edifício, que liga todos os pisos ao estacionamento subterrâneo. No piso térreo existe ainda uma escada que faz a ligação deste pavimento com o superior onde se encontra o *foyer* e entrada do auditório.

Exteriormente esta nova edificação surge como um volume de aspecto compacto, contrariado através do recurso a materiais translúcidos como os painéis de policarbonato que revestem toda a fachada e lhe conferem uma noção de transparência e leveza, contrastando com a sua configuração sólida. Esta volumetria tenta por um lado distinguir-se da envolvente marcando o seu espaço e a sua presença nesta nova praça pública, e por outro, tenta criar uma relação de concordância com toda a envolvente, especialmente com o edifício da antiga moagem e com o “Edifício 2000”, com os quais delimita e define a referida praça.

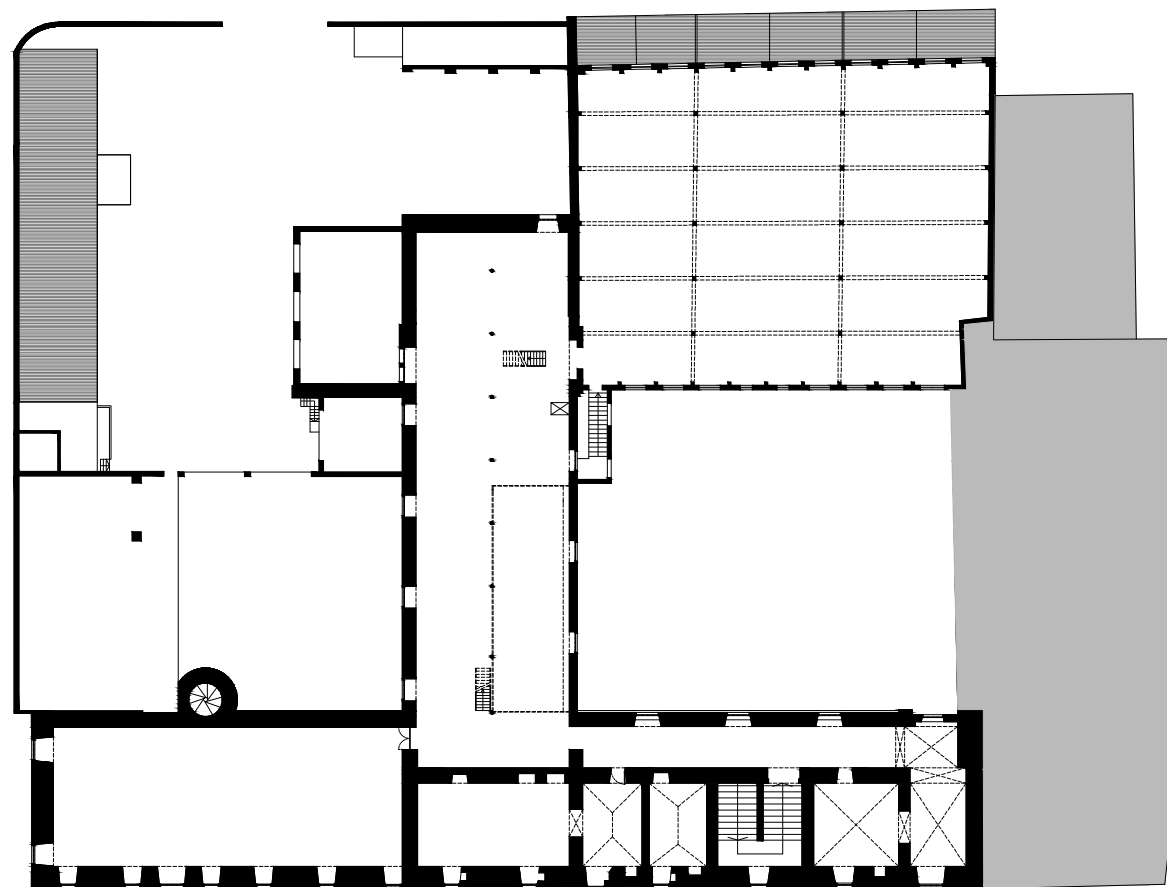


## Desenhos

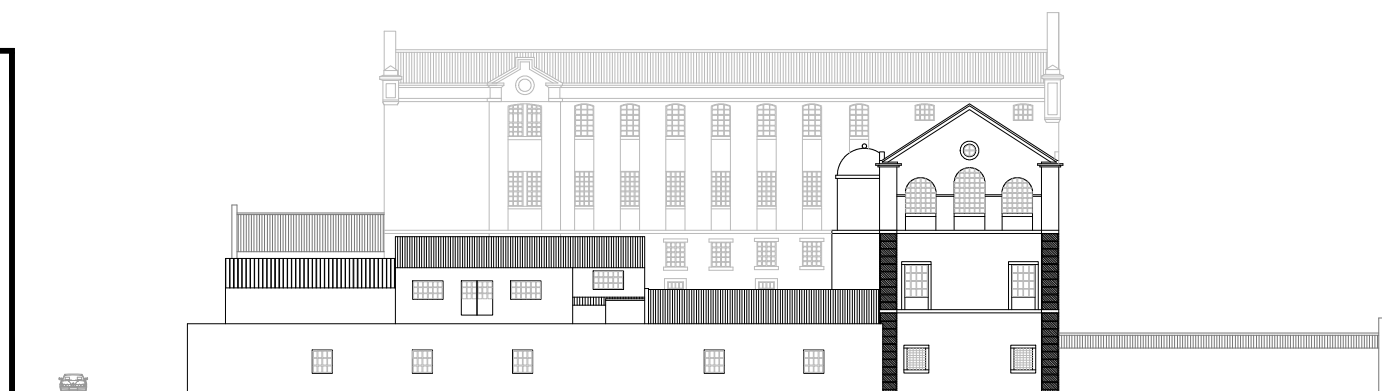




Piso 0



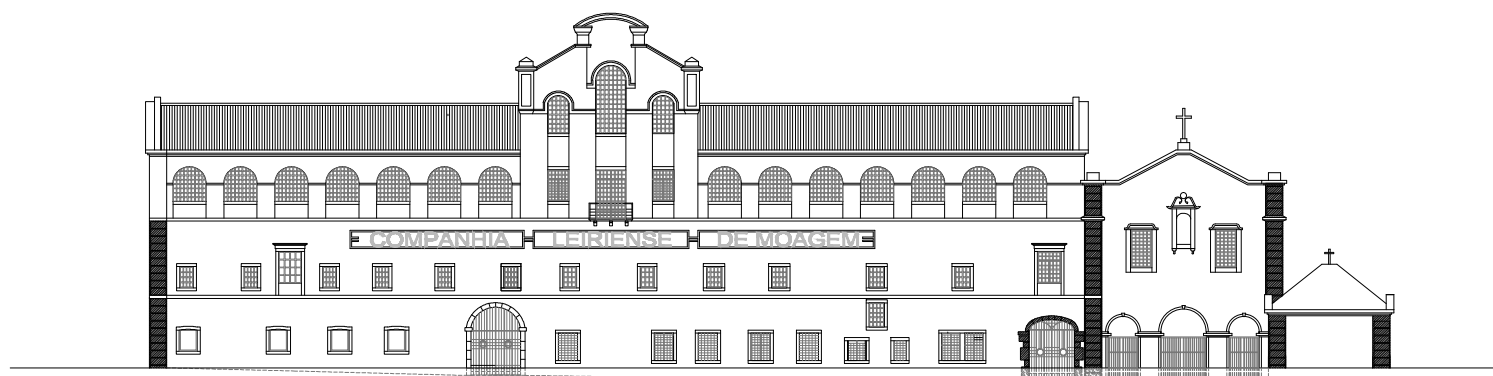
Piso 1



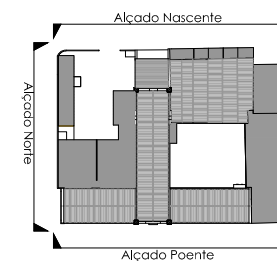
Alçado Norte



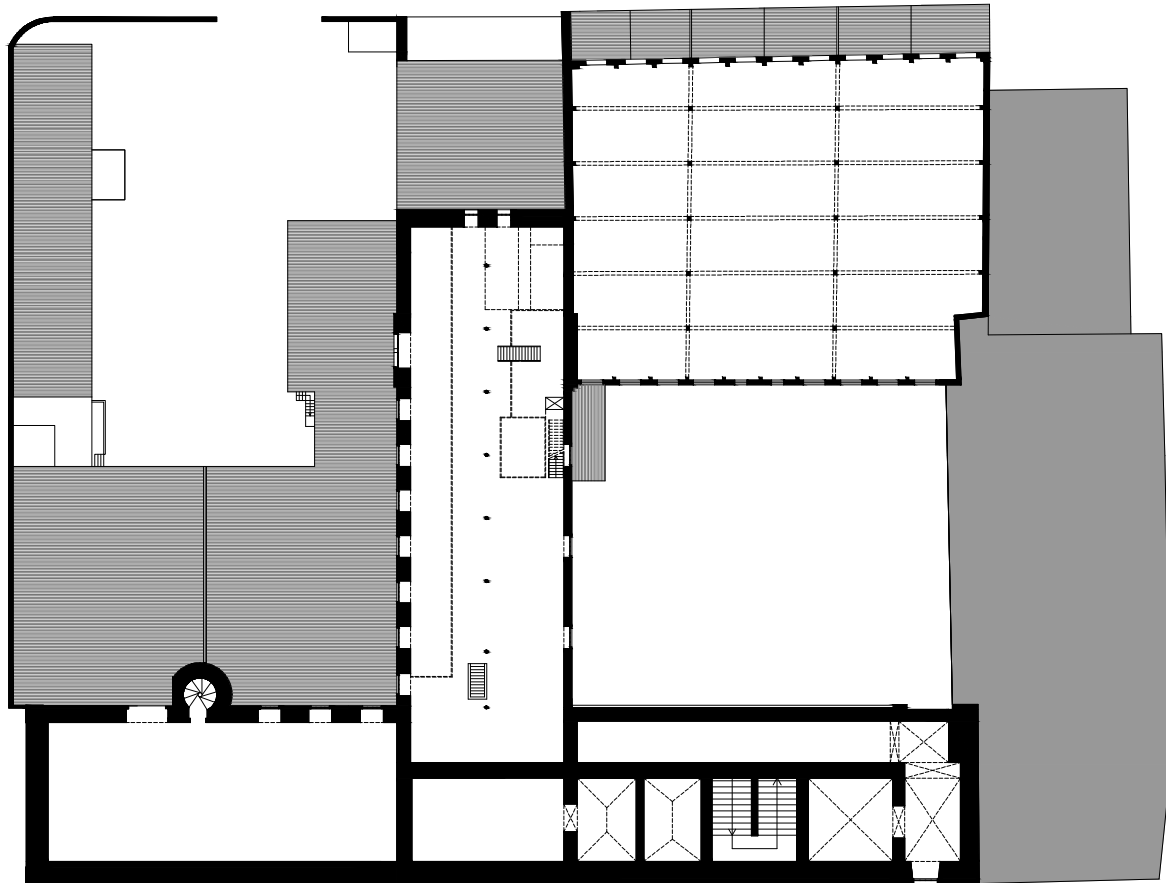
Alçado Nascente



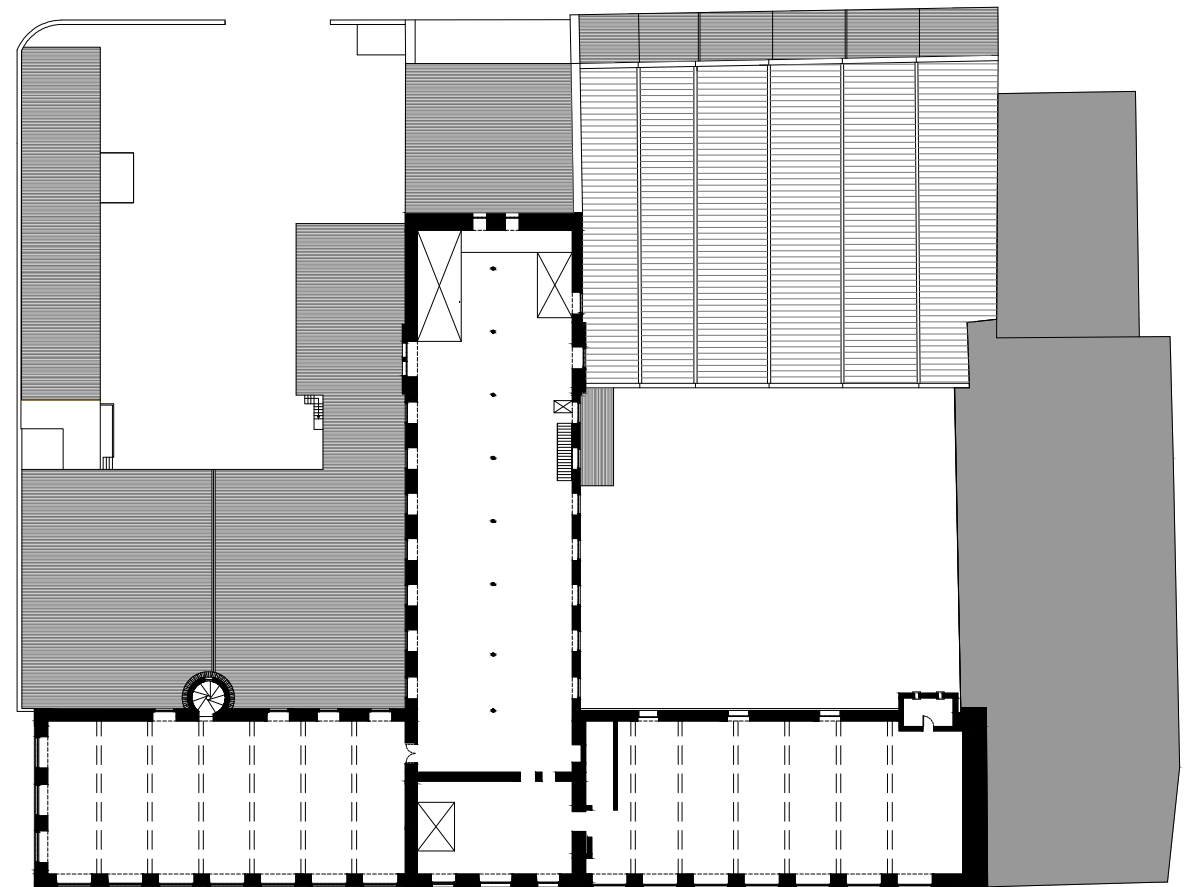
Alçado Poente







Piso 1\_Intermédio



Piso 2



Corte A A'



Corte B B'

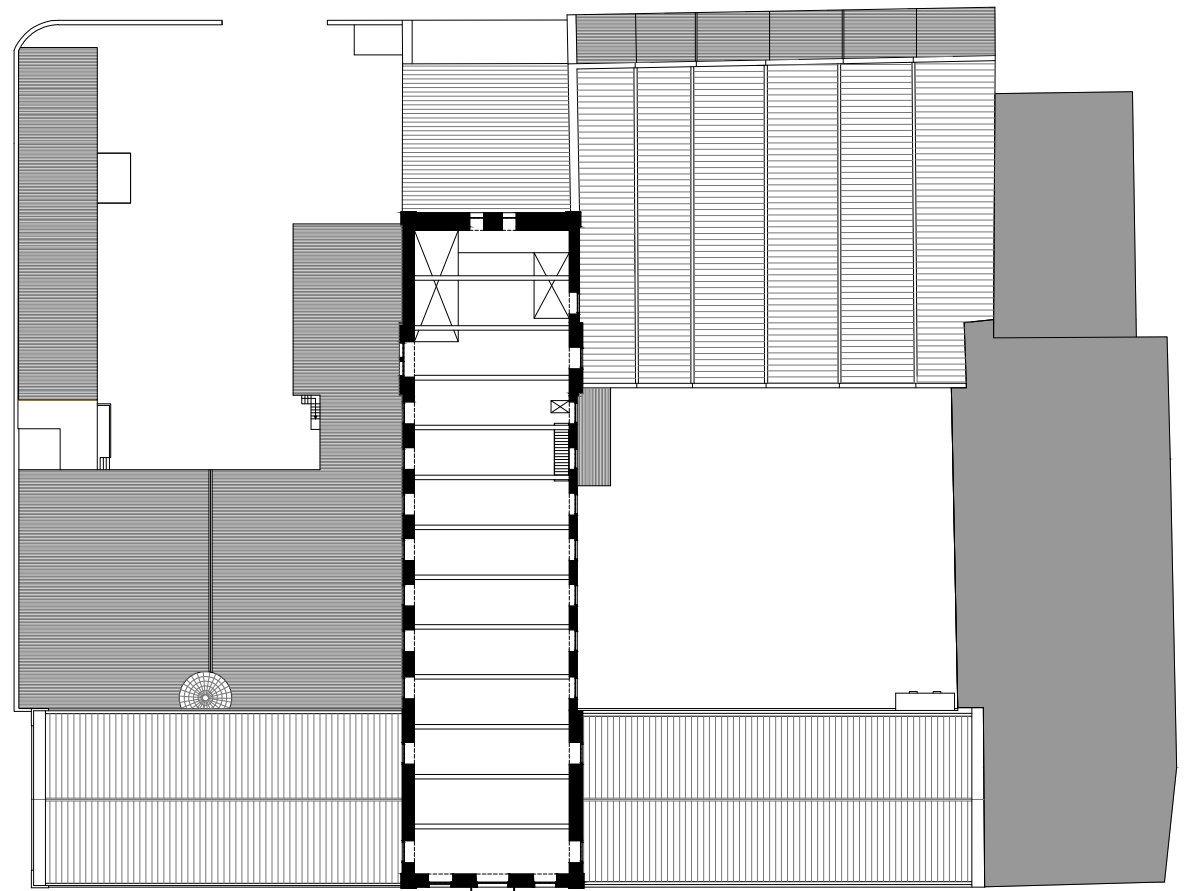


Corte C C'

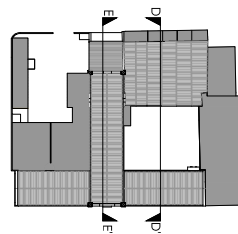




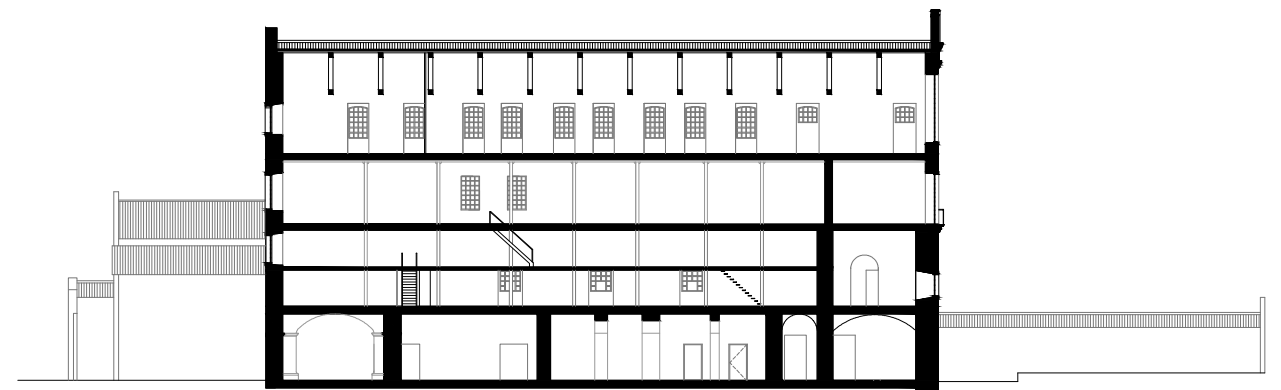
Piso 3



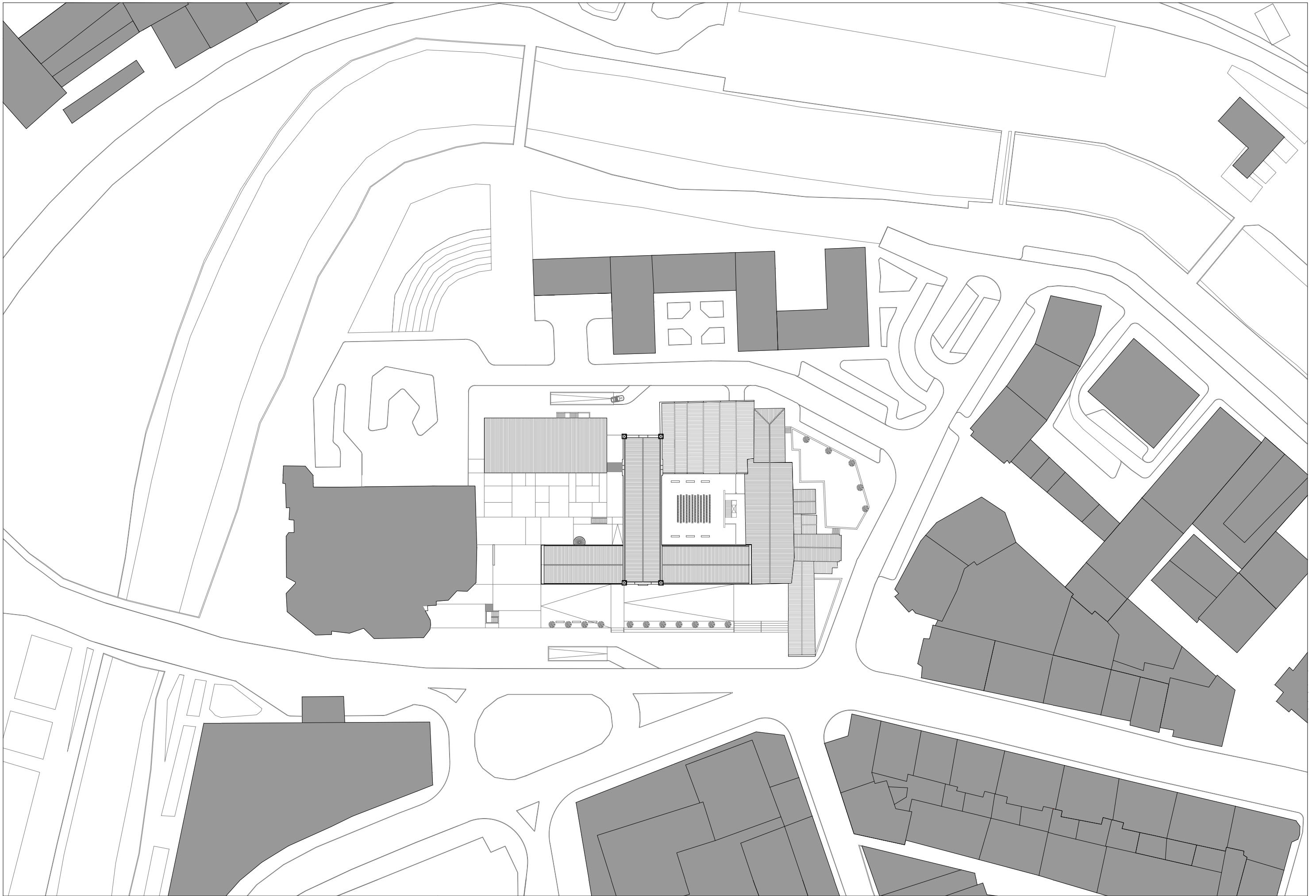
Piso 4

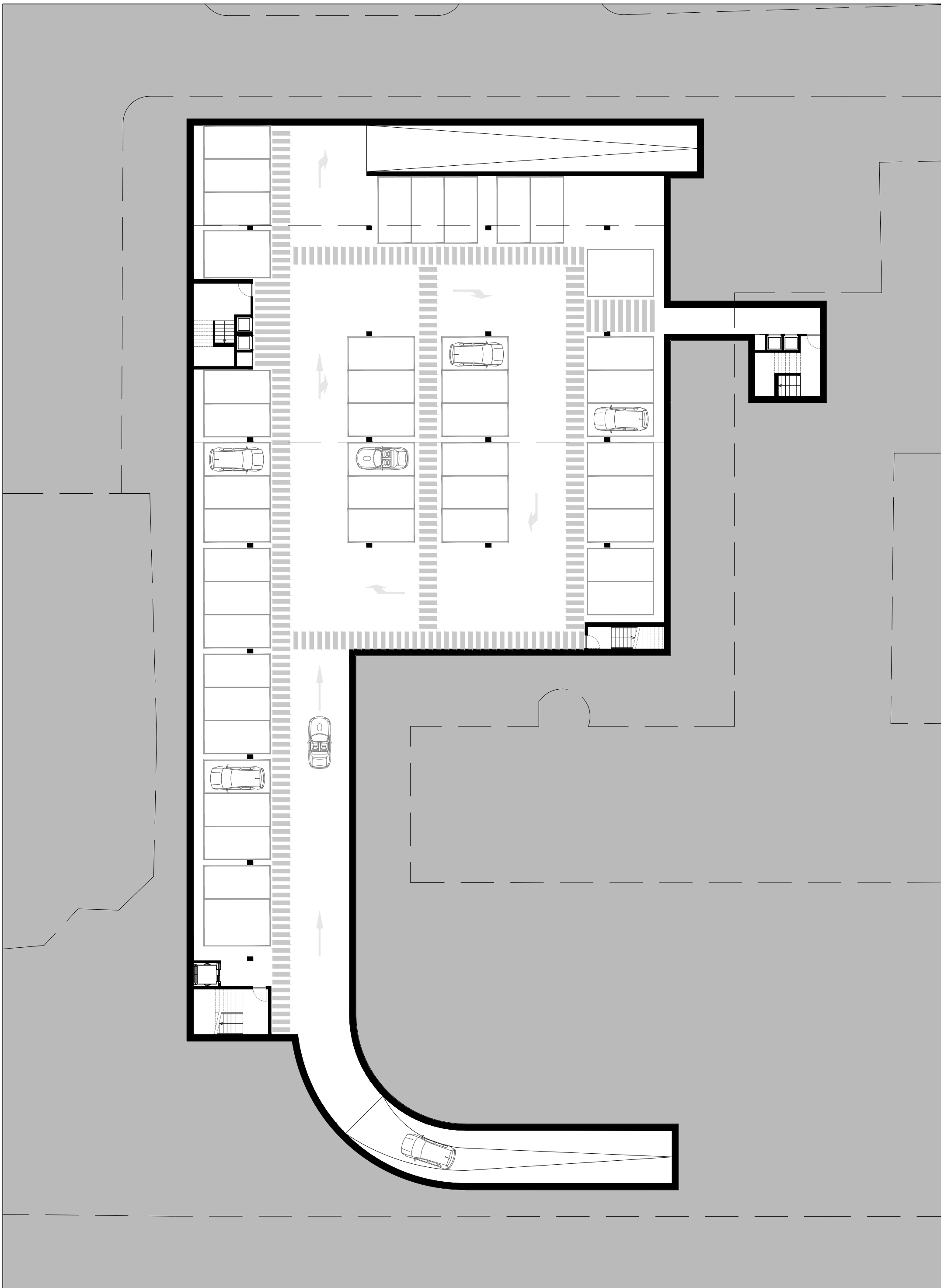


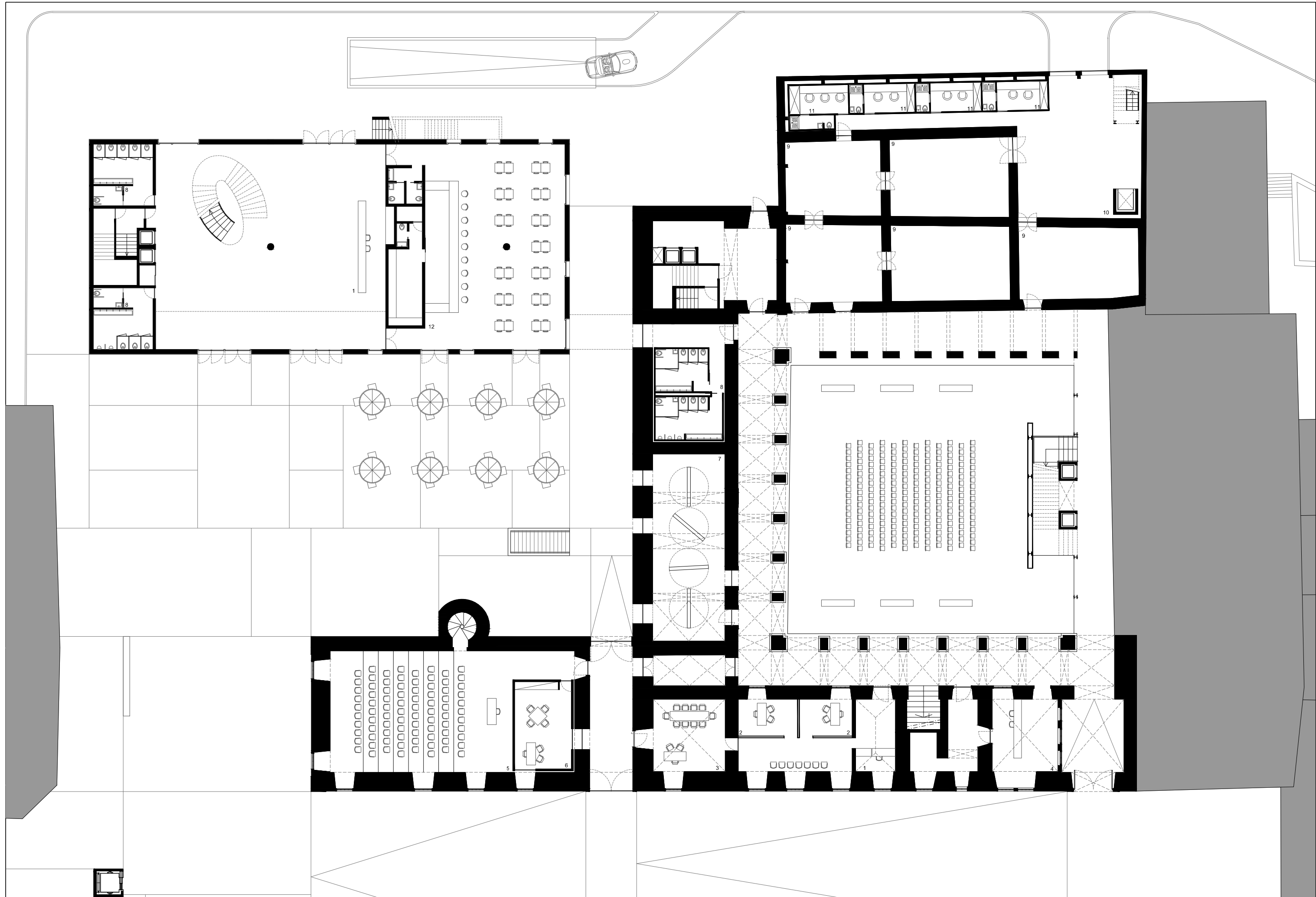
Corte D D'

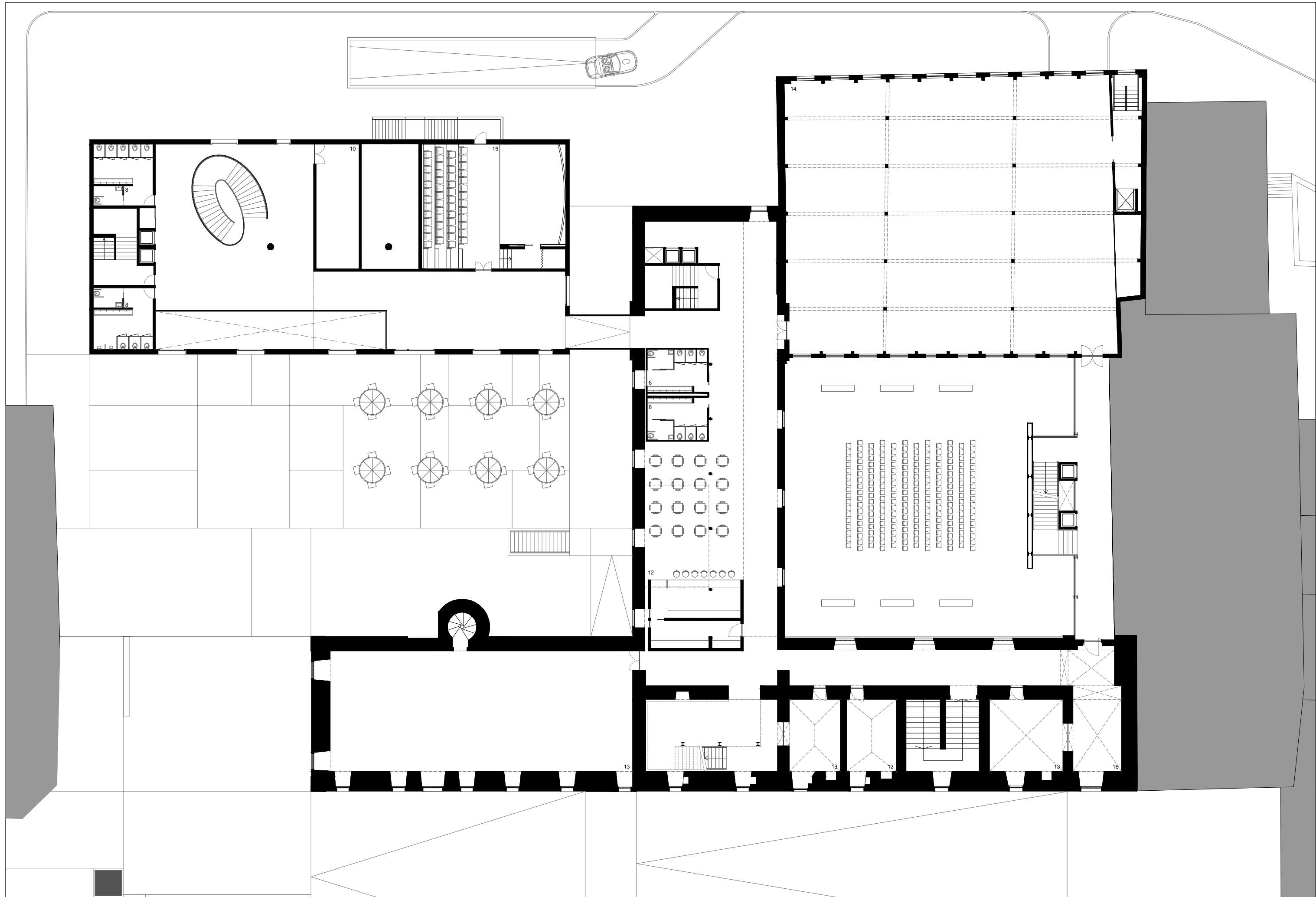


Corte E E'

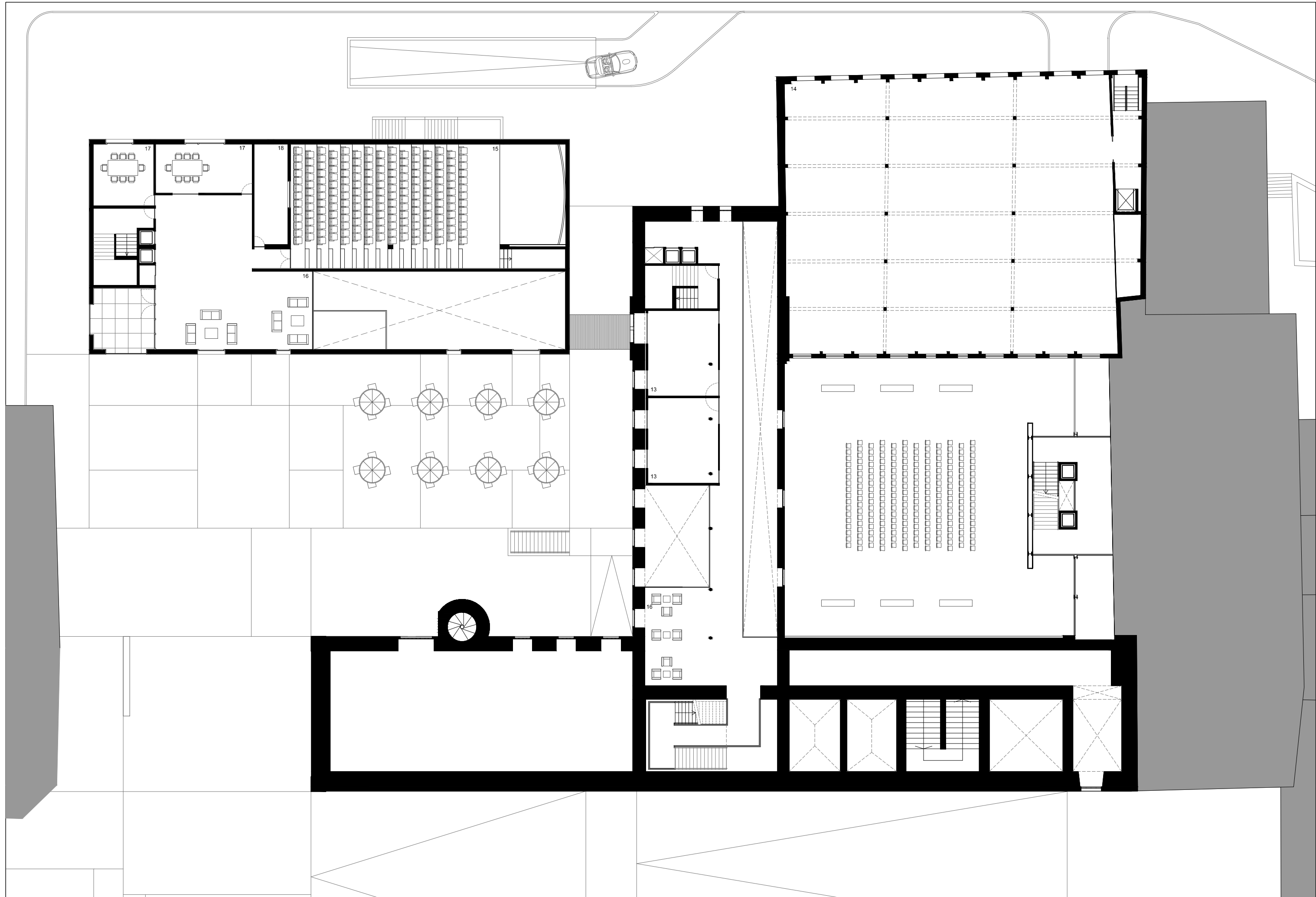


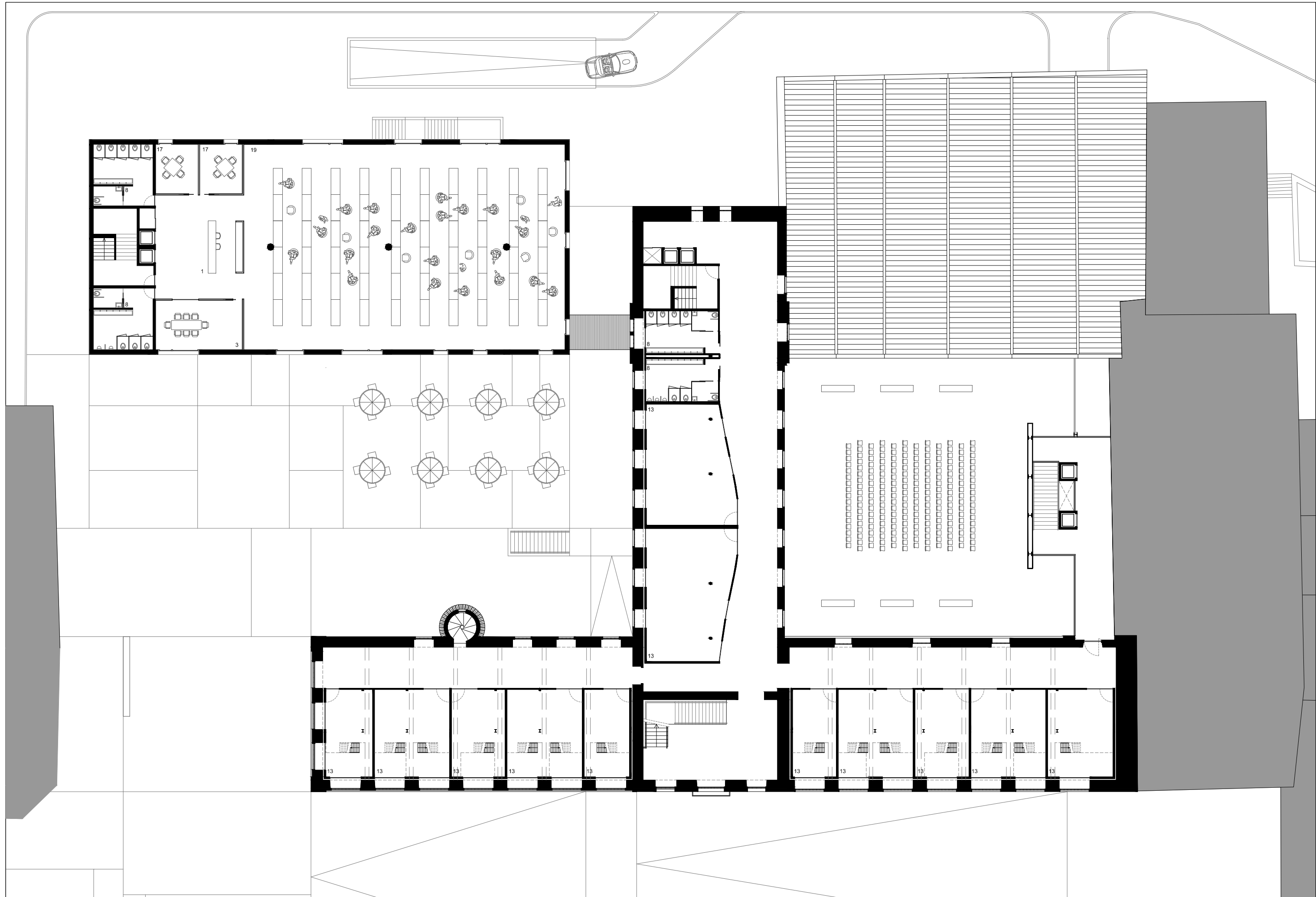


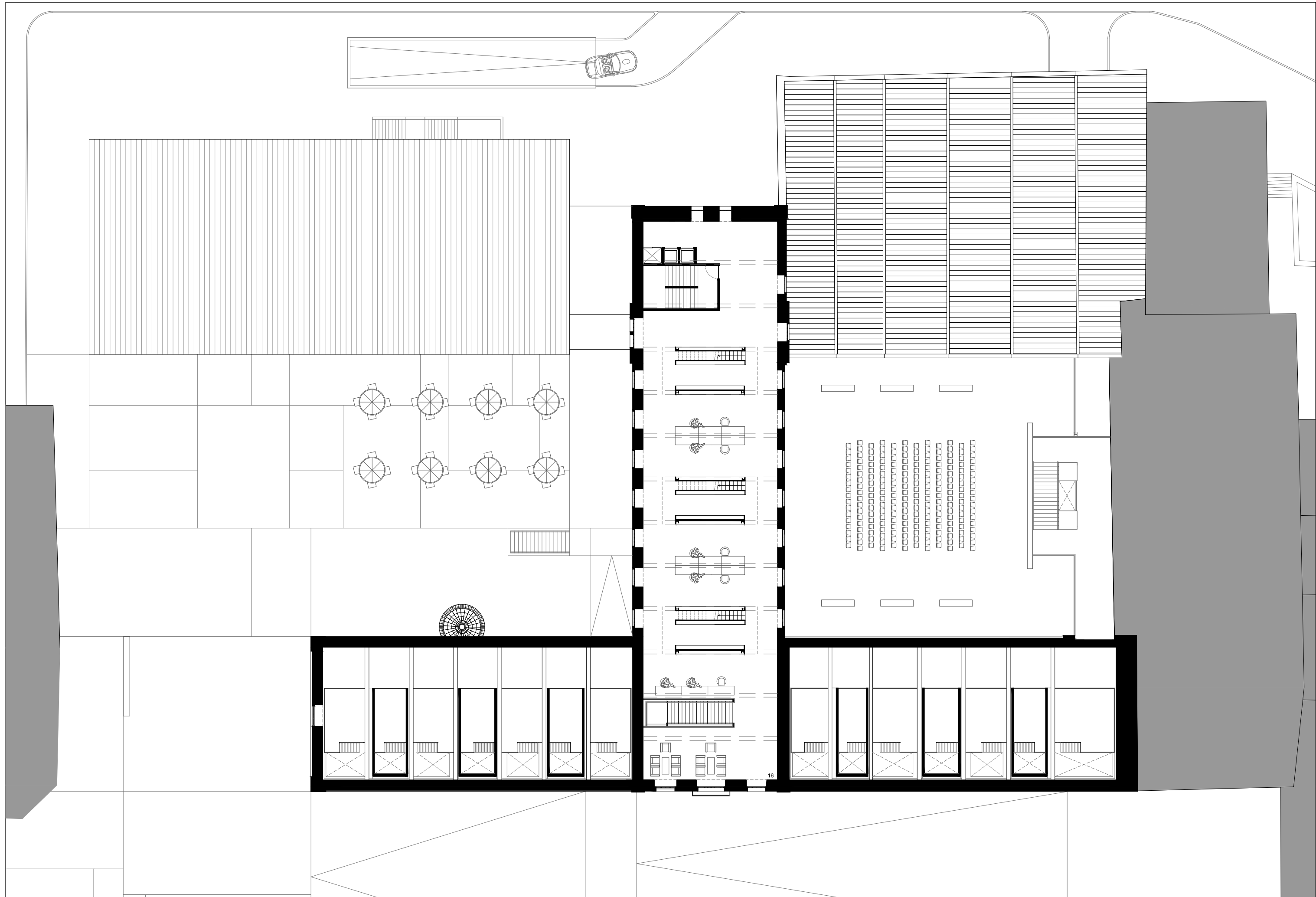


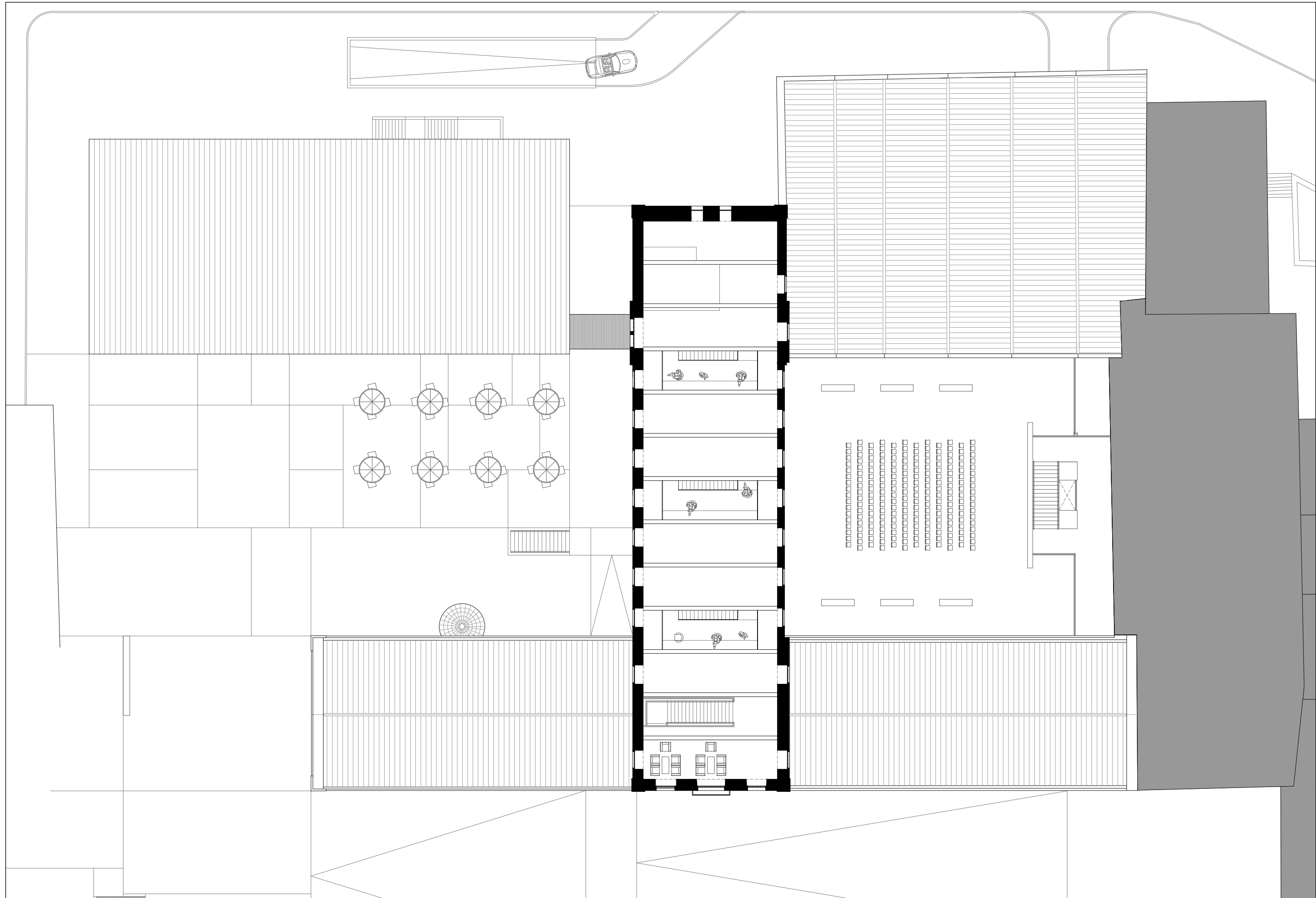












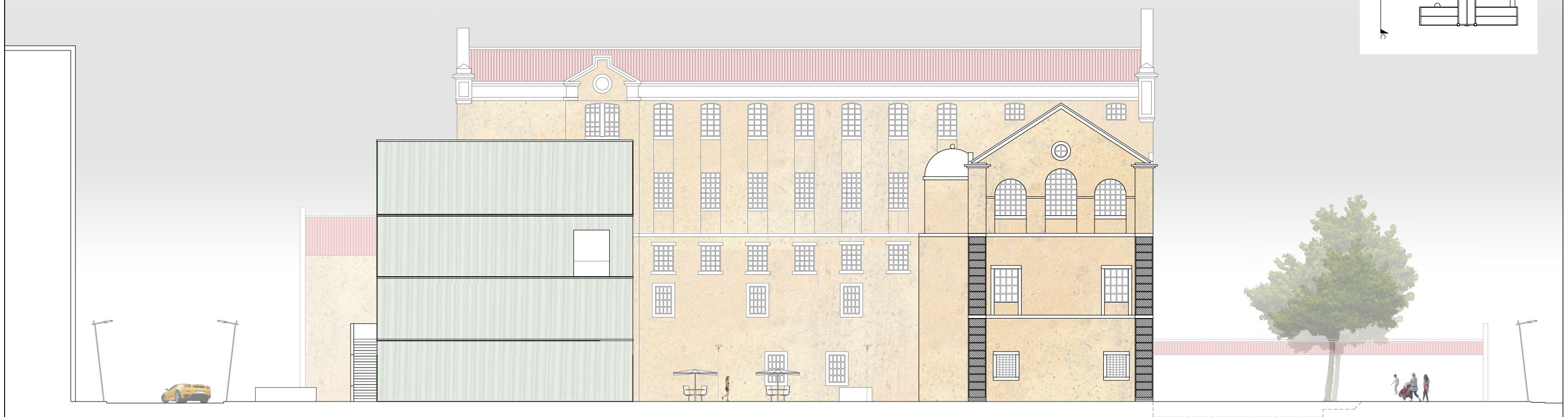
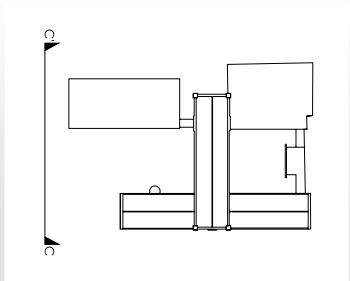
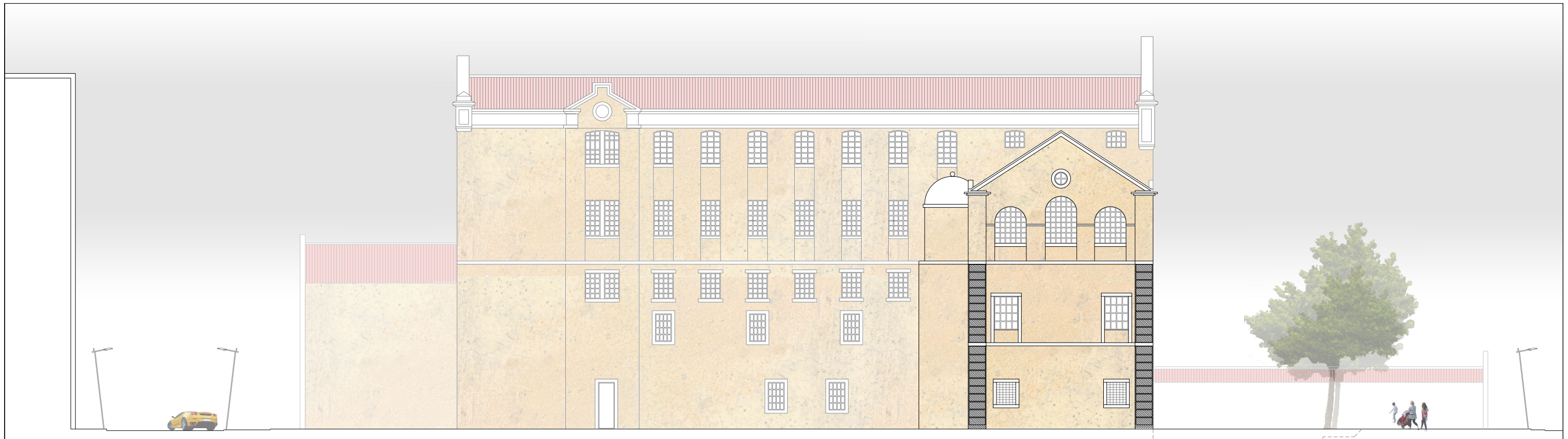


Corte A\_A' e Corte B\_B'

Escala 1/250

Folha 13/19



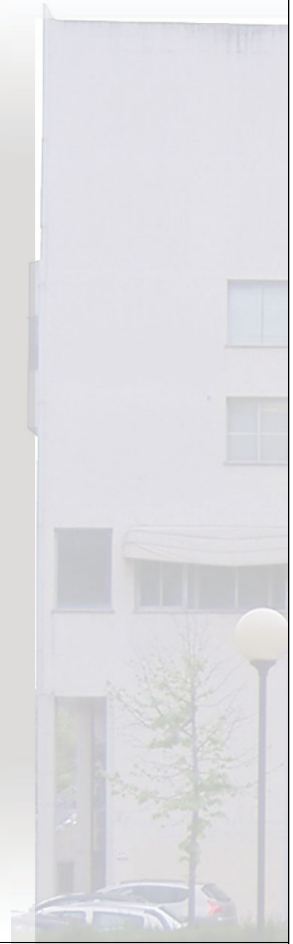
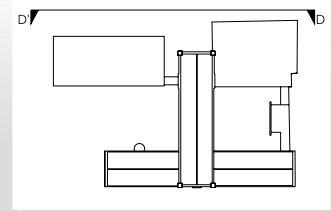
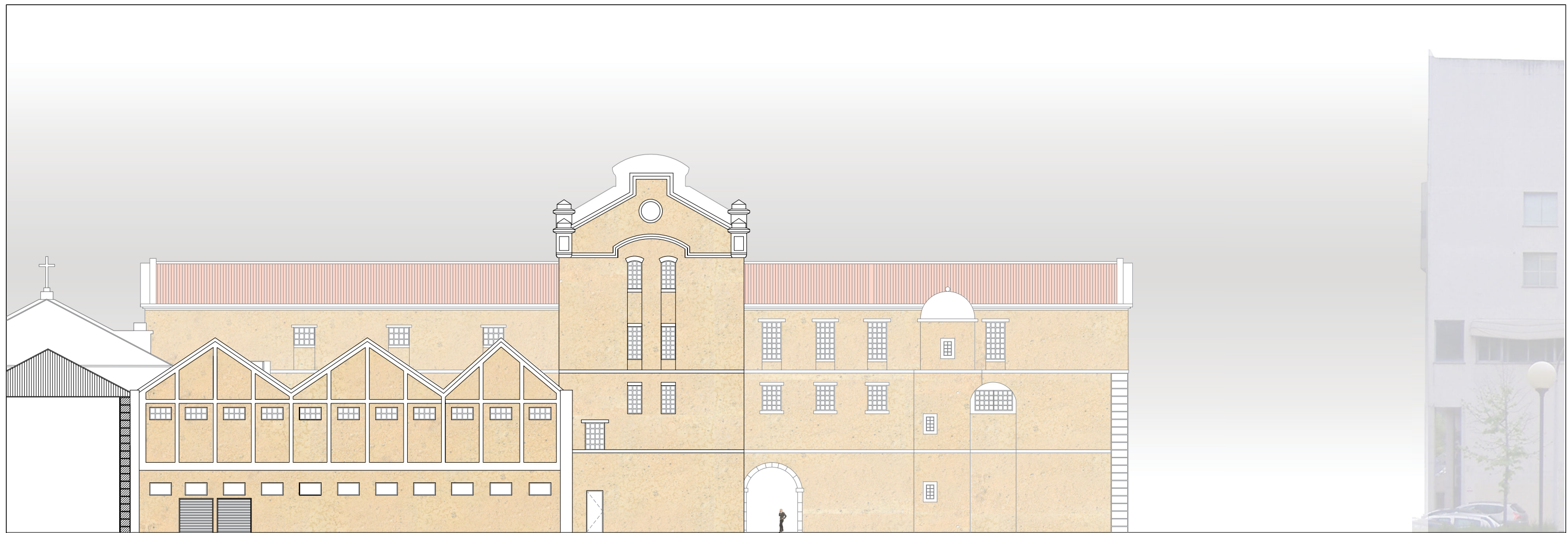


Corte C\_C'

Escala 1/250

Folha 14/19



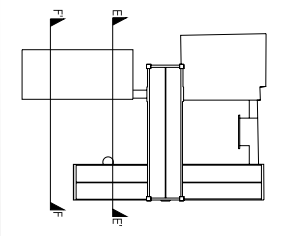
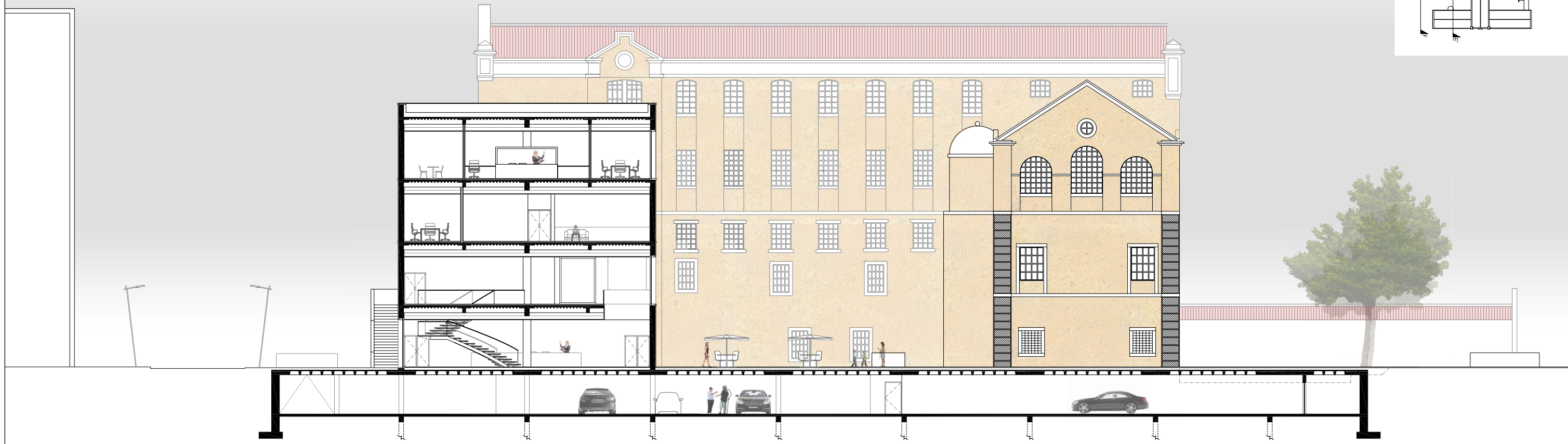
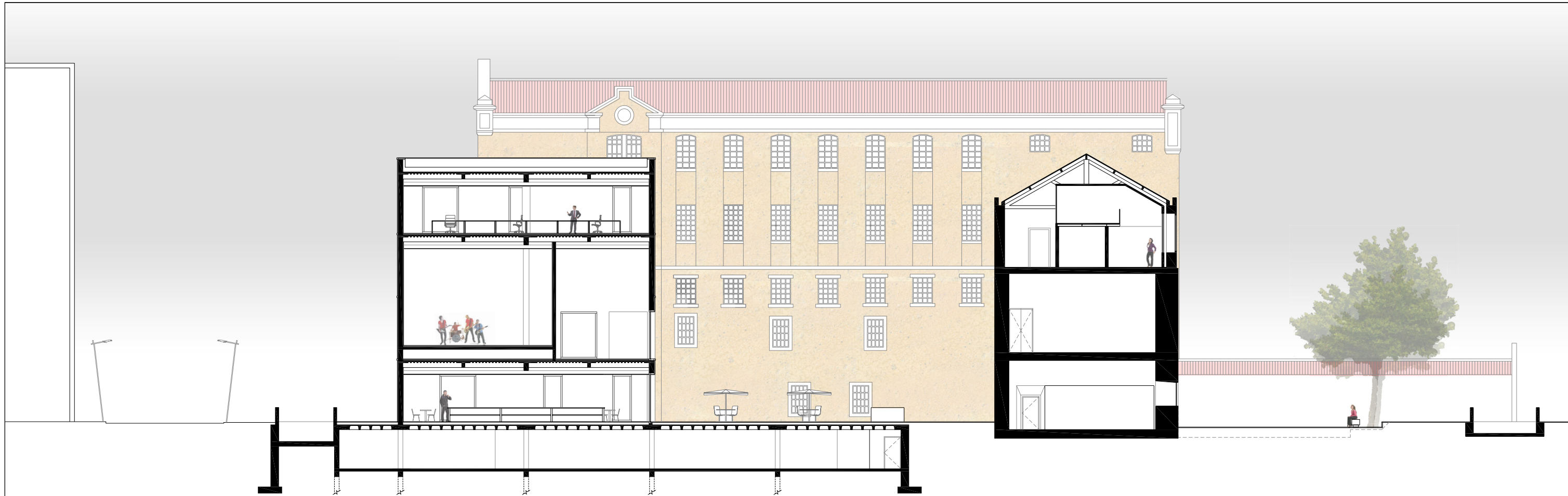


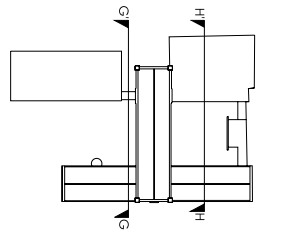
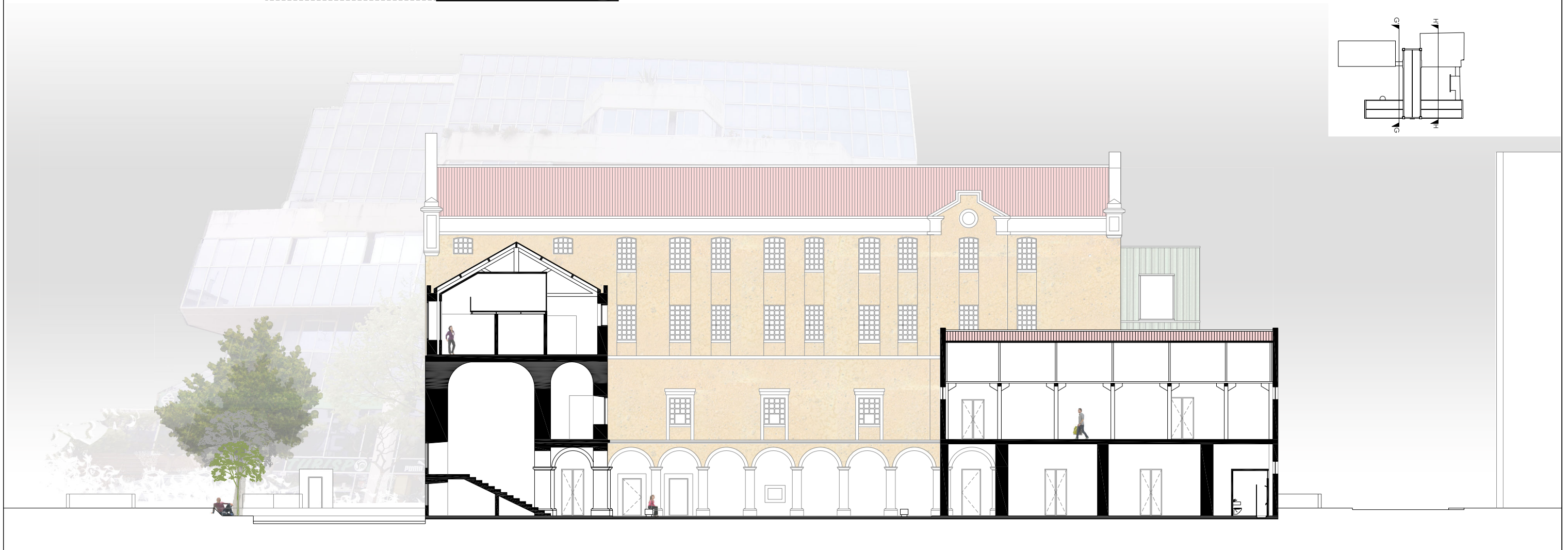
Corte D\_D'

Escala 1/250

Folha 15/19







Corte G\_G' e Corte H\_H'

Escala 1/250

Folha 17/19

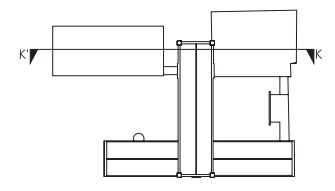




Corte I\_I' e Corte J\_J'

Escala 1/250

Folha 18/19



## BIBLIOGRAFIA

- ADLEI – **Ernesto Korrodi: roteiro na cidade de Leiria**. Leiria: ADLEI, 2006.
- Afonso, Luís Urbano – **Convento de S. Francisco de Leiria – Estudo Monográfico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
- Appleton, João – **Reabilitação de edifícios antigos: patologias e tecnologias de intervenção**. Amadora: Edições Orion, 2003.
- Cabral, João – **Anais do Município de Leiria, vol. I**, Leiria: Câmara Municipal, 1975.
- Choay, Françoise – **A Alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- Correia, Joel da Costa – **Leiria: A Evolução do Espaço Urbano da Cidade Moderna (1926- 1974)**. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Arquitectura. Universidade de Coimbra, 2011.
- Costa, Lucília Verdelho da – **Ernesto Korrodi: 1889-1944: Arquitectura, Ensino e Restauro do Património**, Lisboa: Estampa, 1997
- Costa, Lucília Verdelho da – **LEIRIA**, Lisboa: Presença, 1989.
- Estrela, Jorge – **Leiria no Tempo das Invasões Francesas**, Lisboa: Gradiva, 2009.





Eugénio, Carlos – **Exposição de Camilo Korrodi**, Leiria: Comissão Regional de Turismo, 1970.

Gil, Jacinto de Sousa – **LEIRIA – Conventos II, Franciscanos, Capuchinhos, Agostinhos e St. Estevão**. Póvoa de Varzim: Tipografia Camões, 2009.

Gomes, Saul António – **Estudos de Reconstrução Sobre o Castelo de Leiria/Ernesto Korrodi**, Leiria: Imagens & Letras, 2009.

Gomes, Saul António – **O Convento de S. Francisco de Leiria na Idade Média**, Separata Itinerarium, XL (1994) Braga, 1994.

Gonçalves, Alda Sales Machado – **Toponímia de Leiria e um Pouco da sua História**, Junta de Freguesia de Leiria, Folheto edições e design, 2005.

Henriques, Francisco da Fonseca – **Aquilegio Medicinal**, Lisboa Occidental: Na Officina da Musica, 1726.

Kluber, Geoge – **A Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes, 1521-1706**, Lisboa: Assírio Bacelar, 1988.

Korrodi, Ernesto – **Alcobaça: Estudo Histórico-Archeológico e Artístico**, Porto: Litografia Nacional, 1929.

Margarido, Ana Paula – **Leiria, História e Morfologia Urbana**, Leiria: Câmara Municipal de Leiria, 1988.

Mestre, Vítor – **Arquitectura Ibérica Nº 5 Reabilitação**, Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2004.

Miguel, Tomé – **Património e Restauro em Portugal**, Lisboa: FAUP Publicações, 2002.

**O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria**, Braga, 1868.

Oliveira, Vítor Manuel Vieira – **Aos Olhos Alcandorados, o traço de Leiria**. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. Departamento de Arquitectura, Janeiro 1999.



Pereira, Jaqueline – **Relatório dos trabalhos de arqueologia realizados no interior da antiga moagem de Leiria, antes Convento de S. Francisco**, Julho de 2004.

Pimentel, António Fraga; Martins, João Guerra – **Reabilitação, Reabilitação de Edifícios Tradicionais**, série reabilitação, 2005.

Pousão-Smith, Selma – **Rodrigues Lobo, os Vila Real e a Estratégia do Dissimulatio**, vol. 1, Lisboa, 2008.

Pradalié, Gérard – **O Convento de São Francisco de Santarém**, Santarém: Câmara Municipal de Santarém, Novembro de 1992.

Ramalho, Maria M. B de Magalhães – **“Memórias Sepulcrais” do Convento de S. Francisco de Santarém**, Revista Portuguesa de ARQUEOLOGIA. Volume 4, número 1, 2001.

Ribeiro, Rui; Gaio, Gorete; Biscaia, Pedro; Oliveira, Genoveva; Sousa, Acácio de – **Ernesto Korrodi: Roteiro na Cidade de Leiria**, Leiria: ADLEI: CEPAE, 2004.

Silva, Vasco Emanuel Machado Pinto da – **Revolução (Des)Industrial**. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Arquitectura. Universidade de Coimbra, 2009.

Silva, Vítor; Soares, Francisco; Croci, Giorgio – **Arquitectura e Engenharia Civil; Qualificação para a Reabilitação e a Conservação**, Lisboa: Edições do Alentejo, 2000.

Zúquete, Afonso – **Monografia de Leiria: A Cidade e o Concelho 1950**, Folheto, Edições & Design 2003.



## Fontes das Imagens

**Imagem 1** – Fotografia do autor.

**Imagem 2** – <http://jofre.no.sapo.pt/D.%20Joao%20I%20retrato.jpg>

**Imagem 3** – Oficina de Arqueologia; Divisão de Museus e Património; Câmara Municipal de Leiria

**Imagem 4, 5 e 6** – Fotografia do autor.

**Imagem 7** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0020\_1.jpg

**Imagem 8** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0019\_1.jpg

**Imagem 9** – "Memórias Sepulcrais" do Convento de S. Francisco de Santarém, Revista Portuguesa de ARQUEOLOGIA. Volume 4, número 1, 2001.

**Imagem 10** – [http://4.bp.blogspot.com/\\_r3htvP6fnfQ/TB3132qVHF/AAAAAAAAABIs/L-jYAbbxNdA/s1600/S%C3%A3o+Francisco.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_r3htvP6fnfQ/TB3132qVHF/AAAAAAAAABIs/L-jYAbbxNdA/s1600/S%C3%A3o+Francisco.jpg)

**Imagem 11** – <http://www.monumentos.pt; PT031418120023> Convento e Igreja de São Francisco.

**Imagem 12, 13, 14, 15 e 16** – Imagem do autor.

**Imagem 17** – Oficina de Arqueologia; Divisão de Museus e Património; Câmara Municipal de Leiria.

**Imagem 18** – <http://www.flickr.com/photos/jpgmn/3376302199/#/>

**Imagem 19 e 20** – Oficina de Arqueologia; Divisão de Museus e Património; Câmara Municipal de Leiria

**Imagem 21** – <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/12874163.jpg>

**Imagem 22** – [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/004\\_Leiria](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/004_Leiria)

**Imagem 23 e 24** – Oficina de Arqueologia; Divisão de Museus e Património; Câmara Municipal de Leiria

**Imagem 25** – [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/072\\_Leiria](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/072_Leiria)

**Imagem 26** – [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/147\\_Leiria](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/147_Leiria)

**Imagem 27 e 28** – Fotografia do autor

**Imagem 29** – <http://www.tintafresca.net/noticias/media/44/20046161165554>

**Imagem 30** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0002\_1.jpg

**Imagem 31** – [http://www.tintafresca.net/\\_uploads/Edicao1003/castelo\\_Leiria\\_miolo.JPG](http://www.tintafresca.net/_uploads/Edicao1003/castelo_Leiria_miolo.JPG)

**Imagem 32** – Estudos de Reconstrução Sobre o Castelo de Leiria/Ernesto Korrodi

**Imagem 33** – [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=PT021009120002](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=PT021009120002)

**Imagem 34** – [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/028\\_Leiria](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/028_Leiria)

**Imagem 35** – [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/029\\_Leiria](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais2/Leiria/029_Leiria)

**Imagem 36** – Leiria : palco de comunicação, Dissertação de Mestrado de Inês Sofia Caseiro Antunes





**Imagem 37 e 38** – <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=606691>

**Imagem 39, 40 e 41** – <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/09/lisboa-do-passeio-publico-as-avenidas.html>

**Imagem 42** – Divisão de Reservados da Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira, Leiria 1933-16.pdf

**Imagem 43** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação,PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0009a\_1. jpg e PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0009\_1.jpg

**Imagem 44** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0003\_1.jpg

**Imagem 45** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0018\_1.jpg

**Imagem 46** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0021\_1.jpg

**Imagem 47** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0015\_1.jpg

**Imagem 48** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0022\_1.jpg

**Imagem 49** – Arquivo distrital de Leiria. Processo 3-C-4\_Companhia Leiriense de Moagem - Adaptação, PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0008a\_1. jpg e PT-ADLRA-PSS-EKO-C-A-006-025-007-00054\_m0008\_1.jpg

**Imagem 50 e 51** – Oficina de Arqueologia; Divisão de Museus e Património; Câmara Municipal de Leiria

**Imagem 52** – [http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/Leiria/157\\_Leiria](http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/Leiria/157_Leiria)

**Imagem 53** – [http://guiadoestudante.ipleiria.pt/files/2011/10/Galeria\\_Banco\\_Portugal.jpg](http://guiadoestudante.ipleiria.pt/files/2011/10/Galeria_Banco_Portugal.jpg)

**Imagem 54, 55 e 56** – LEIRIA: A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA CIDADE MODERNA (1926-1974). Dissertação de Mestrado de Joel da Costa Correia

**Imagem 57** – Fotografia do autor

**Imagem 58** – <http://maps.google.com/>

**Imagem 59** – fotografia do autor

**Imagem 60** – <http://maps.google.com/>

**Imagem 61** – Levantamento do estado actual cedido pelo Arq. António Garcia

**Imagem 62** – <http://maps.google.com/>

**Imagem 63 e 64** – Revolução (Des)Industrial. Dissertação de Mestrado de Vasco Emanuel Machado Pinto da Silva

**Imagem 65** – <http://www.madriadiario.es/mdo/actual/canales/distritos/archivo/arganzuela/recursos/plano2%20mataderomadrid%20gr.jpg>

**Imagem 66** – [http://www.transartists.org/sites/ta.m13g.com/files/address\\_photo/naves-matadero-prueba-0.jpg](http://www.transartists.org/sites/ta.m13g.com/files/address_photo/naves-matadero-prueba-0.jpg)

**Imagem 67** – [http://www.madrid.es/UnidadesDescentralizadas/UDCMedios/noticias/2009/07Julio/09Jueves/NotasPrensa/matadero/ficheros/pw\\_Matadero\\_1.jpg](http://www.madrid.es/UnidadesDescentralizadas/UDCMedios/noticias/2009/07Julio/09Jueves/NotasPrensa/matadero/ficheros/pw_Matadero_1.jpg)

**Imagem 68** – Revolução (Des)Industrial. Dissertação de Mestrado de Vasco Emanuel Machado Pinto da Silva

**Imagem 69** – <http://maps.google.com/>

**Imagem 70 e 71** – Fotografia do autor

**Imagem 72** – A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Actividades e Espaços de Cultura. Dissertação de Mestrado de Gonçalo José Veloso Queirós de Carvalho



**Imagem 73** – [http://alexandrepomar.typepad.com/photos/uncategorized/2008/02/20/picture\\_1.png](http://alexandrepomar.typepad.com/photos/uncategorized/2008/02/20/picture_1.png)

**Imagem 74** – <http://www.portugalnigh.com/files/lx%20factory%202009%2004%20100%20%2815%29.jpg>

**Imagem 75** – <http://1.bp.blogspot.com/-sS2l-gbwptE/Tz7TfbuOS7I/AAAAAAAAAL50/fQxwnuH80iw/s1600/Ler+Devagar.jpeg>

**Imagem 76** – [http://www.iduna.pt/images/1\\_13.jpg](http://www.iduna.pt/images/1_13.jpg)

**Imagem 77** – <http://www.flickr.com/photos/psousa/4335428532/#/photos/psousa/4335428532/lightbox/>

**Imagem 78** – Fotografia do autor

**Imagem 79 a 85** – Fotografias cedidas pelo Arquitecto António Garcia.

**Imagem 86 a 97** – Imagens do autor.



ANEXOS



COMPANHIA LEIRIENSE

—○— MOAGENS —○—

ESTADO ATUAL DO EDIFÍCIO  
ADQUIRIDO PELA EMPRESA  
PARA ADAPTAR ÀS SUAS  
INSTALAÇÕES

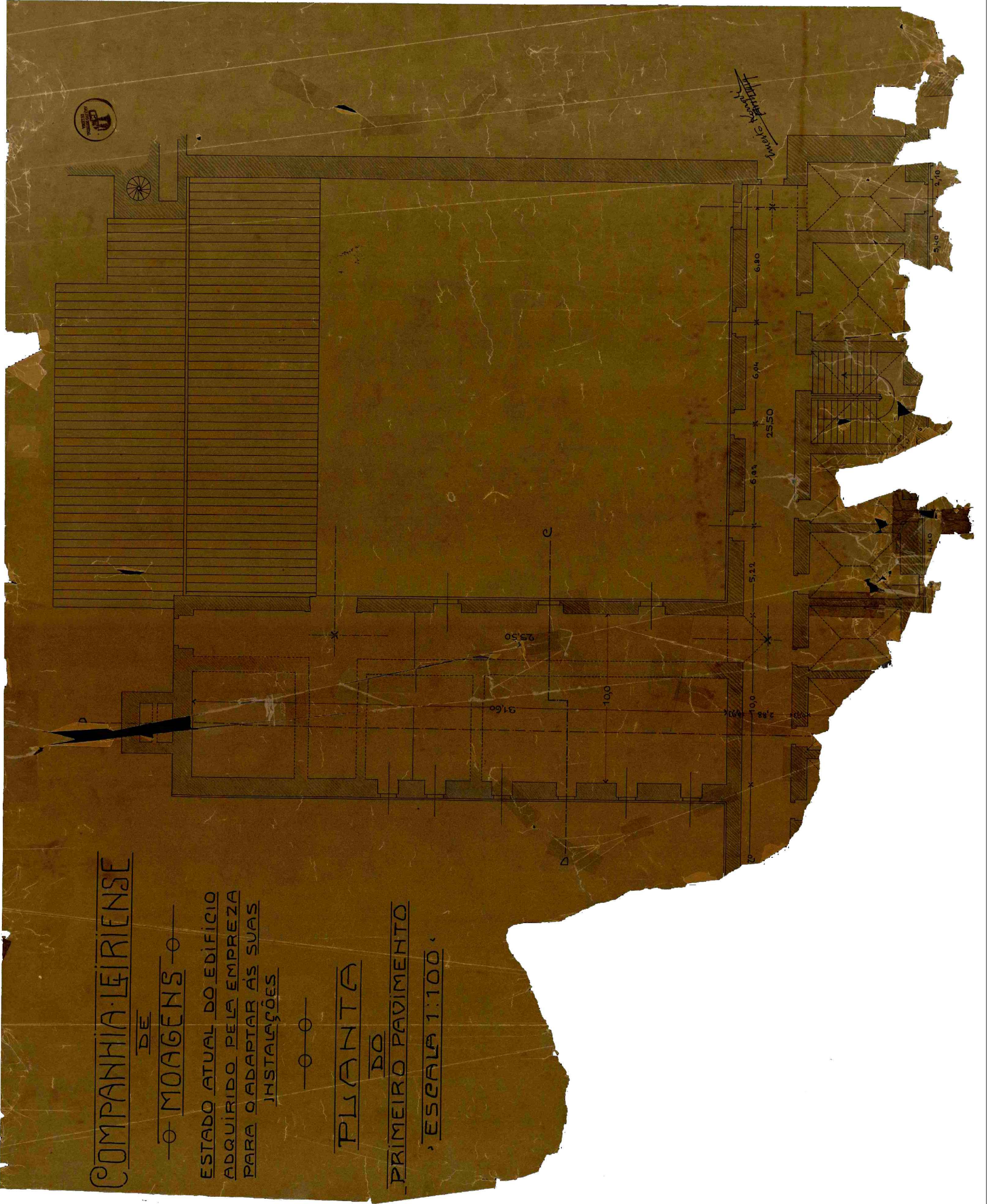
—○—

PLANTA

DO

PRIMEIRO PAVIMENTO

ESCALA 1:100





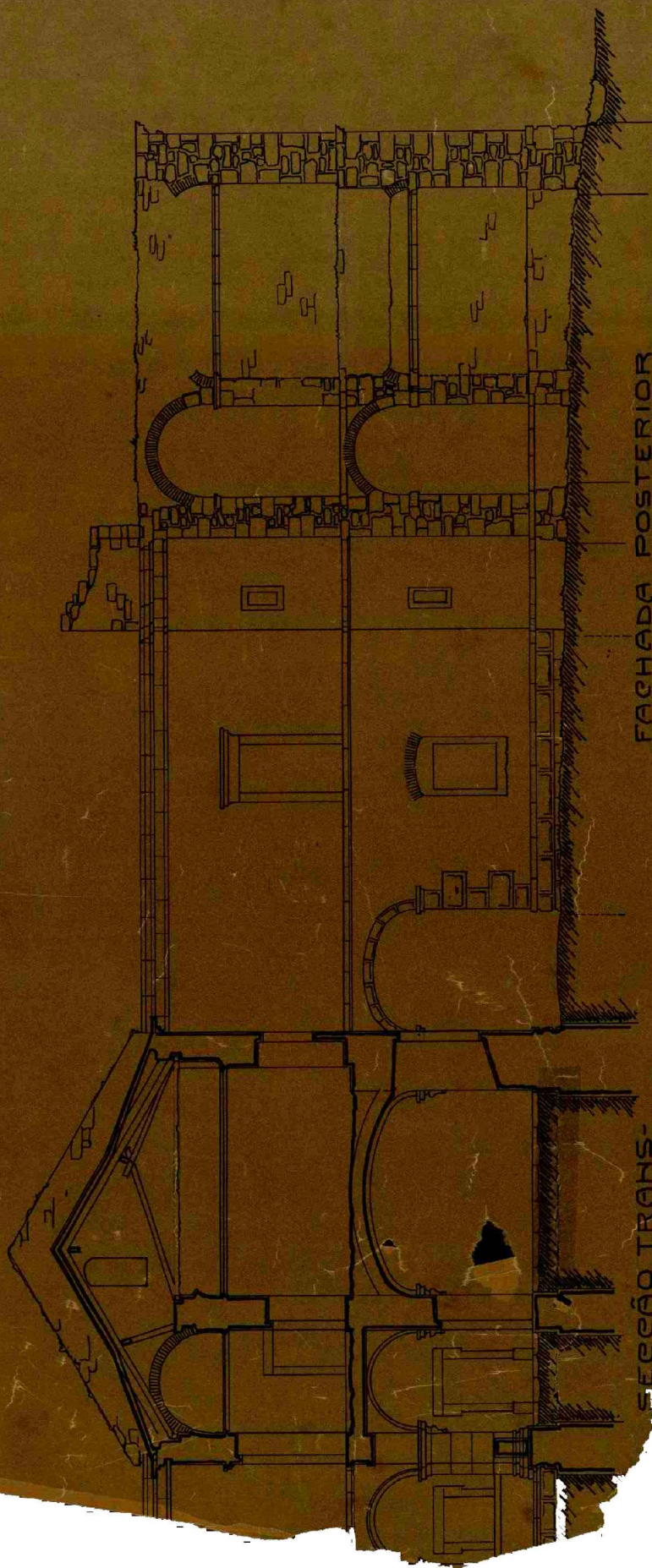
# COMPANHIA LEIRIENSE

DE

MOAGENS

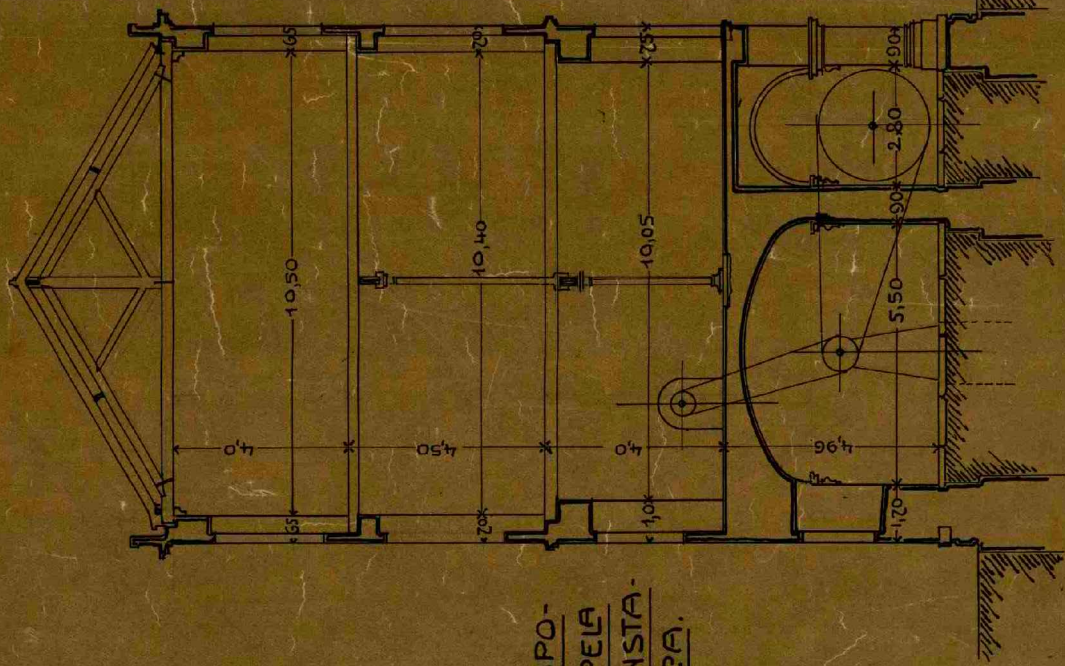


ESTADO ATUAL DO EDIFÍCIO  
ADQUIRIDO PELA EMPRESA  
PARA O ADAPTAR ÀS SUAS  
INSTALAÇÕES

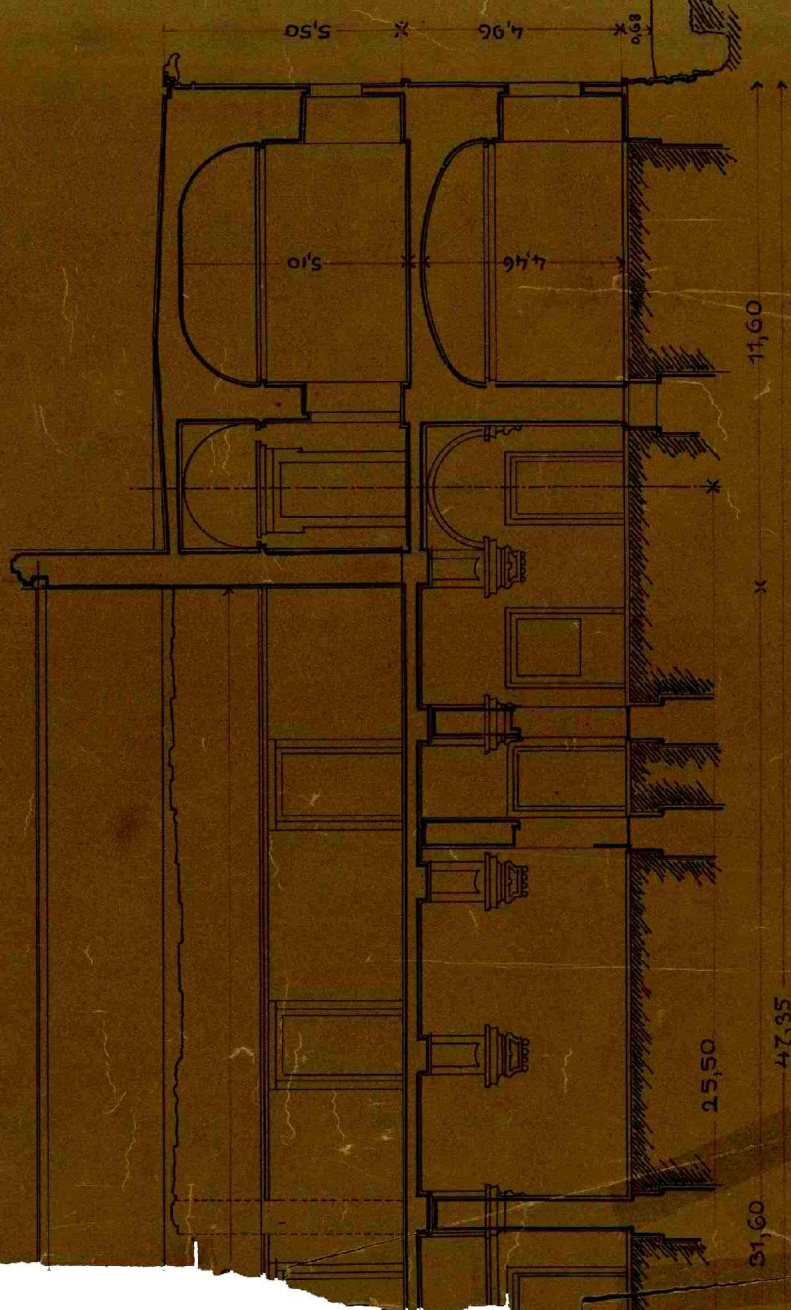


SEÇÃO TRANSVERSAL PELO CORPO DE LIGAGÃO

FACHADA POSTERIOR DO ANEXO



ESQUEMA DE DISPOSIÇÃO PROPOSTO PELA EMPRESA PARA INSTALAÇÃO DA FABRICA.



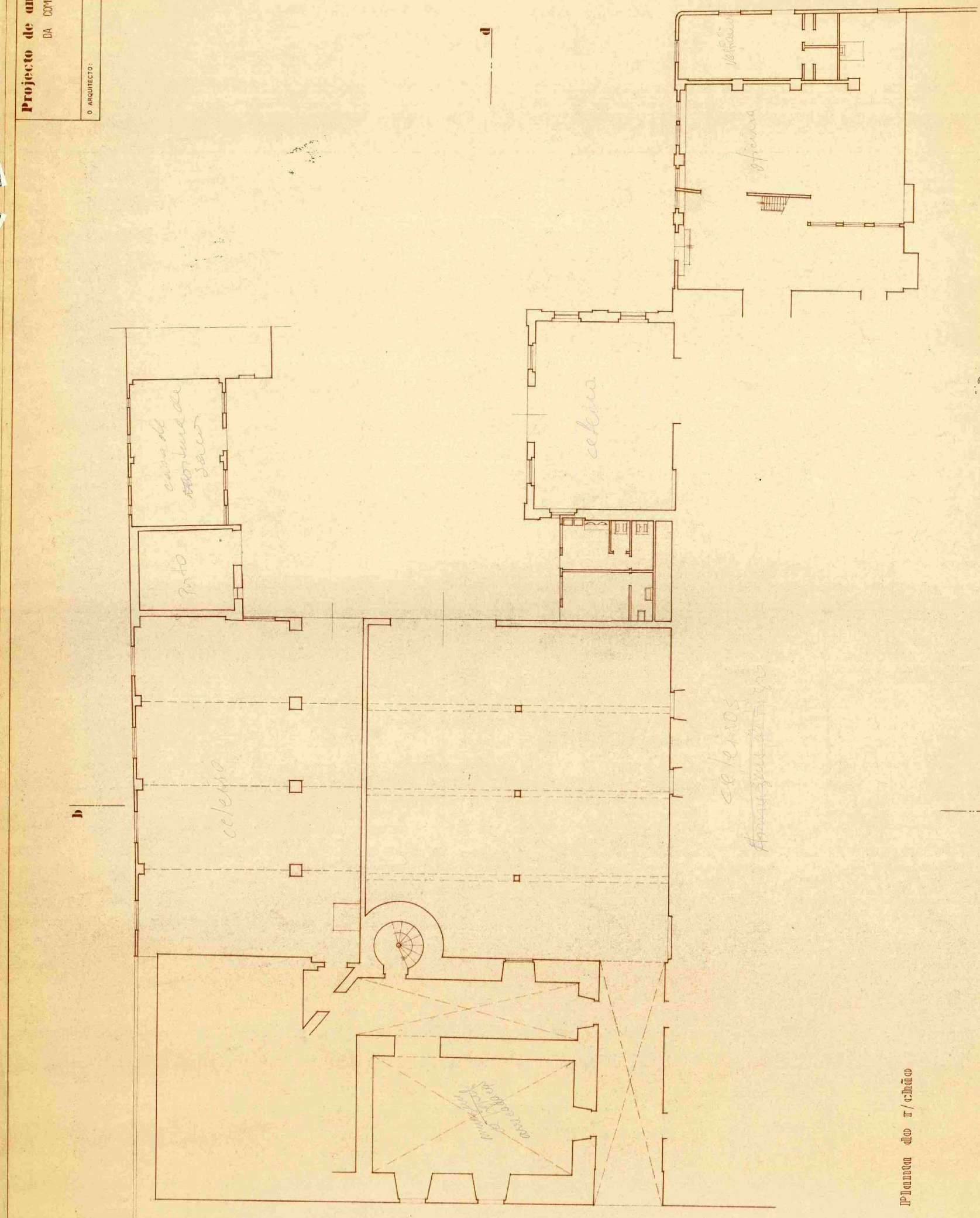
Ernesto Korrodi



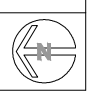




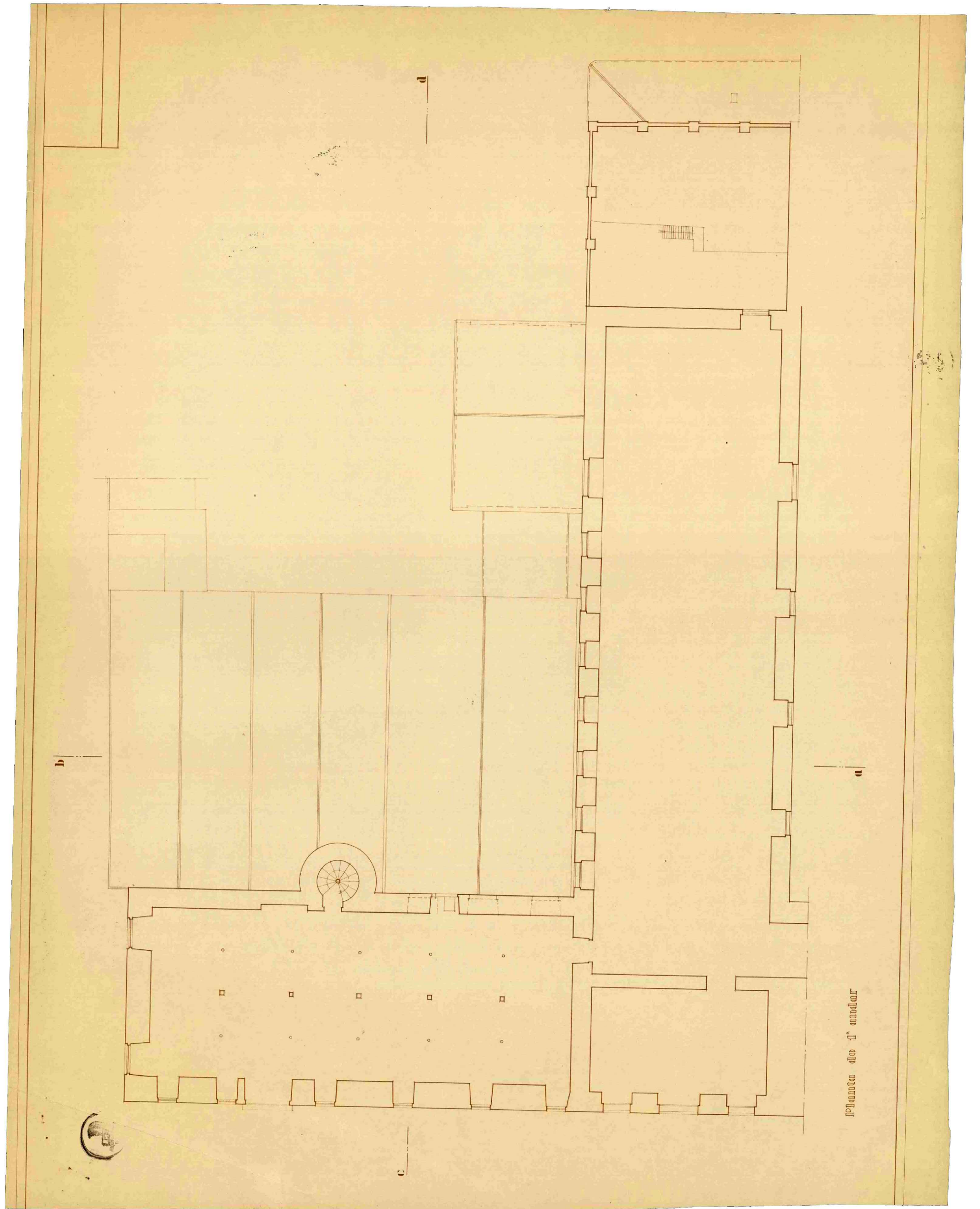
**Projecto de ampliação** DAS INSTALAÇÕES  
 DA COMPANHIA LEIRENSE DE MOAGEM  
 LEIRIA - 1978  
 ESCALA DE 1/100  
 O ARQUITECTO:



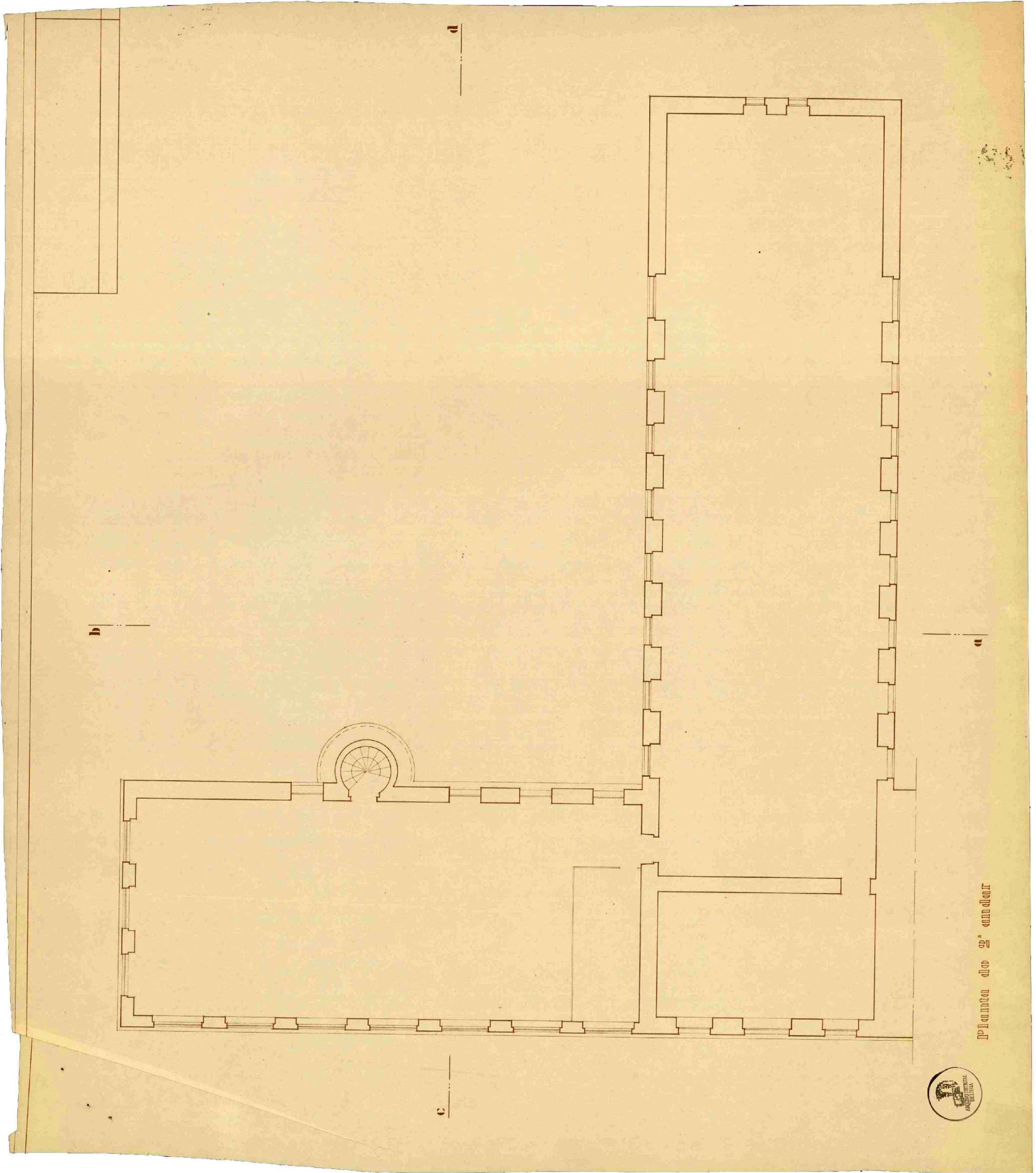
Planta do 1.º andar



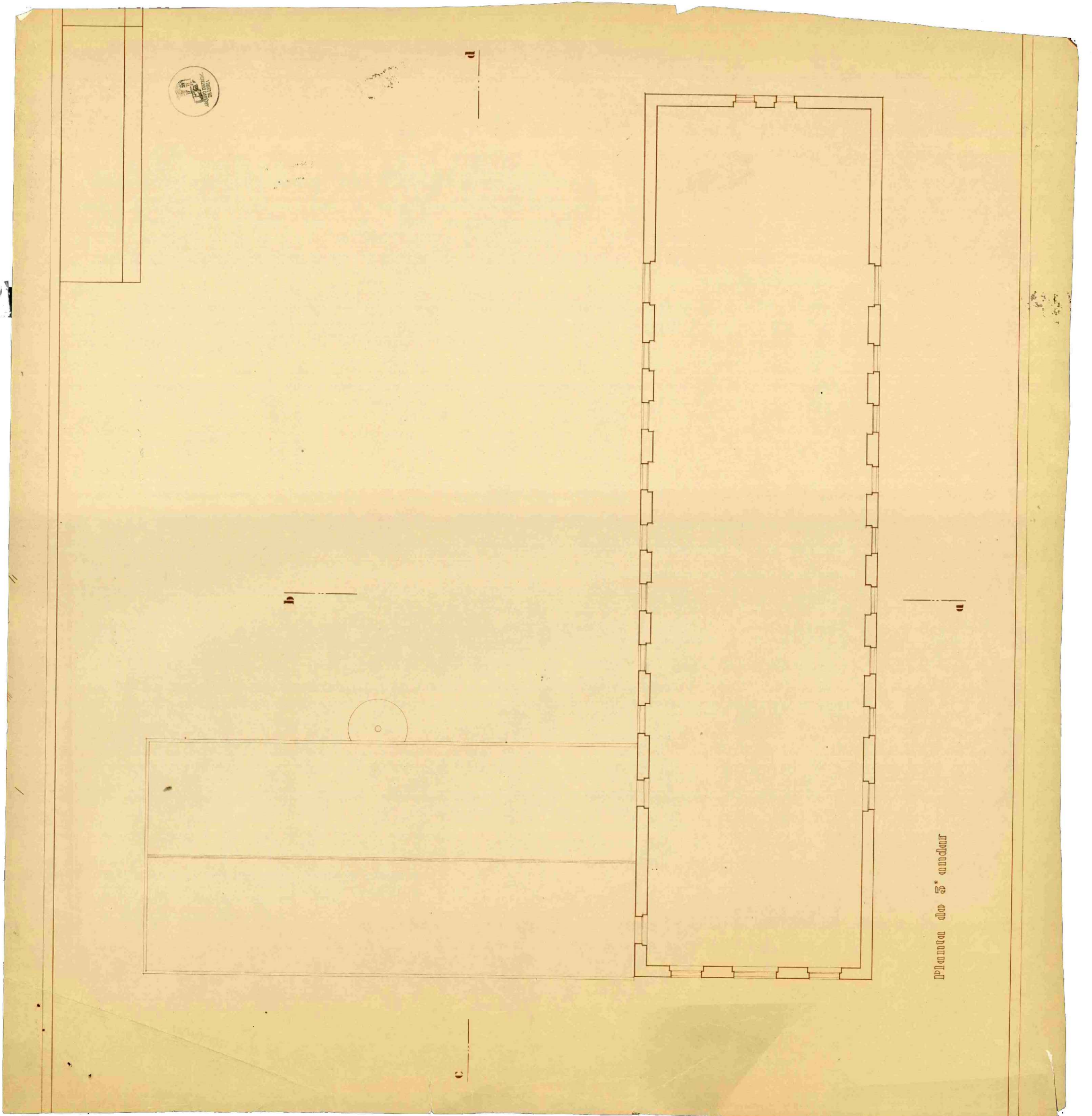












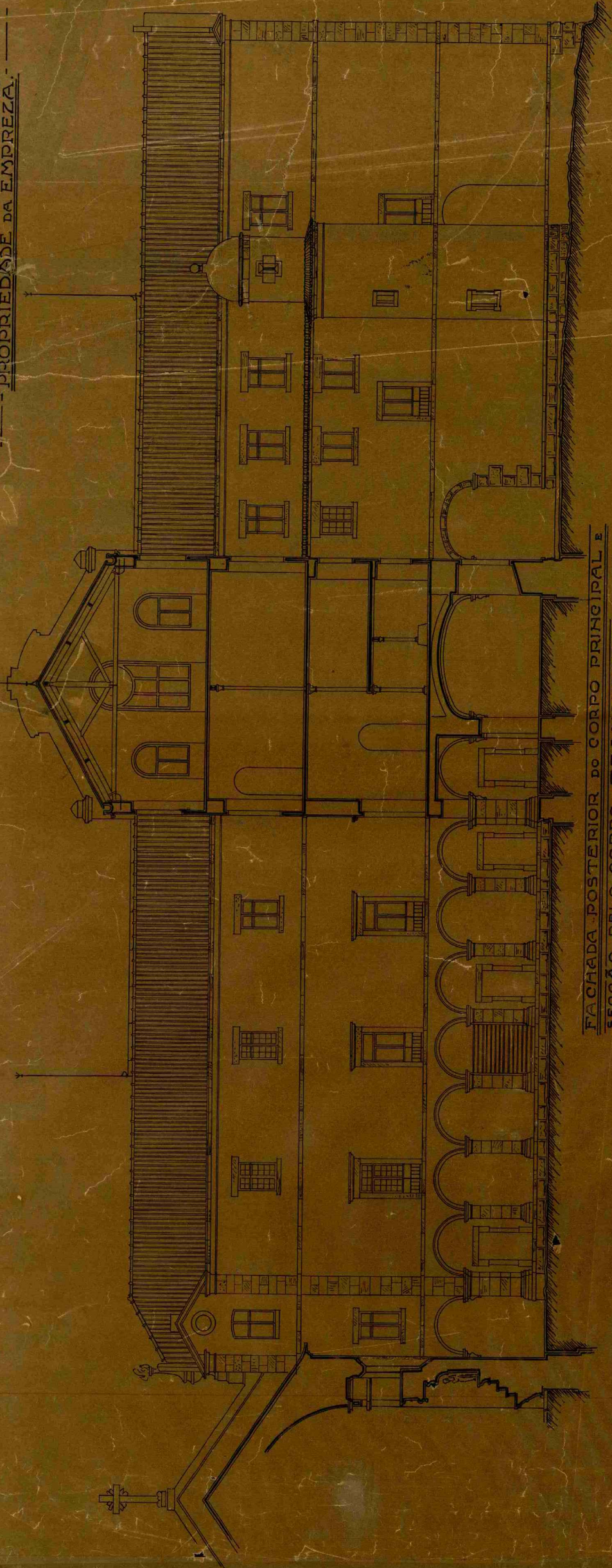
Planta do 3º andar





PROJECTO DE ADAPTAÇÃO A FABRICA DE MOAGEM  
DO EXTINTO CONVENTO DE S. FRANCISCO EM LEIRIA

PROPRIEDADE DA EMPRESA.



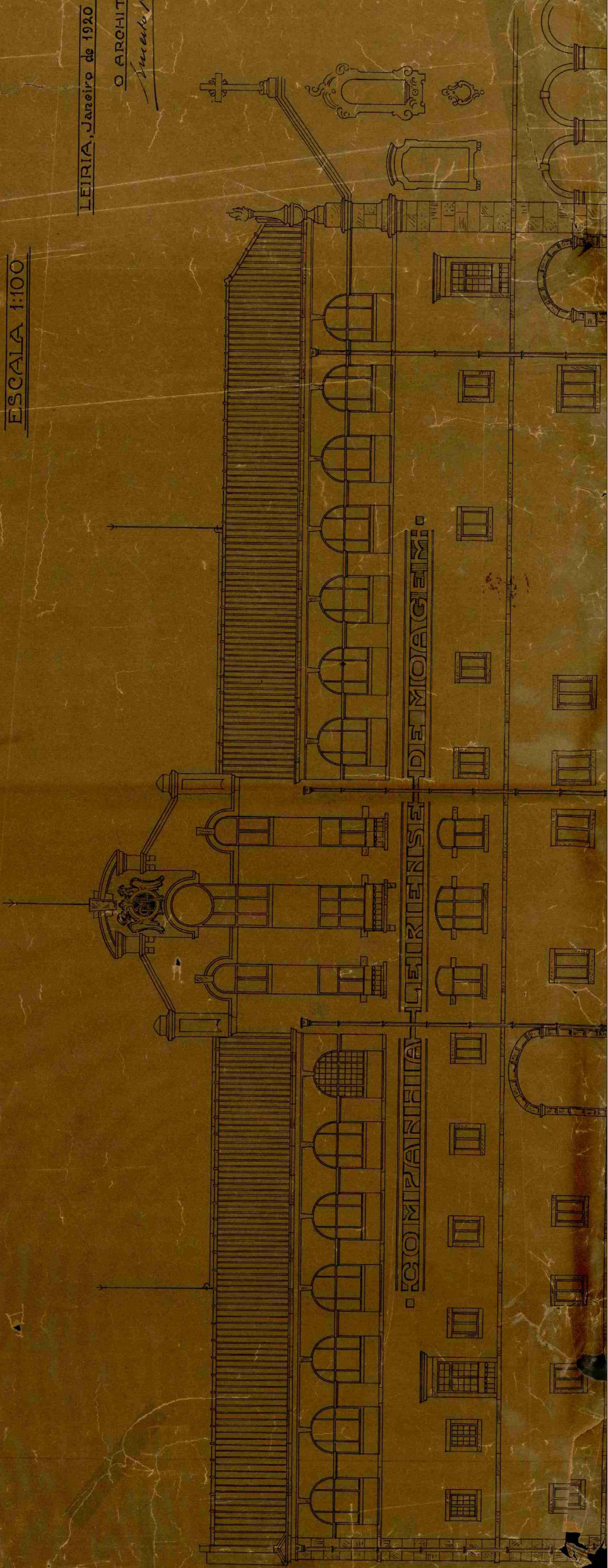
FACHADA POSTERIOR DO CORPO PRINCIPAL E  
SEÇÃO PELO CORPO TRANSVERSAL

ESCALA 1:100

LEIRIA, Janeiro de 1920

O ARCHITECTO

*Alçado Nascente*



COMPANHIA LEIRIENSE DE MOAGEM

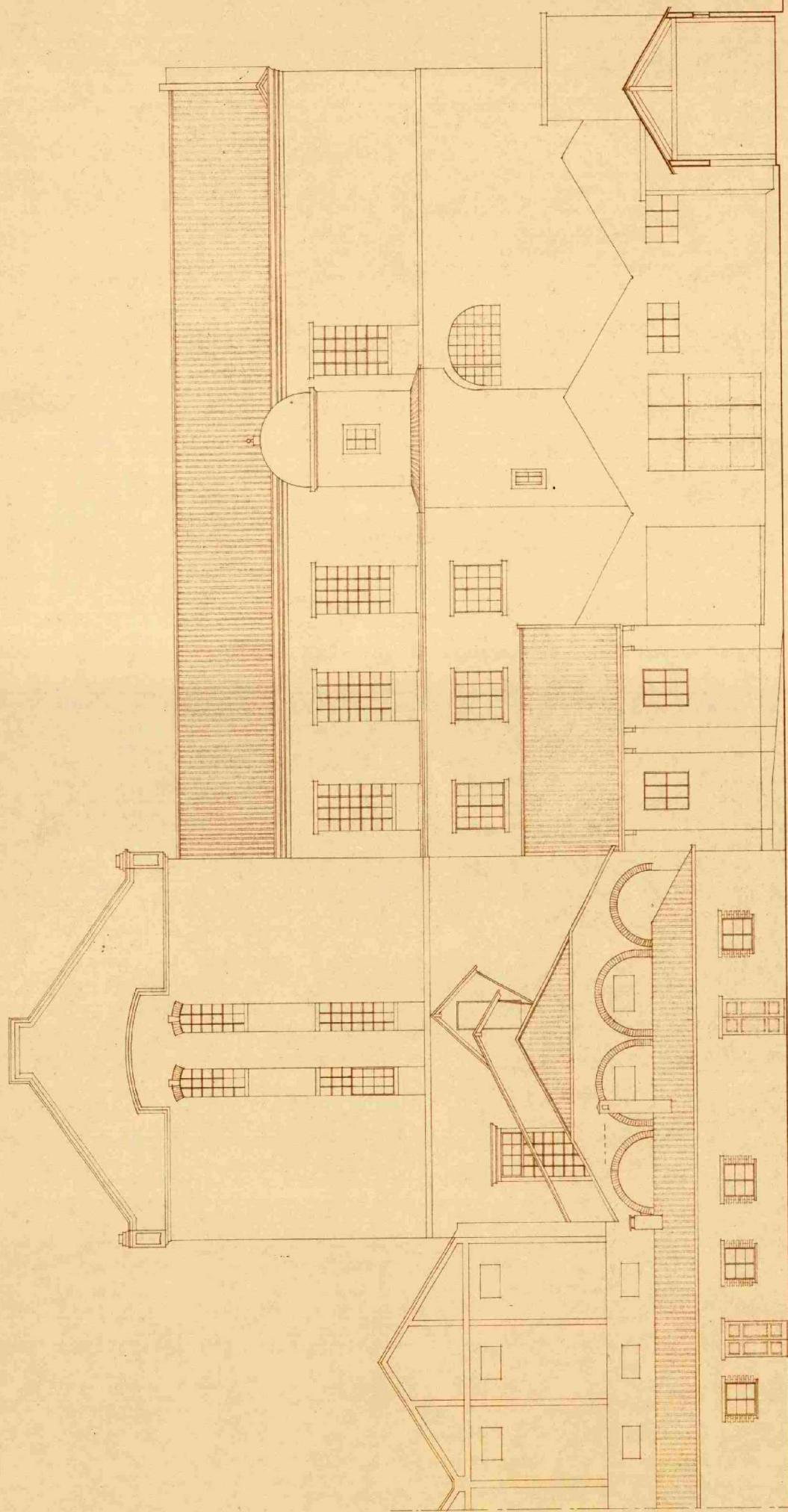






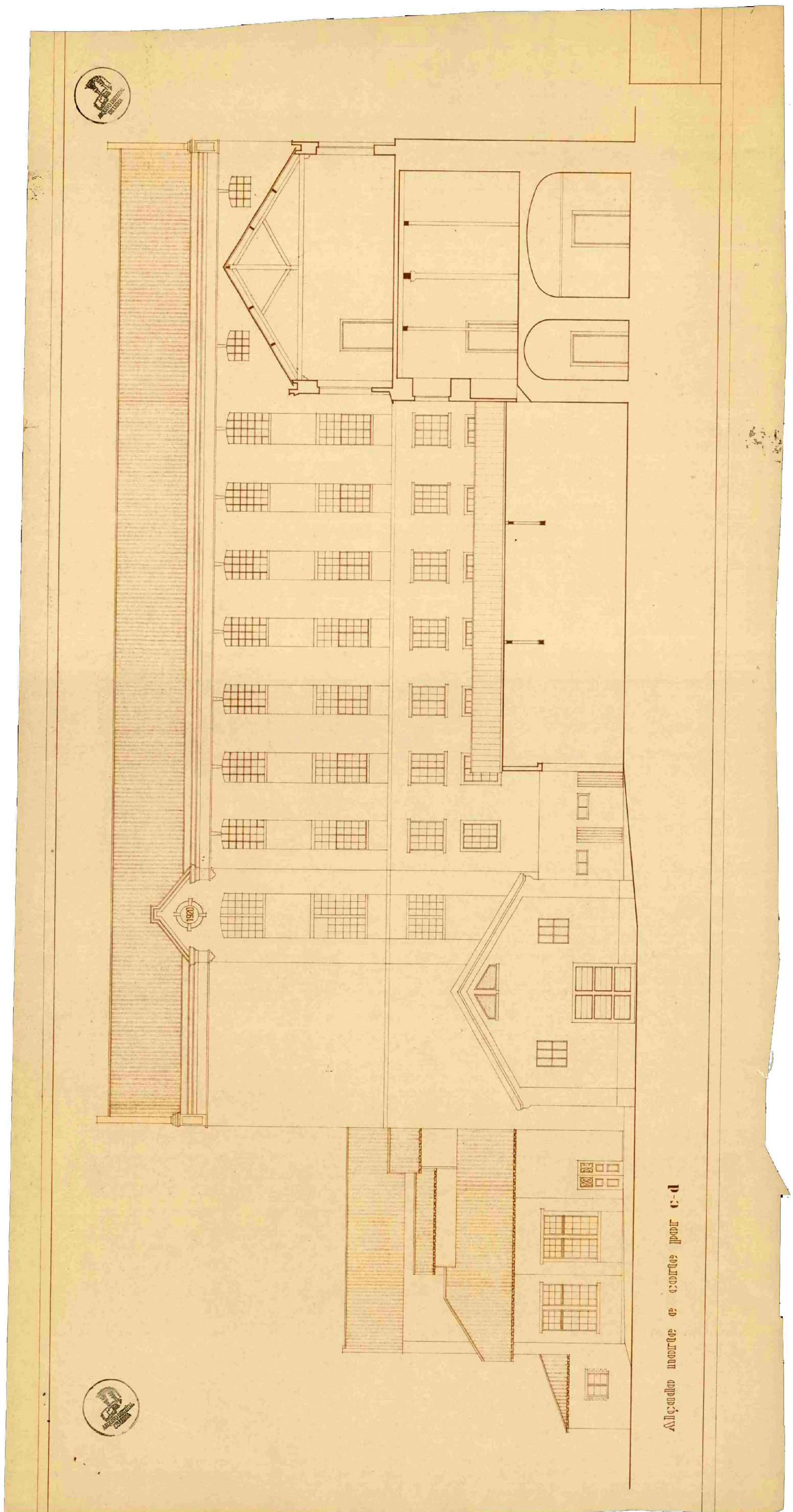






Alçado nascente

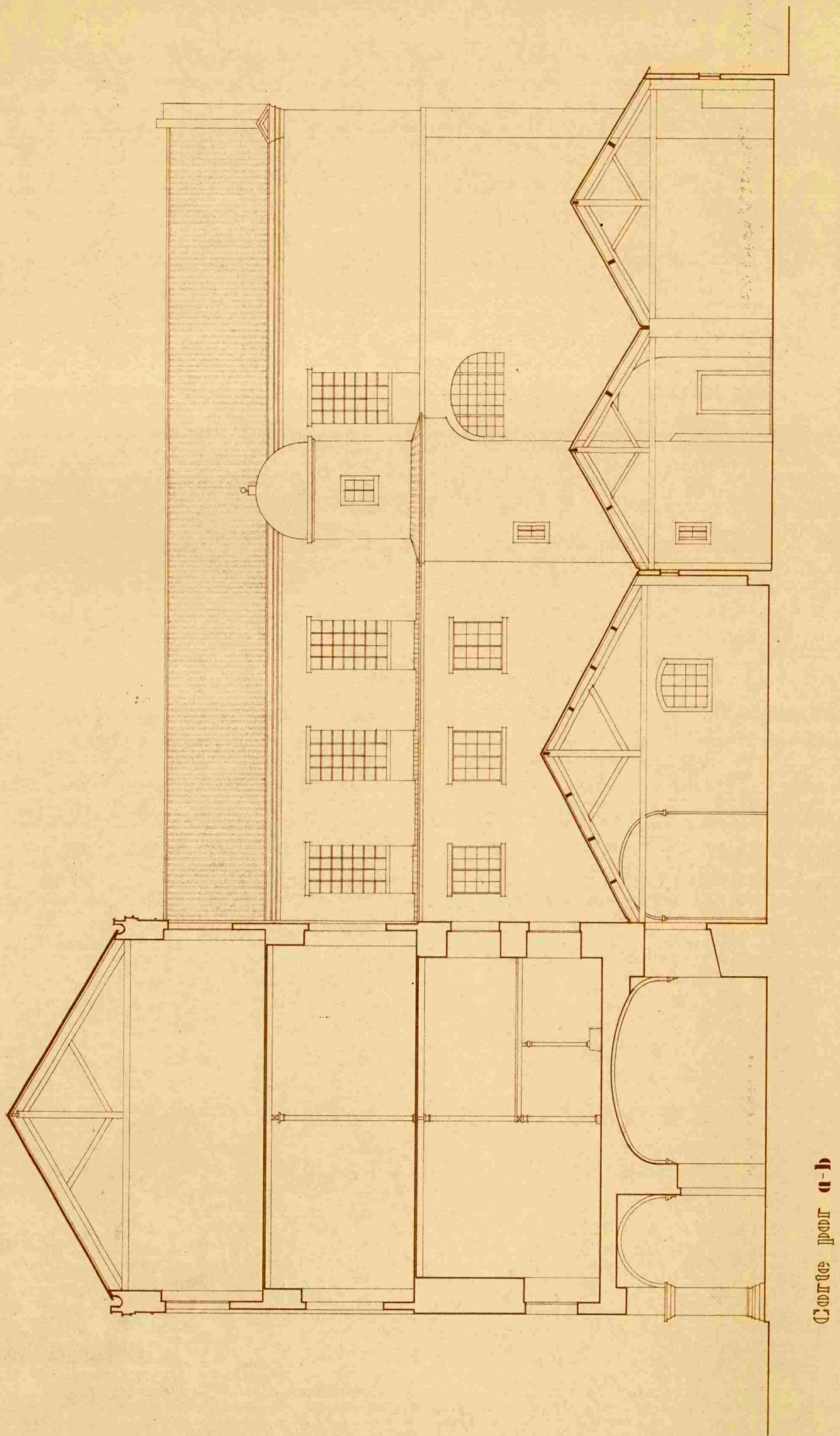




Alçado norte e corte por C-D







Corte por a-b







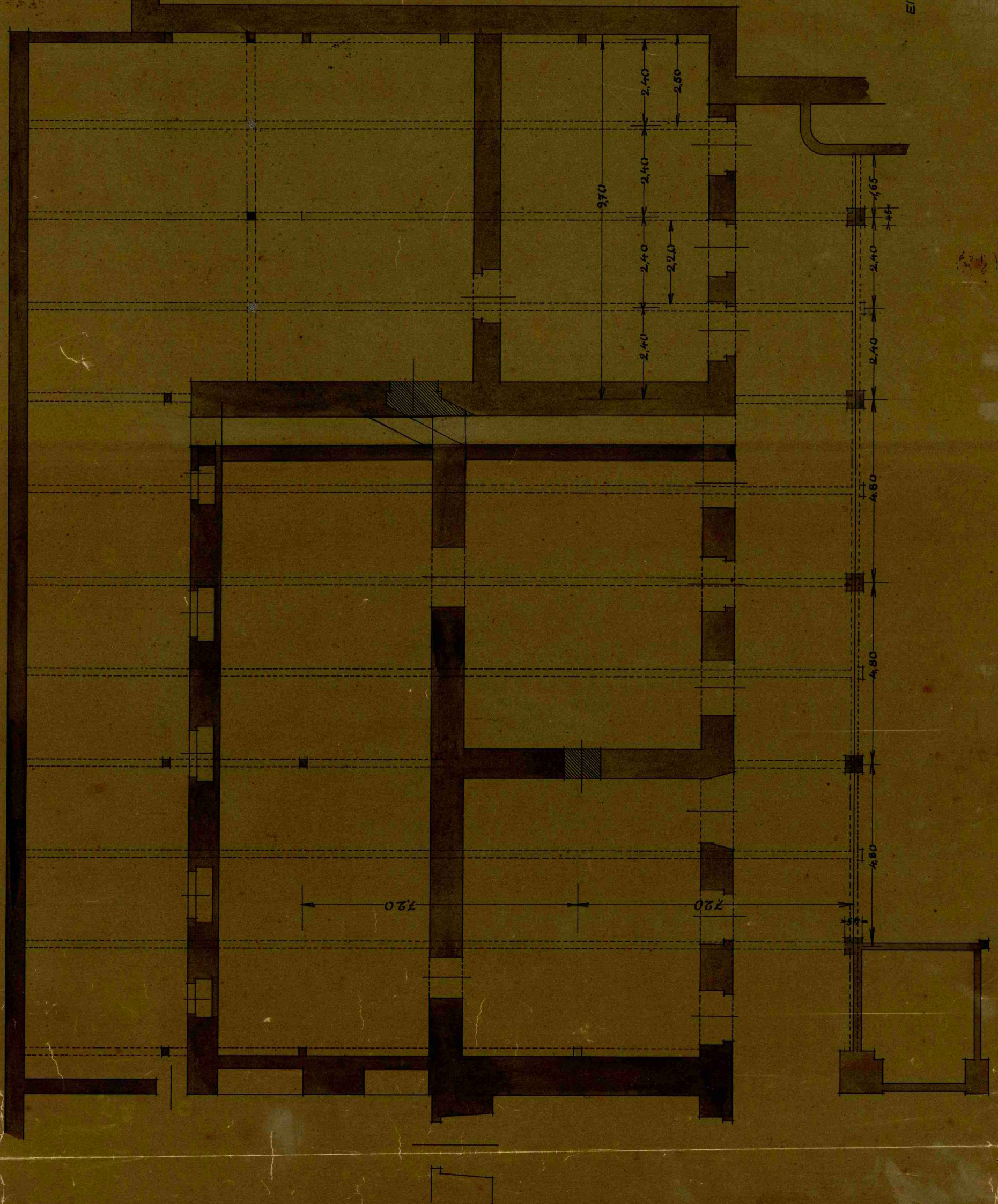
PROJETO DE UM  
CELEIRO PARA A FÁ-  
BRICA DA COMPA-  
NHIA DE MOAGEM  
EM LEIRIA

ESCALA 1/50

PLANTA DO PAVI-  
MENTO TERREO

LEIRIA 30 DE OUTUBRO 1937

ERNESTO E CAMILO KORRODI  
arquitetos





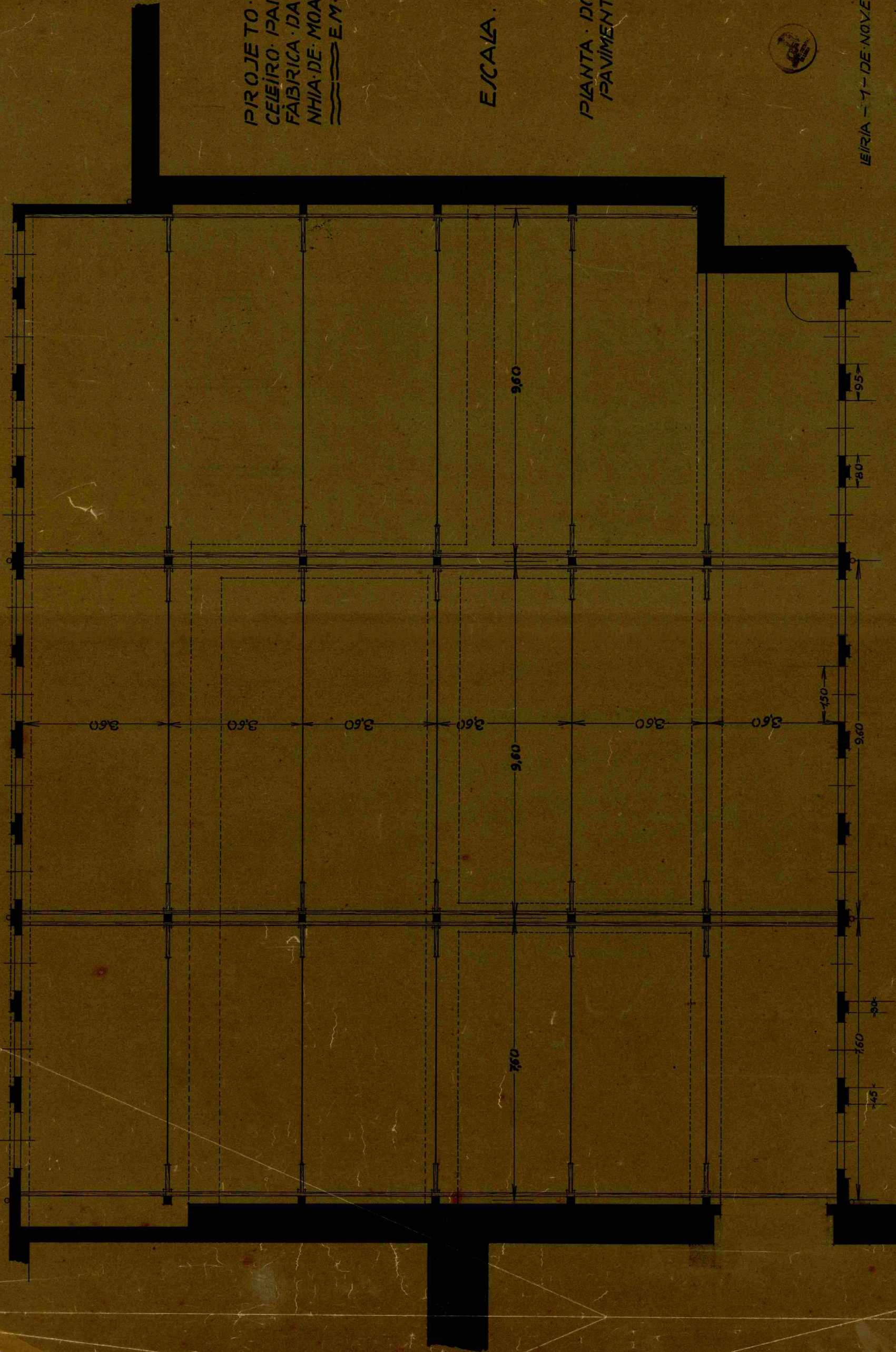
PROJECTO DE UM  
CELEIRO PARA A  
FÁBRICA DA COMPANHIA  
DE MOAGEM  
EM LEIRIA

ESCALA 1/50

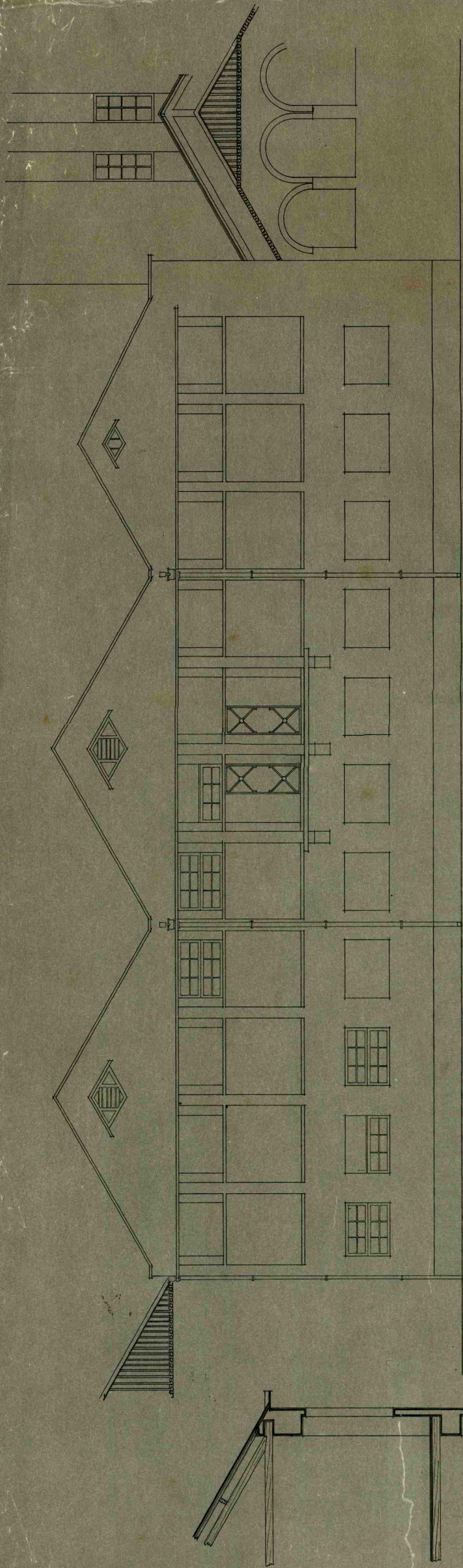
PLANTA DO 1.º  
PAVIMENTO

LEIRIA - 1 - DE NOVEMBRO 1931

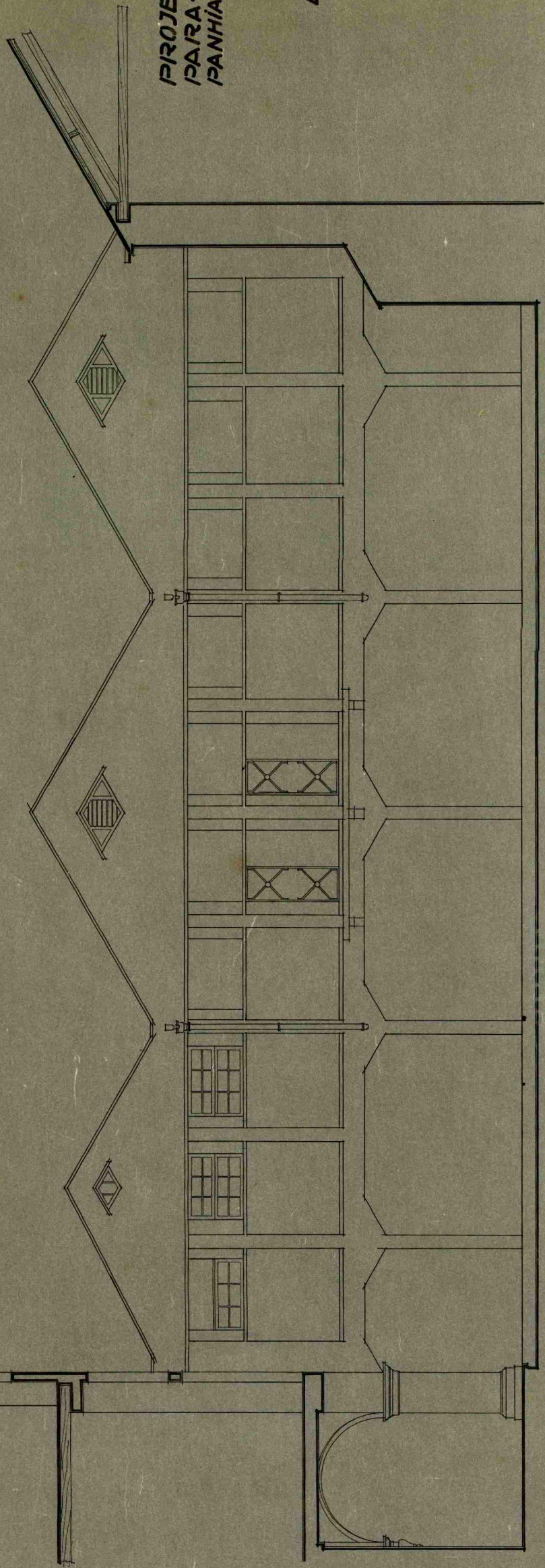
ERNESTO E. KORRODI  
arquiteto







FACHADA · SÔBRE · O · MARACHÃO



FACHADA · SÔBRE · OS · CLAUSTROS

PROJETO · DE · UM · CELEIRO  
PARA · A · FABRICA · DA · COM  
PANHA · DE · MOAGEM · = · LEIRIA

ESCALA 1/50




LEIRIA · 20 · DE · NOVEMBRO · DE · 1931

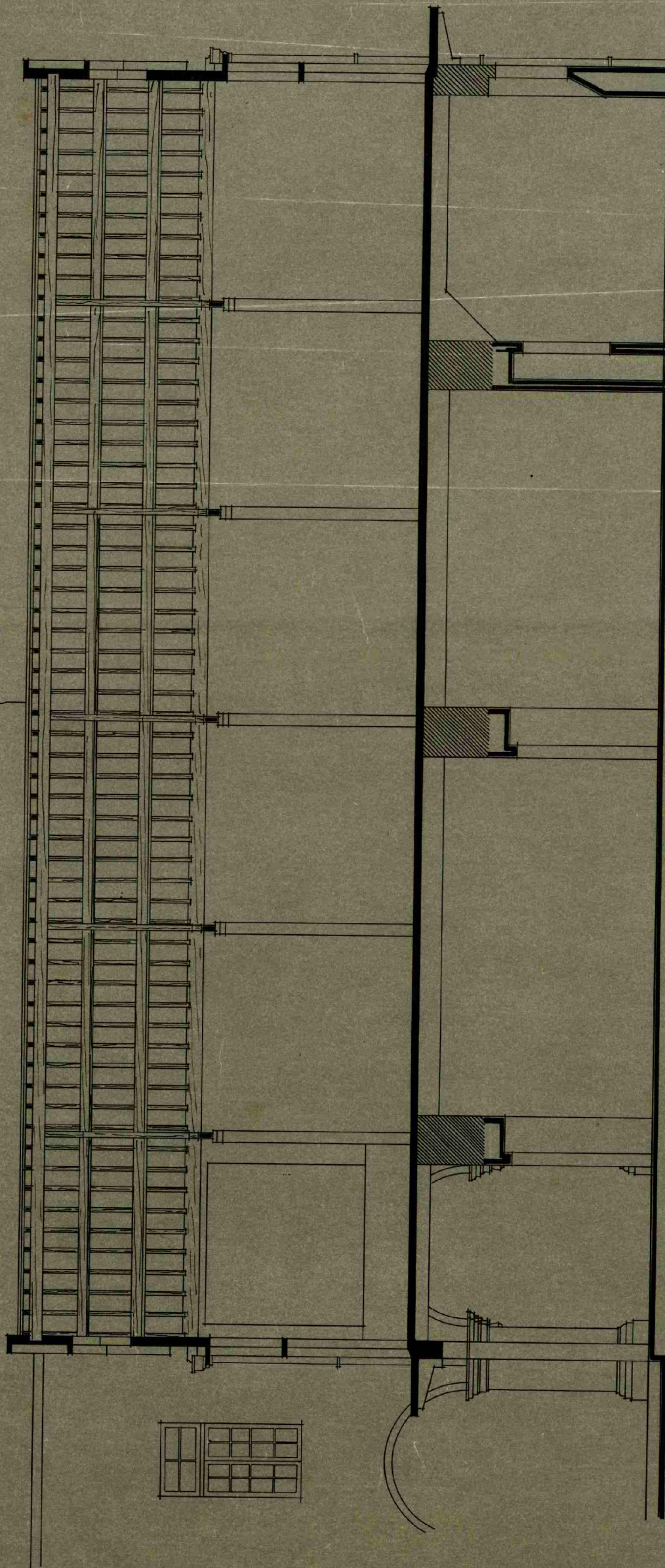
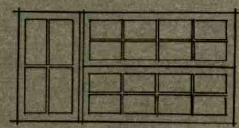
ERNESTO · E · KORRODI  
ARQUITETO





**LEGENDA**

-  ALVENARIA · EXISTENTE
-  ALVENARIA · A · CONSTRUIR
-  CIMENTO · ARMADO



**PROJETO DE UM CELEIRO PARA  
A FABRICA DA COMPANHIA DE MOAGEM  
EM LEIRIA**

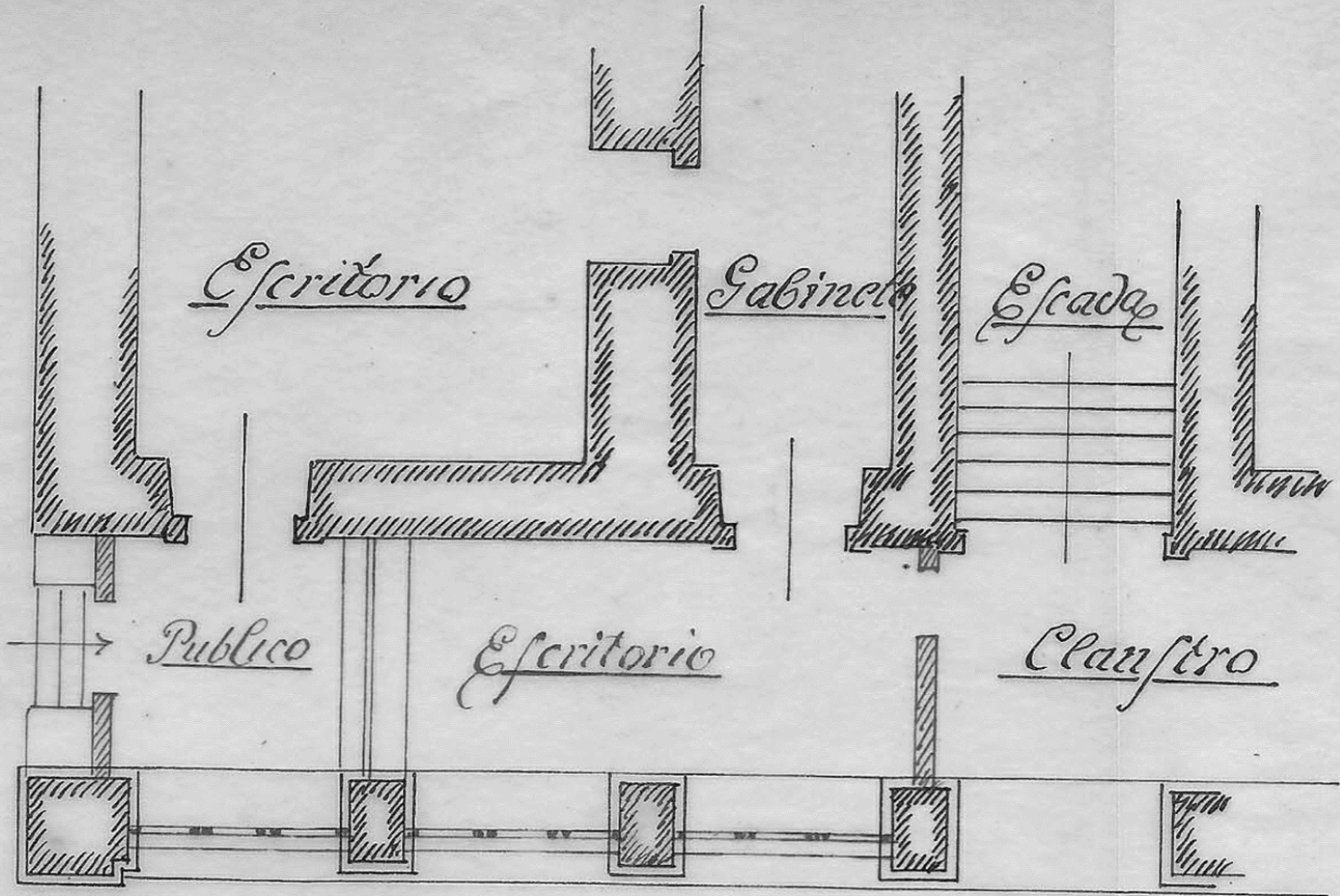
**ESCALA 1/50**

**LEIRIA · 21 DE NOVEMBRO DE 1931**

**ERNESTO · E · CAMILO · KORRODI  
ARQUITETO**

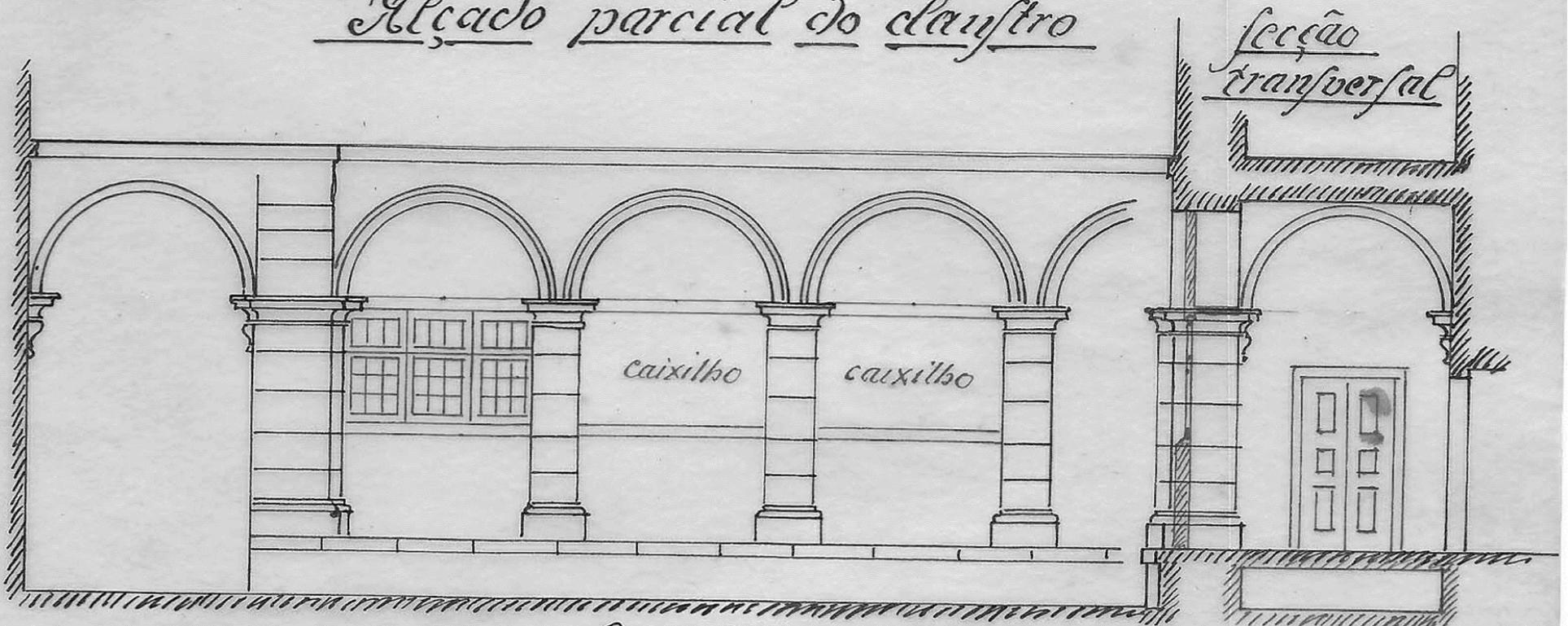


*Entrada e Saída de Carros*



*Pátio*

*Alçado parcial do claustro*



*Escala 1:100*

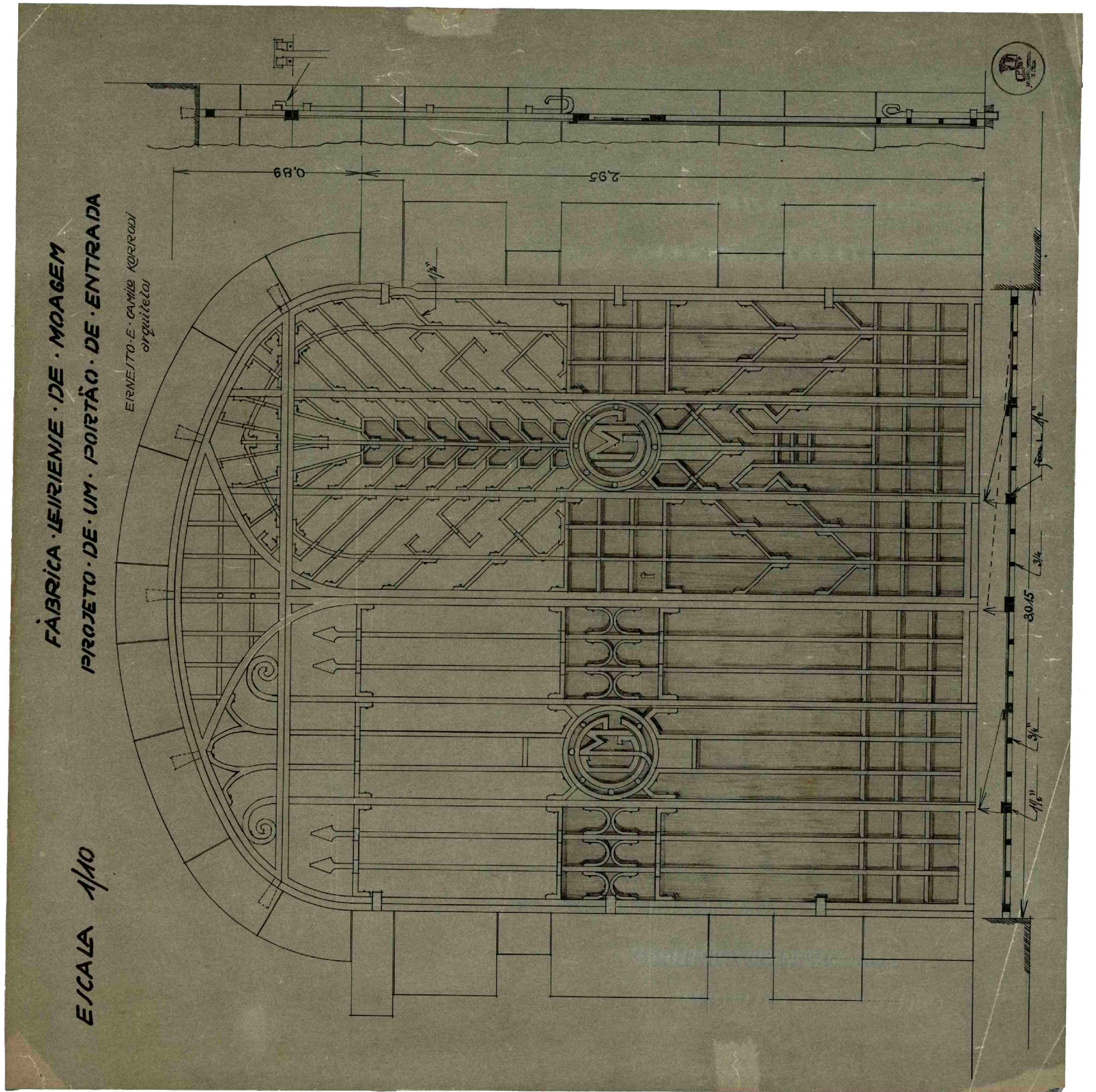
*Companhia Leiriense de Moagem*  
*Projeto de Alargamento*  
*do Escritório*



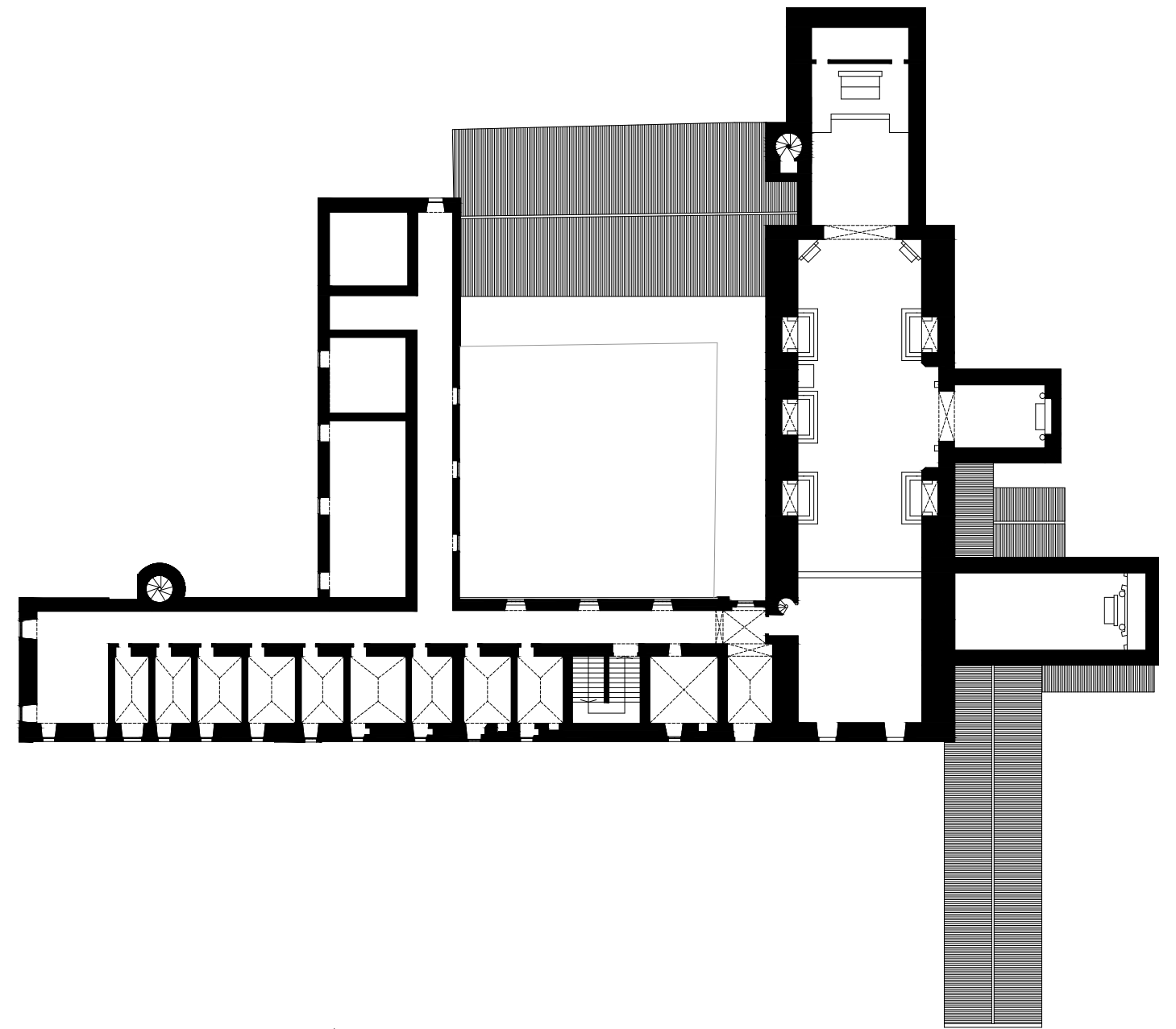
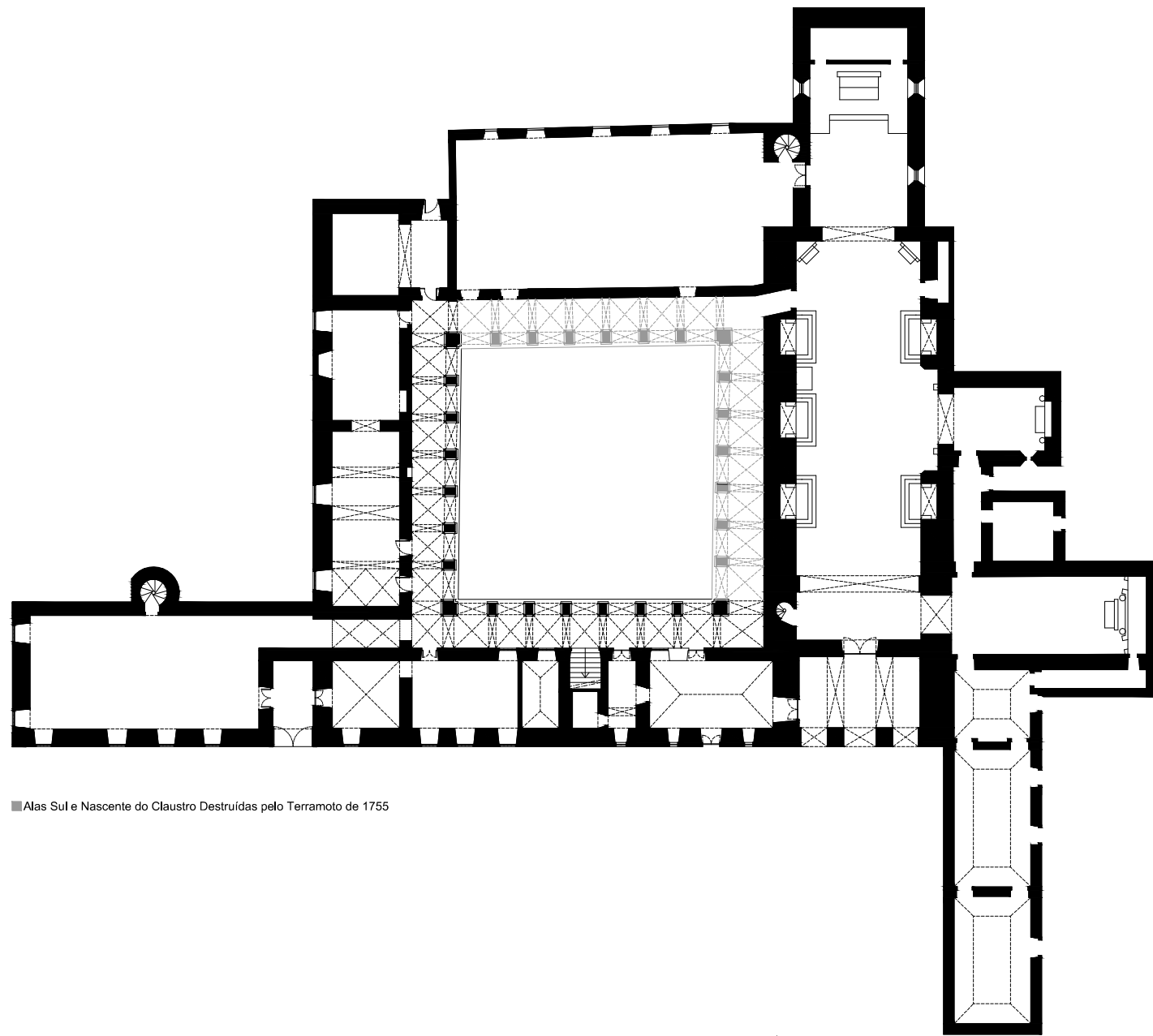
*Leiria 3 de Dezembro 1927*

*Ernesto Korrodi*  
*arch*









■ Alas Sul e Nascente do Claustro Destruidas pelo Terramoto de 1755

